

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESQ
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE
NACIONAL - PROFLETRAS



Câmpus Universitário de Araguaína
Av. Paraguai, S/N – Setor CIMBA - CEP: 77 824 – 838
(63) 2112-2236 | www.uft.edu.br/profletras | profletras@uft.edu.br

ANDRÉIA FRANCISCA DE MOURA

**O ENSINO DO GÊNERO MEMÓRIAS LITERÁRIAS PARA O RESGATE
CULTURAL NUMA ESCOLA DO CAMPO**

**ARAGUAÍNA - TO
2019**

ANDRÉIA FRANCISCA DE MOURA

**O ENSINO DO GÊNERO MEMÓRIAS LITERÁRIAS PARA O RESGATE
CULTURAL NUMA ESCOLA DO CAMPO**

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Dra. Ana Cláudia Castiglioni

ARAGUAÍNA - TO

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

M929e Moura, Andréia Francisca de.
 O Ensino do gênero memórias literárias para o resgate cultural numa escola do campo . / Andréia Francisca de Moura. – Araguaína, TO, 2019.
 141 f.

 Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) Profissional em Letras Ensino de Língua e Literatura, 2019.
 Orientadora : Ana Claudia Castiglioni

 1. Textos. 2. Memórias. 3. Sequência didática. 4. Identidades. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

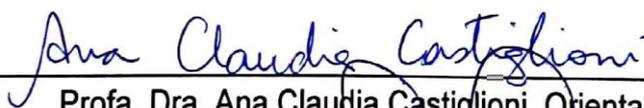
ANDRÉIA FRANCISCA DE MOURA

**O ENSINO DO GÊNERO MEMÓRIAS LITERÁRIAS PARA O RESGATE
CULTURAL NUMA ESCOLA DO CAMPO**

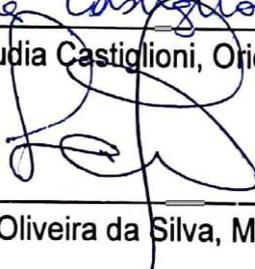
Dissertação apresentada ao programa de Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela banca examinadora.

Data da aprovação 23 / 09 / 2019

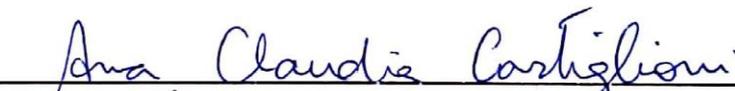
Banca examinadora



Profa. Dra. Ana Claudia Castiglioni, Orientadora (UFT)



Profa. Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva, Membro Interno (UFT)



Profa. Dra. Ângela Francine Fuza, Membro Externo (UFT/Porto Nacional)

Dedico este trabalho a minha querida mãe, DIOMAR, a maior guerreira que conheço. Aquela que me deu a vida e que hoje luta bravamente pela vida. Nesses últimos meses, cada batalha que a vejo vencendo me encoraja a enfrentar a vida com paixão, ir à luta com determinação.

AGRADECIMENTOS

A todos os idealizadores do PROFLETRAS, pois proporcionaram a realização de um sonho a inúmeros professores de Língua Portuguesa.

A minha mãe (Diomar) e irmãos (Cléia e Daniel) por toda a compreensão e apoio nos momentos difíceis.

À minha orientadora, a professora Dr^a Ana Claudia Castiglioni, pela sua paciência, humildade, atenção e profissionalismo frente à confecção deste trabalho e, principalmente, pelo seu incentivo no decorrer desta pesquisa, também aos demais membros da Banca Examinadora, professoras Dr^a Luiza Helena Oliveira da Silva e Dr^a Ângela Francine Fuza pelo incentivo à escrita e pelo olhar crítico à produção de sentidos em meu texto.

Aos professores do PROFLETRAS de Araguaína que, devido aos seus ensinamentos, tive a honra de aprender muitas coisas importantes.

Aos meus alunos do 7º ano da Escola Estadual Padre José de Anchieta em 2019, os quais também fazem parte desta história.

A todos os colegas da quarta turma do PROFLETRAS de Araguaína, companheiros (as) de estudo e de estrada.

À CAPES, pelo financiamento da pesquisa.

Enfim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para que este sonho se realizasse.

RESUMO

Este trabalho apresenta a análise de um estudo desenvolvido com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental numa instituição de ensino básico, localizada no povoado de Dorilândia, em Sandolândia-TO. Objetivamos refletir como o gênero textual “Memórias” pode contribuir para o aprimoramento das habilidades de “leitura” e “produção escrita” dos alunos, e ainda promover um resgate histórico e cultural do contexto sociocultural no qual estão inseridos. Para tal, usamos o procedimento denominado sequência didática proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), em que os alunos foram levados a produzir os textos após realizarem entrevista com um morador do povoado, onde residem. Assim, por meio de nossas intervenções, usando a retextualização, o aluno narra e descreve o lugar em que vive, pela visão de um antigo morador, trazendo para seu texto indícios de memória e identidade coletivas e individuais. No âmbito metodológico, fizemos uma pesquisa-ação, pois esse tipo de pesquisa privilegia a experiência e a vivência dos participantes que constroem o processo de ensino-aprendizagem no contexto em que estão inseridos (THIOLLENT, 1988). Como pressupostos teóricos, adotamos os trabalhos de SOARES (2002) BRANDÃO e MICHELITTI apud CHIAPPINI (1998), Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN 1997), KLEIMAN (2013,1979,1992,1997,2000,2003 e 2015), e outros estudiosos que seguem a vertente bakhtiniana, como Marcuschi (2000,2002 e 2005).Esses autores nos deram base para termos uma visão global sobre o trabalho com textos em sala de aula e sobre a teoria dos gêneros.Para nos adensarmos ao gênero “Memórias literárias”, fizemos um breve estudo destacando o caráter sociocultural que lhe é característico, a partir dos trabalhos de Maciel *et al* (2007), Koche (2015) e Clara, Atenfelder e Almeida (2010). Os resultados apontam que, por meio das intervenções realizadas as produções dos alunos apresentaram um desenvolvimento significativo e ao mesmo tempo tiveram contato com memórias de pessoas mais velhas da comunidade onde estão inseridos.

Palavras-chave: Sequência didática. Memórias. Identidades. Textos.

ABSTRACT

This work presents the analysis of a study developed with students of the 7th year of Elementary School in a basic education institution, located in the town of Dorilândia, in Sandolândia-TO. We aim to reflect how the textual genre "Memories" can contribute to the improvement of students' "reading" and "writing" abilities, as well as to promote a historical and cultural rescue of the socio-cultural context in which they are inserted. For this, we used the procedure called didactic sequence proposed by Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004), in which the students were led to produce the texts after conducting an interview with a resident of the village, where they reside. Thus, through our interventions, using the retextualization, the student narrates and describes the place in which he lives, by the vision of a former resident, bringing to his text clues of collective and individual memory and identity. In the methodological context, we did an action research, because this type of research privileges the experience and the experience of the participants who construct the teaching-learning process in the context in which they are inserted (THIOLLENT, 1988). As theoretical assumptions, we adopted the works of (SOARES, 2002), (BRANDÃO and MICHELITTI apud CHIAPPINI, 1998), (PCN's 1997), (KLEIMAN, 2013), (1979,1992,1997,2000,2003 and 2015), and other scholars who follow the Bakhtinian side, such as Marcuschi (2000, 2002 and 2005). These authors gave us the basis for a global view on working with texts in the classroom and on the theory of genres. In order to get closer to the genre "Literary Memories", we did a brief study highlighting the sociocultural character that characterizes it, from the works of Maciel et al (2007), Koche (2015) and Clara, Atenfelder and Almeida (2010). The results show that the students' productions improve significantly and at the same time they had contact with memories of older people of the community where they are inserted.

Keywords: Didactic sequence. Memoirs. Identities. Texts.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 Leitura e escrita como práticas sociais.....	14
2.2 Leitura do texto literário: a literatura como recriação da realidade e da condição humana	17
2.3 Os Gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa	19
2.4 O trabalho com textos por meio de sequências didáticas	28
2.5 O Gênero textual “Memórias Literárias”	34
2.6 Percurso para a produção de memórias literárias na sala de aula: os gêneros textuais entrevista, biografia e rodas de conversa	38
2.6.1 A entrevista	40
2.6.2 A biografia	41
2.6.3 As rodas de conversa.....	43
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	45
3.1 Abordagem da pesquisa adotada.....	45
3.2 Participantes e campo da pesquisa.....	47
3.3 Construção do <i>Corpus</i> da pesquisa	49
3.4 Sequência didática: Memórias Literárias.....	49
3.5 Descrição da aplicação da sequência didática e coleta de dados.....	74
4 ANÁLISE DOS TEXTOS, RESULTADOS E DISCUSSÃO	87
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111
ANEXOS	115

1 INTRODUÇÃO

Refletir sobre as questões socioculturais que envolvem a aprendizagem é dever de todo professor, e, hoje, há uma grande preocupação por parte das escolas em relação à aprendizagem e melhoria da leitura e escrita, pois, cada vez mais verifica-se que muitos educandos terminam o ensino fundamental com problemas relacionados às habilidades propostas em relação leitura ou à escrita.

As discussões das dificuldades em leitura e escrita dos alunos do Ensino Fundamental são diversas e polêmicas, pois, é cada vez mais necessário o desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita para o melhor desempenho nas práticas sociais na sociedade em que os educandos estão inseridos. E, portanto, uma das tarefas da escola é possibilitar a aprendizagem, o aprimoramento e o uso dessas habilidades, de modo a oferecer condições para que o aluno se torne não só um leitor crítico, mas também um produtor de textos competente e autônomo.

Neste trabalho, assumimos a perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem, a luz dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), para os quais a linguagem é “uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história” (BRASIL, 1998, p. 20) e atualmente também na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ao explicitar que nossos alunos, tendo como suporte as aulas de Língua Portuguesa, devem ser capazes de melhorar seu desempenho linguístico e desenvolver sua competência comunicativa, faz-se necessário considerar a grande importância de se trabalhar o texto em sala de aula, visto que o mesmo é o ponto chave para o ensino de Língua Portuguesa. De acordo com a BNCC (p.68) cabe, ao componente curricular Língua Portuguesa então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens.

Travaglia (1998) afirma que o ensino da Língua Portuguesa se justifica, prioritariamente, pelo objetivo de desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua, ou seja, o usuário deve ser capaz de empregar, adequadamente, a língua nas diversas situações comunicativas.

Vale lembrar que, quando falamos em competência comunicativa, colocamos em destaque a capacidade de produzir e de compreender qualquer tipo de texto, nas mais diversificadas situações de interação. Para tal, faz-se necessário um trabalho centrado nas atividades de uso da língua, ou seja, nas atividades que envolvem “oralidade”, “escrita”, “leitura” e “interpretação”.

Diante desse quadro, vale refletir: como realizar, no Ensino Fundamental, uma prática de escrita significativa, em que o aluno atue de forma ativa, como sujeito dos seus textos, e não como um mero expectador, que apenas faz o que lhe é determinado pela escola, sem refletir sobre o que está fazendo e que mesmo depois de várias atividades, não é capaz de utilizar o que aprendeu em situações reais de comunicação, no contexto em que vive?

Bakhtin (1997) enfatiza que, ao enunciarmos, tomamos por base um gênero do discurso que se materializa em um texto. Ou seja, é, no texto, que se deve centrar o ensino de Língua Portuguesa, tanto textos escritos, quanto orais, de modo que o aluno possa interpretar e produzir textos escritos ou orais. Considerando assim, a grande importância dos estudos dos gêneros textuais, propusemos como ponto de partida um trabalho com gêneros textuais e escolhemos, para tal, o gênero “Memórias literárias”. Essa escolha se deu porque a escola onde se realizará a pesquisa localiza-se na zona rural e, portanto, consideramos que o trabalho com memórias na escola vai resgatar as lembranças das pessoas idosas da comunidade, permitindo assim que os educandos tenham contato com a história dos mais velhos e, desse modo, compreendam diversos aspectos ligados à comunidade em que estão inseridos e a sua própria história.

Vale lembrar ainda que o gênero “Memórias” se encontra na esfera literária e a BNCC, documento que define o conjunto das aprendizagens essenciais para as etapas e modalidades da educação básica, direciona o texto literário sempre para o conhecimento do outro, da nossa própria cultura, dos modos de vida ou seja, da realidade em que estamos inseridos, podemos encontrar isso na habilidade dos anos finais do Ensino Fundamental (EF69LP44) que consta

Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção. (BRASIL, 2017 p.159)

Encontramos ainda na BNCC a seguinte premissa

o exercício literário inclui também a função de produzir certos níveis de reconhecimento, empatia e solidariedade e envolve reinventar, questionar e descobrir-se. Sendo assim, ele é uma função importante em termos de elaboração da subjetividade e das inter-relações pessoais. (BRASIL, 2017 p.506)

Diante destes apontamentos justificamos a nossa escolha de trabalhar com o gênero “Memórias”, visando estabelecer ligações entre o ambiente em que os alunos vivem e as memórias vivas das pessoas mais velhas, de modo a recuperar partes da história do local, levando o aluno não só a refletir, mas também compreender sua própria história.

Além disso, pretende-se aqui, não só levar o aluno a ouvir e a pesquisar sobre as histórias do lugar onde vive, mas também torná-lo narrador de “Memórias literárias”, tendo em mente, que, quando se narra um acontecimento de forma literária, o imaginário do narrador atua sobre as memórias, de modo a transformá-las e o mesmo torna-se parte dessas histórias. Objetiva-se ainda discutir o Gênero textual “Memórias literárias” a partir de atividades de leitura e produção, baseadas nos pressupostos teóricos da Teoria dos Gêneros de Bakhtin e das propostas de transposição didática realizadas pela equipe de Dolz e Schneuwly (2004) que colocam o estudo do gênero como norteador do trabalho de sala de aula. Ainda nos reportaremos às postulações de Marcuschi (2001,2003 e 2008) acerca de atividades relativas à produção textual.

Para adensarmos esta pesquisa, elaboramos a seguinte questão:

✓ Até que ponto o procedimento sequência didática pode se tornar uma ferramenta eficaz para aprimorar as habilidades de produção escrita dos alunos do Ensino Fundamental?

Temos como objetivo geral da pesquisa: avaliar até que ponto o procedimento sequência didática usando o gênero textual “Memórias” pode contribuir para o aprimoramento das habilidades de “leitura” e “produção escrita” dos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública rural do município de Sandolândia-TO, bem como promover um resgate histórico e cultural do contexto sociocultural no qual estão inseridos.

De modo específico, esta pesquisa visa:

✓ Diagnosticar as dificuldades apresentadas pelos alunos durante produção do gênero textual “Memórias literárias”.

✓ Desenvolver atividades de intervenção que levem os alunos a sanar ou

minimizar as possíveis dificuldades apresentadas na produção desse gênero textual.

✓ Analisar se as dimensões do gênero “Memórias literárias”, explicitadas nos textos produzidos pelos alunos, mostram marcas da construção do contexto sócio-histórico-cultural do ambiente em que estão vivendo.

✓ Realizar a análise das produções dos alunos, após a aplicação da sequência didática, de modo a verificar se as dificuldades observadas foram superadas ou amenizadas.

Em relação aos procedimentos metodológicos, a pesquisa terá abordagem qualitativa, com natureza intervencionista e descritiva, constituindo-se numa pesquisa-ação. Para Thiollent (2011), a Pesquisa-Ação não é constituída somente pela ação ou pela participação, pois com ela é possível produzir conhecimentos, adquirir experiência, contribuir com a discussão, ou fazer avançar o debate acerca das questões abarcadas.

Para contemplar os objetivos propostos nesta pesquisa, o trabalho será organizado em quatro capítulos, além desta introdução e das referências bibliográficas. Neste capítulo de Introdução, fazemos uma breve contextualização do assunto abordado, justificamos a escolha do gênero textual “Memórias literárias”, apresentamos as perguntas norteadoras e os objetivos da pesquisa. Tecemos também algumas considerações sobre cada capítulo.

No Capítulo 2, trazemos toda a fundamentação teórica que inicia-se com postulações sobre a “leitura” e a “escrita” como práticas sociais, uma vez que essas habilidades são fatores essenciais para inserção nas diversas esferas sociais, amparados por (SOARES, 2002), (BRANDÃO, MICHELITTI *apud* CHIAPPINI, 1998), (PCN 1997) e (KLEIMAN, 2013). Adensamos com postulações sobre a leitura do texto literário, uma vez que a literatura é de grande relevância para a formação de leitores, não só porque proporciona prazer estético ou pela forma como os autores usam a palavra ou ainda pela natureza ficcional desse tipo de texto, mas também porque a literatura transmite saberes, valores históricos e culturais.

Passamos então a teoria dos gêneros, a partir do seu precursor, Bakhtin (1979, 1992, 1997, 2000, 2003 e 2015), e outros estudiosos que seguem a vertente bakhtiniana, como Marcuschi (2000, 2002 e 2005); os gêneros textuais no ensino de língua portuguesa, a partir das orientações dos PCN (1998); e a definição e a caracterização do procedimento sequência didática, proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), a partir do qual elaboramos nossa proposta de intervenção, usando

para tal, o gênero “Memórias literárias”, sobre o qual fizemos um breve estudo destacando o caráter sociocultural que lhe é característico, a partir dos estudos de Maciel et al 2007), Koche (2015) e Clara, Atenfelder e Almeida (2010).

No Capítulo 3, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados para desenvolver este trabalho, contextualizando a pesquisa, os participantes, a geração dos dados, o plano de ação proposto para trabalhar as questões apresentadas neste trabalho e por fim apresentamos uma descrição sobre todos os passos que foram seguidos, desde a apresentação da situação até a produção final.

Passamos então para o Capítulo 4, neste, após desenvolvermos a Sequência Didática, passamos a analisar os resultados das atividades dos participantes. Vale lembrar que na presente pesquisa, o *corpus* para análise foi constituído por textos produzidos e retextualizados pelos alunos a partir de uma entrevista com um idoso da comunidade e o produto final será um *e-book* com as memórias.

Finalmente, na Conclusão, tecemos as considerações finais sobre os resultados alcançados com a aplicação da nossa proposta de intervenção, elucidando suas contribuições para a melhoria da aprendizagem do grupo de alunos com os quais trabalhamos e para o ensino de produção textual escrita, de modo geral.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Leitura e escrita como práticas sociais

O mundo que nos cerca, exige cada vez mais um conhecimento amplo dos usos que se fazem da linguagem nas diversas práticas sociais. No cotidiano, no trabalho, nas relações pessoais, na política, na escola, nas mais diferentes esferas, é importante conhecer instrumentos que permitam o acesso a novas informações, aos saberes e à cultura de modo geral. Vivemos em uma sociedade letrada, onde desde pequenos, já temos contato com língua escrita. Por isso, o pleno domínio da linguagem, ou seja, a capacidade de usar a língua para interagir com outras pessoas, nas mais diversas esferas da sociedade nos garante melhor participação na sociedade.

O domínio da escrita e da leitura de textos que circulam em todas as esferas do conhecimento é um divisor social, pois sem ele a participação do indivíduo, em um mundo por onde circulam tantas informações, fica limitada. Numa sociedade dinâmica e altamente tecnológica, as exigências vão além do saber reconhecer e decodificar as letras e escrever o próprio nome. Vejamos as considerações de Soares (2002,p.40):

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.

Hoje em dia, precisa-se de pessoas que reconheçam os objetos da cultura escrita, que sejam capazes de realizar leituras autônomas e críticas e de produzir textos eficazes, que atinjam seus objetivos comunicativos. De acordo com os PCN:

Leitura e escrita são práticas complementares fortemente relacionadas, que se modificam mutuamente no processo de letramento – a escrita transforma a fala (a construção da “fala letrada”) e a fala influencia a escrita (o aparecimento de “traços de oralidade” nos textos escritos). São práticas que permitem ao aluno constituir seu conhecimento sobre os diferentes gêneros, sobre os procedimentos mais adequados para lê-los e escrevê-los e sobre as circunstâncias de uso da escrita. A relação que se estabelece entre leitura e escrita, entre o papel de leitor e de escritor, no entanto, não é mecânica: alguém que lê muito é automaticamente, alguém que escreve bem. Pode-se dizer que existe uma grande possibilidade de que assim seja. É nesse contexto considerado que o ensino deve ter como meta formar leitores que sejam também capazes de produzir textos coerentes, coesos, adequados e ortograficamente escritos – que a relação entre essas atividades deve ser compreendida. (PCN's volume 2, 1997, p. 52/53).

Educar para a sociedade atual exige mais do que a transmissão de conhecimentos, por mais relevantes e atualizados que sejam. Dentre os inúmeros papéis que a escola pode desempenhar, a formação de leitores plenos, que tenham competência de utilizar a leitura em práticas sociais reais, é imprescindível, já que a leitura e a escrita constituem-se como competências não apenas de uso, mas igualmente de interação social e compreensão da vida em sociedade. Vejamos as palavras de Brandão 1998, *apud* Michelitti *apud* Chiappini, 1998, p. 22:

{...} a leitura como exercício de cidadania exige um leitor privilegiado, de aguçada criticidade, que, num movimento cooperativo, mobilizando seus conhecimentos prévios (linguísticos, textuais e de mundo), seja capaz de preencher os vazios do texto, que não se limita à busca das intenções do autor, mas construa a significação global do texto percorrendo as pistas, as indicações nele colocadas.

A leitura e a escrita são ferramentas de construção do saber e não apenas instrumentos para expressá-lo. Por isso é necessário criar muitos espaços destinados a sua aprendizagem. Consideremos, a seguir, as palavras de Gadotti (2000, *apud* VARGAS, 2000, p.14)

O ato de ler é incompleto sem o ato de escrever. Um não pode existir sem o outro. Ler e escrever não apenas palavras, mas ler e escrever a vida, a história. Numa sociedade de privilegiados, a leitura e a escrita são um privilégio. Ensinar o trabalhador apenas a escrever o nome ou assiná-lo na carteira profissional, ensiná-lo a ler alguns letreiros na fábrica como perigo, atenção, cuidado, para que ele não provoque algum acidente e ponha em risco o capital do patrão não é suficiente... Não basta ler a realidade. É preciso escrevê-la.

No atual contexto em que estamos inseridos, um indivíduo que sabe ler e escrever com eficiência, que saiba o verdadeiro valor da leitura, que adquira possibilidades de se posicionar criticamente diante do mundo em que vive e coexiste com outros sujeitos, tem destaque tanto na vida pessoal quanto na profissional, mas é válido apontar, neste trabalho, que quando falamos em leitura e em escrita, não nos referimos ao ato de ler e escrever simplesmente, falamos de situações em que se faz necessário interagir com a leitura e a escrita dentro e fora do contexto escolar, de modo a cumprir as exigências da sociedade, ou seja, a pessoa que sabe fazer uso da leitura e da escrita como prática social, uma vez que essas habilidades são fatores essenciais para inserção nas diversas esferas sociais. De acordo com os PCN (1997, p.41):

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra.

Diante disso, surgiu o termo “letramento”, que vai além do “ler” e do “escrever”. Letrar é mais que alfabetizar, pois a alfabetização diz respeito à aquisição das convenções gráficas e fonológicas da língua, um processo complicado, porque, ao entrar numa sala de aula, o aluno traz consigo toda uma bagagem cultural e social. Para Soares (2006 p. 24) letramento é:

Uma variável contínua e não discreta ou dicotômica; refere-se a uma multiplicidade de habilidades de leitura e de escrita, que devem ser aplicadas a uma ampla variedade de materiais de leitura e escrita; compreende diferentes práticas que dependem da natureza, estrutura e aspirações de determinada sociedade.

Nesse sentido, vale acrescentar que a “Alfabetização” e o “Letramento” são processos complementares, interdependentes e simultâneos, um facilita a aquisição do outro. Consideremos, a seguir, as palavras de Soares (2002,p.40):

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado. Alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever. Já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.

Hoje, observando os resultados das avaliações externas tais como: Prova Brasil, SAETO, notamos às dificuldades que os alunos apresentam em relação à leitura e a escrita e essas dificuldades são ainda mais acentuadas, quando se avalia a capacidade dos discentes em aplicar, significativamente, a leitura e escrita nas diferentes práticas sociais, políticas e culturais. Prova disso, são os resultados negativos dos exames de nível nacional e os diversos projetos criados pelo governo federal para a melhoria dos índices relacionados às competências referentes às práticas de leitura e de escrita.

De acordo com Kleiman (2013) ler é uma prática social que se interliga a outros textos e a outras leituras, ou seja, a leitura de um texto pressupõe ações conjuntas de valores, de crenças e de atitudes que refletem o grupo social em que as pessoas estão inseridas.

A leitura não é apenas o entendimento de um leitor inserido na cultura letrada, mas uma relação de aspectos sociais e culturais que perpassam pela atividade intelectual em que o leitor utiliza diversas estratégias baseadas em seu conhecimento linguístico, sociocultural e enciclopédico. Nessa perspectiva, os PCN VOL.2 (2001, p. 58) afirmam:

Para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura – a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente dará autonomia e independência. Precisar torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a “aprender fazendo”. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler, não é uma prática pedagógica eficiente.

Diante de tal situação, é necessário que a escola desenvolva uma boa prática pedagógica, onde o professor organize e desenvolva atividades que instrumentalizem o aluno para saber produzir adequadamente determinados gêneros, em diversas situações de comunicação.

2.2 Leitura do texto literário: a literatura como recriação da realidade e da condição humana

Sabemos que a escola é o principal ambiente onde os alunos entram em contato com a linguagem escrita; e por isso deve ser o espaço onde os estudantes serão apresentados aos diferentes textos e a variedade de gêneros existentes na sociedade.

Nessa perspectiva, de acordo com a BNCC (2018, p.67), o objetivo norteador do componente curricular Língua Portuguesa é proporcionar, aos estudantes, experiências que contribuam para a ampliação dos “letramentos”, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. Assim, o ensino de Língua Portuguesa deve ter como finalidade principal capacitar os estudantes para escrever e interpretar textos satisfatoriamente.

Nesse processo, o texto literário torna-se um eficaz aliado, visto que os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998, p. 36-37) ressaltam que:

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto literário.

Ressaltamos nesta pesquisa que a definição de texto literário já foi objeto de várias pesquisas, mas ainda não há uma definição concreta para o termo. Apesar disso, o texto literário se diferencia por apresentar uma caracterização com particularidades singulares que lhe são inerentes, e, com isso, a questão do ensino da leitura literária envolve o exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas desse tipo de texto, das quais podemos citar: a relevância do plano da expressão, intocabilidade, a plurissignificação e a verossimilhança. Consideremos os postulados contidos nos PCN (1998, p. 37):

A literatura não é cópia do real, nem puro exercício de linguagem, tampouco mera fantasia que se asilou dos sentidos do mundo e da história dos homens. Se tomada como uma maneira particular de compor o conhecimento, é necessário reconhecer que sua relação com o real é indireta. Ou seja, o plano da realidade pode ser apropriado e transgredido pelo plano do imaginário como uma instância concretamente formulada pela mediação dos signos verbais (ou mesmo não verbais conforme algumas manifestações da poesia contemporânea).

Notemos que a leitura do texto literário é de grande relevância para a formação de leitores, não só porque proporciona prazer estético ou pela forma como os autores usam a palavra ou ainda pela natureza ficcional desse tipo de texto, mas também porque a literatura transmite saberes, valores históricos e culturais. Todorov (2009, p. 23-24) salienta que:

Mais densa e eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (2009, p. 23-24)

Observamos acima que os textos literários dão aos leitores a oportunidade de se situarem como parte do universo representado na obra, e, de atuarem como

participantes da produção de sentidos do texto. Nesses textos, apesar de serem de natureza ficcional não se desvinculam do real e dialogam com o presente histórico do leitor, que ao mesmo tempo pode nele interferir. Isto porque a literatura, como arte, expressa sentimentos, por meio de representações simbólicas.

2.3 Os Gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa

Considera-se que o estudo dos gêneros textuais teve início na antiguidade clássica, ainda com Platão e, por isso, ao longo dos anos, esse tema tem sido alvo de diversos estudos. Prova disso, são as inúmeras publicações que tratam especificamente dessa temática, levando, assim, ao surgimento de diversas abordagens e uma gama diferente de definições e conceitos. Vejamos as palavras de Marcuschi (2005, p.18)

Existe uma grande variedade de teorias de gêneros no momento atual, mas pode-se dizer que as teorias de gênero que privilegiam a forma ou a estrutura estão em crise, tendo-se em vista que o gênero é essencialmente flexível e variável, tal como seu componente crucial, a linguagem. Pois assim como a língua varia, também os gêneros variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se.

Dentre esses estudos, podemos citar como os mais relevantes, aqueles realizados por pesquisadores das chamadas escolas, as quais, de acordo com Ramires (2005) são: a Escola de Bakhtin; a Escola Norte-Americana (Carolyn Miller, John Swales, Charles Bazerman); a Escola de Genebra (Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz, Jean-Paul Bronckart).

Por considerarmos que um texto só faz sentido para o aluno se contextualizado com a sua realidade e a realidade de sua comunidade, escolhemos basear esta pesquisa nos estudos de Bakhtin, fato se justifica tendo em vista que Bakhtin traz importantes contribuições para o campo dos estudos linguísticos. Segundo ele:

O emprego da língua efetua-se em formas de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos - o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado [...] cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2015, p. 261-262)

No trecho, vemos que, segundo Bakhtin as situações de uso da língua têm um estreita relação com as esferas da atividade humana e que é dentro das situações características dessas esferas que vão se dar esses gêneros. O autor ainda considera que:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*. (BAKTIN 1997, p. 280):

Podemos dizer, a partir dessa perspectiva teórica, que o ensino de Língua Portuguesa deve privilegiar um trabalho baseado em gêneros, tendo em vista que os textos neles se organizam, e ter em mente que quanto maior conhecimento do funcionamento dos gêneros textuais, maior e melhor será o desenvolvimento de nossas práticas de linguagem (leitura, compreensão e produção).

No estudo dos gêneros discursivos a que se considerar algumas particularidades, Bakhtin (2000, p.282) pondera que os gêneros discursivos dividem-se em gêneros primários, produzidos em situação espontânea com inserção imediata na realidade social, e gêneros secundários, que surgem em situações culturais mais complexas. Tal diferenciação é considerada de grande importância para o autor, permitindo a compreensão da “natureza complexa e sutil do enunciado”. Os gêneros do discurso primários são bem simples, não exigem planejamento prévio e nenhuma preparação por parte do enunciador, uma vez que são usados no dia a dia, em uma situação espontânea de comunicação, na maioria das vezes nos usos orais da língua.

No tratamento desse tema, é preciso salientar também que segundo Schneuwly e Dolz (2004, p.76) ao entrarem na escola, os gêneros sofrem uma transformação: “há um desdobramento que se opera em que o gênero não é mais instrumento de comunicação somente, mas é, ao mesmo tempo, objeto de ensino-aprendizagem”. Por isso propomos atividades que visam a melhoria da escrita e leitura na escola, nos

baseamos na definição e caracterização do procedimento “sequência didática”, proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

O tema “gêneros textuais” começou a aparecer no cenário educacional brasileiro a partir da implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, documento norteador do ensino, construído em consonância com várias teorias, dentre elas, as teorias e as concepções de Bakhtin (1992) sobre a linguagem, o aprendizado e o desenvolvimento do sujeito, estudos que indicam um trabalho diferenciado, a partir de uma prática reflexiva com o texto. Consideremos a seguir, uma passagem dos PCN:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, tanto nos objetivos educacionais que propõem quanto na conceitualização do significado das áreas de ensino e dos temas da vida social contemporânea que devem permeá-las, adotam como eixo o desenvolvimento de capacidades do aluno, processo em que os conteúdos curriculares atuam não como fins em si mesmos, mas como meios para a aquisição e desenvolvimento dessas capacidades. Nesse sentido, o que se tem em vista é que o aluno possa ser sujeito de sua própria formação, em um complexo processo interativo em que também o professor se veja como sujeito de conhecimento. (BRASIL, 1997, p.30)

É consenso que o domínio da língua possibilita plena participação social e, desse modo, para que a escola cumpra seu papel de formar cidadãos críticos e atuantes deve garantir que os alunos adquiram saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania. Esse objetivo é expresso no texto dos PCN de Língua Portuguesa. Eis, a seguir, mais um trecho desse documento:

No processo de ensino aprendizagem dos diferentes ciclos do ensino fundamental espera-se que o aluno amplie o domínio discursivo nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania (BRASIL, 1998, p. 32)

Vale lembrar que, à medida que se comunica, expondo o que sente e o que pensa, o homem produz discursos, interage socialmente de forma oral ou escrita. Desse modo, quanto maior for o domínio das especificidades de cada gênero, maior será a eficácia do processo comunicativo. Consideremos, a seguir, mais uma passagem dos PCN:

Produzir linguagem significa produzir discursos. Significa dizer alguma coisa para alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico. Isso significa que as escolhas feitas ao dizer, ao produzir um discurso, não são aleatórias — ainda que possam ser inconscientes —, mas

decorrentes das condições em que esse discurso é realizado. Quer dizer: quando se interage verbalmente com alguém, o discurso se organiza a partir dos conhecimentos que se acredita que o interlocutor possua sobre o assunto, do que se supõe serem suas opiniões e convicções, simpatias e antipatias, da relação de afinidade e do grau de familiaridade que se tem, da posição social e hierárquica que se ocupa em relação a ele e vice-versa. Isso tudo pode determinar as escolhas que serão feitas com relação ao gênero no qual o discurso se realizará, à seleção de procedimentos de estruturação e, também, à seleção de recursos linguísticos. (BRASIL, 1998, p. 22).

As aulas de Língua Portuguesa têm como principal objetivo o desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita e, para tal, faz-se necessário que o aluno desenvolva a competência comunicativa a partir do aprimoramento das habilidades relativas à leitura, à interpretação e a produção dos diversos gêneros textuais que se materializam nas diferentes esferas da sociedade. Esse domínio só será possível se o ensino tiver focado nas características, na informação, no destinatário, nas finalidades e nas funcionalidades dos diversos gêneros. Vejamos, a seguir, as teorizações de Bakhtin, (1979, p. 262):

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia a medida que se desenvolve e se complexifica num determinado campo.

Se os gêneros textuais são inúmeros, os alunos precisam ser expostos a situações em que o uso daqueles seja real e concreta, considerando seus aspectos sociocomunicativos e funcionais. Consideremos, a seguir, outra passagem dos PCN (1998, p.18):

Todo texto se organiza dentro de um determinado gênero. Os vários gêneros existentes, por sua vez, constituem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura, caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Pode-se ainda afirmar que a noção de gêneros refere-se a “famílias” de textos que compartilham algumas características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literalidade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado.

Para Bakhtin (2003) todos os textos que o homem produz se baseiam em um conjunto de características que possuem três elementos básicos: tema, estrutura e estilo. De acordo com esse autor, a comunicação se realiza em uma situação específica, ditada por alguns fatores, e estes fatores vão determinar o gênero textual

a ser utilizado. Bakhtin (1992) em *Estética da Criação Verbal* propõe uma teorização sobre gênero para o estudo da língua e a análise dos gêneros discursivos a partir de seu conteúdo temático, sua estrutura composicional e seu estilo. Essas três dimensões, apesar de possuírem características específicas, fundem-se compondo o gênero

Mas vale ponderar que os gêneros, apesar de terem características particulares, transformam-se, modificam-se e evoluem, dependendo das necessidades de comunicação e das formas de interação. Eis uma passagem dos PCN (1998,p.23):

Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino.

Desse modo, surge a necessidade do trabalho nas aulas de Língua Portuguesa a partir de textos reais, textos que partam da realidade do aluno, para que o mesmo possa ter contato, ainda na escola, com as condições de produção desses textos, suas formas, seus temas, sua composição, suas finalidades e seus estilos. Vejamos, a seguir, as teorizações de Dolz e Schneuwly (2004, p. 97, grifos dos autores):

Quando nos comunicamos, adaptamo-nos à situação de comunicação. Não escrevemos da mesma maneira quando redigimos uma carta de solicitação ou um conto; não falamos da mesma maneira quando fazemos uma exposição diante de uma classe ou quando conversamos à mesa com amigos. Os textos escritos ou orais que produzimos diferenciam-se uns dos outros e isto porque são produzidos em condições diferentes. Apesar desta diversidade podemos constatar regularidades. Em situações semelhantes, escrevemos textos com características semelhantes, que podemos chamar de *gêneros de textos*, conhecidos de e reconhecidos por todos, e que, por isso mesmo, facilitam a comunicação: a conversa em família, a negociação no mercado ou o discurso amoroso.

Segundo Schneuwly e Dolz (2004), pesquisadores franceses que realizam pesquisas sobre a utilização dos gêneros no ensino da língua, o gênero é um instrumento que usamos para falar e para escrever e, conseqüentemente, para agir na sociedade e por isso pode ser adaptado conforme o destinatário. Para Marcuschi (2008, p. 151):

Na realidade, o estudo dos gêneros é uma fértil área interdisciplinar, com especial para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais. Desde que não concebamos os gêneros como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação corporificadas de modo particular na linguagem veremos os gêneros como entidades dinâmicas.

De modo que, assim, o aluno terá uma formação adequada para atender às demandas da sociedade atual, pois quanto maior o acesso aos diversos gêneros textuais que circulam socialmente, tanto na escola, quanto fora dela, maiores são as possibilidades de participação social do aluno, pois, quando este aprende a usar os diversos gêneros, amplia suas competências linguísticas e discursivas. De acordo com Kleiman (2002, p. 13):

É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo.

Assim, considerando que o gênero textual é uma ferramenta, um instrumento que permite exercer uma ação sobre a realidade, entendemos que a aprendizagem dos diversos gêneros textuais que circulam socialmente não somente amplia a competência linguística e discursiva dos alunos mas também propicia-lhes formas de participação social, portanto saber selecionar o gênero textual para organizar um discurso implica em conhecer suas características para avaliar sua adequação aos objetivos pretendidos, ao interlocutor, ao suporte e ao local de circulação. Como lembra Barbosa (2000 p. 152):

A noção de gênero permite incorporar elementos da ordem do social e do histórico [...]; permite considerar a situação de produção de um dado discurso [...]; abrange o conteúdo temático [...], a construção composicional [...] e seu estilo verbal [...]. Nesse sentido, a apropriação de um determinado gênero passa, necessariamente, pela vinculação deste com seu contexto sócio-histórico-cultural de circulação.

É válido considerar aqui que independentemente das opções didáticas da escola, os gêneros textuais fazem parte da nossa realidade linguística, cultural e social. Retirá-los de sua realidade concreta, transpô-los para o universo escolar e transformá-los em objetos de estudo exige observar o desenvolvimento global dos alunos em relação à linguagem. Exige ainda proceder a uma seleção dos gêneros

textuais que mais interessam aos objetivos da escola e pensar em atividades que viabilizem aos alunos o contato, o estudo e a apropriação dos gêneros.

Embora reconheçam os limites de tentativas de sistematizar o ensino de gêneros textuais na escola, Dolz, Schneuwly propõem agrupá-los com base em critérios como: domínio social de comunicação, capacidades de linguagem envolvidas e tipologias textuais.

O agrupamento dos gêneros textuais possibilita aos professores trabalharem vários gêneros e seus domínios sociais de comunicação, bem como as capacidades de linguagem que possuem. Schneuwly, Dolz e colaboradores (2004, p.60-61), agrupam os gêneros textuais a partir das capacidades de linguagem dominante dos sujeitos nas seguintes ordens: (relatar, narrar, argumentar, expor e descrever ações ou instruir\prescrever ações. Observe a seguir:

- a) Relatar: volta-se à documentação e memorização de ações humanas. Mostra experiências vividas, situadas no tempo (relato, notícia, diário, reportagem, crônica esportiva, biografia etc).
- b) Narrar: representa uma recriação do real. Isso pode ser visualizado na literatura ficcional (conto, conto fantástico, conto maravilhoso, romance, fábula, apólogo etc).
- c) Argumentar: diz respeito à discussão de problemas controversos. O que se busca é sustentação de uma opinião ou sua refutação, tomando uma posição (debate, editorial, carta argumentativa, artigo de opinião, discurso de defesa, carta do leitor etc).
- d) Expor: refere-se à apresentação e construção de diferentes formas dos saberes (texto explicativo, artigo científico, verbete, seminário, palestras, entrevista de especialista etc).
- e) Descrever ações ou instruir\ prescrever ações: diz respeito às normas que devem ser seguidas para atingir algum objetivo (instruções e prescrições). Indica a regulação mútua de comportamentos (receita, manual de instruções, regulamento, regras de jogo etc).

O agrupamento dos gêneros facilita o trabalho com diversos textos, levando em conta tanto os domínios sociais de comunicação, quanto as capacidades de linguagem que possuem.

Quadro 1: Agrupamento de gêneros

Domínios sociais de comunicação	Capacidades de linguagem dominantes	Exemplos de gêneros orais e escritos
Cultura literária ficcional	NARRAR Mimeses da ação através da criação de intriga	Conto de fada Conto maravilhoso Fábula

		História em quadrinhos Lenda Narrativa de aventura Narrativa de ficção científica Narrativa de enigma Novela Romance
Documentação e memorização de ações humanas	RELATAR Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo.	Autobiografia Biografia <i>Curriculum vitae</i> Crônica esportiva Crônica mundana Diário íntimo Notícia Reportagem Relato de experiência vivida Relato de viagem Relato histórico Testemunho
Discussão de problemas sociais controversos	ARGUMENTAR Sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição.	Artigo assinado Carta de reclamação Carta de solicitação Carta do leitor Debate regrado Deliberação informal Diálogo argumentativo Editorial Ensaio Requerimento Resenha crítica Texto de opinião
Transmissão e construção de saberes	EXPOR Apresentação textual de diferentes formas dos saberes.	Artigo de divulgação científica Artigo ou verbete de enciclopédia Conferência Entrevista de especialista Relato de experiência científica Relatório científico Resenha científica Resumo de textos “expositivos” ou “explicativos” Seminário Texto expositivo
Instruções e prescrições	PRESCREVER AÇÕES Regulação mútua de comportamentos.	Instrução de uso Instrução de montagem Receita Regulamento Regra de jogo Textos prescritos e normativos legais

Fonte: Adaptado de DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, (2004. p. 102)

Apontamos ainda que o fato de os gêneros estarem inseridos num certo agrupamento, não significa que eles sejam estanques, ou seja, alguns gêneros são classificados em um determinado agrupamento por apresentar várias características

comuns com os outros gêneros, mas não se considerar que pertençam a um agrupamento especificamente.

Paralelamente ao conceito de gênero textual, alguns estudiosos acrescentam o conceito de tipos textuais, sequências tipológicas que na verdade são modos usados para organizar os gêneros textuais, na medida em que constituem os elementos fundamentais da estrutura geral dos textos, são as estratégias que utilizamos para organizar os gêneros textuais. No estudo da língua, há algumas divergências entre os teóricos a respeito dos termos “gênero textual” e “tipo textual” e, embora, a compreensão destes termos varie, apresentamos abaixo uma distinção elaborada pelo professor Antônio Marcuschi (2002, p.22-23)

(a) Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. (b) Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante.

Conforme explica Marcuschi (2002), os tipos textuais se realizam nos gêneros textuais, podendo haver mais de um tipo de sequência tipológica em um mesmo gênero. As tipologias textuais designam sequências teoricamente definidas por traços linguísticos predominantes — como: aspectos lexicais e sintáticos, relações lógicas e tempos verbais. Marcuschi (2000, p. 18), a categoria tipo textual é construto teórico que abrange, em geral, de cinco a dez categorias, designadas narração, argumentação, exposição, descrição, injunção e diálogo.

Nesse contexto, Köche, Boff & Marinello (2013) explicam que as tipologias textuais são ferramentas essenciais a serviço dos gêneros e que precisam ser estudadas no interior de cada gênero. Dessa forma, levando em conta a importância da relação entre gêneros e tipos textuais, propomos nesta pesquisa, atividades que visam expor ao aluno a estrutura de alguns tipos textuais no gênero trabalhado e as suas principais características.

2.4 O trabalho com textos por meio de sequências didáticas

Atualmente, no meio educacional, nas formações voltadas para o ensino de metodologias para o trabalho nas aulas de Língua Portuguesa tem sido muito utilizada a expressão “sequência didática” que se refere a uma metodologia para a produção de gêneros textuais, tanto orais, quanto escritos, desenvolvida pelos professores Dolz e Schneuwly (2004) da Universidade de Genebra. Vejamos, a seguir, as teorizações de Bakhtin (2003, p. 302)

As formas da língua e as formas típicas de enunciados, isto é, os gêneros do discurso, introduzem-se em nossa experiência e em nossa consciência conjuntamente. (...) Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, menos ainda, é óbvio, por palavras). Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas). Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.

Para propor um ensino de língua com base nos gêneros, levando em conta a teoria desenvolvida por Bakhtin, Dolz e Schneuwly (2004) verificaram quais gêneros poderiam ser selecionados e transformados em objeto de ensino e estudo no âmbito escolar e com isso elaboraram um agrupamento de gêneros, estabelecendo uma progressão para o seu desenvolvimento em sala de aula. Para tal, os pesquisadores utilizaram como critérios relevantes: o domínio social de comunicação em que eles circulam, os aspectos tipológicos que os caracterizam e as capacidades de linguagem envolvidas em seu uso. Consideremos, a seguir os apontamentos de Dolz; Noverraz e Schneuwly (2004, p.9)

Produzir textos escritos e orais é um processo complexo, com vários níveis que funcionam, simultaneamente, na mente de um indivíduo. Em cada um desses níveis, o aluno depara-se com problemas específicos de cada gênero e deve, ao final, tornar-se capaz de resolvê-los simultaneamente. A fim de prepará-lo para isso, trabalharemos, em cada sequência, problemas relativos a vários níveis de funcionamento.

A produção escrita de gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa ainda é um grande desafio aos professores, que precisam refletir sobre conhecimentos

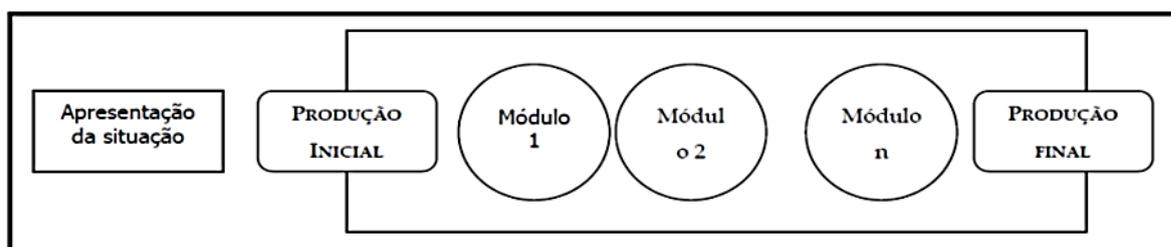
necessários para a escrita de um texto e também como ensinar os alunos a produzirem um determinado gênero textual. Por isso, as sequências didáticas são ideais para a leitura de diferentes textos de um mesmo gênero, de obras variadas de um mesmo autor ou de diversos textos sobre um tema. Elas garantem uma progressão que respeita o objetivo a ser alcançado.

Notamos que mesmo com todos os estudos e as pesquisas em relação aos gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa, ainda verificamos uma notável dificuldade na abordagem e na efetividade do trabalho com os gêneros textuais nas aulas. Por isso, o emprego desse tipo de metodologia vem ao encontro dos anseios daqueles que desejam realizar um trabalho que realmente contemple os objetivos propostos para o ensino de Língua Portuguesa. De acordo com os referidos autores:

Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor *um* gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. O trabalho escolar será realizado, evidentemente, sobre gêneros que o aluno não domina ou o faz de maneira insuficiente; sobre aqueles dificilmente acessíveis, espontaneamente, pela maioria dos alunos e sobre gêneros públicos e não privados. As sequências didáticas servem, portanto, para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis. (DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY, 2004, p.83).

Consideramos nesse trabalho, que os gêneros têm características estruturais, conforme afirma Dolz; Noverraz; Schneuwly (2004 P.52) os gêneros “definem o que é “dizível” através de quais estruturas textuais e com que meios linguísticos”. Assim, é necessário promover atividades para que os alunos pratiquem a leitura e escrita por meio de determinadas estratégias denominadas de sequência didática, que “é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”, conforme Dolz; Noverraz; Schneuwly (2004, p.97). Vejamos, a seguir, um esquema de uma sequência didática:

Figura 1- Esquema da sequência didática



Fonte: Dolz; Noverraz; Schneuwly (2004, p. 98).

Assim, podemos considerar que, conforme proposto por Dolz; Noverraz; Schneuwly (2004), a estrutura de base de uma sequência didática pode ser representada pelo seguinte esquema:

1º ETAPA: APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO

A fase inicial de apresentação da situação permite, portanto, fornecer aos alunos todas as informações necessárias para que conheçam o projeto comunicativo visado e a aprendizagem de linguagem a que está relacionado. Na medida do possível, as sequências didáticas devem ser realizadas no âmbito de um *projeto* de classe, elaborado durante a apresentação da situação, pois este torna as atividades de aprendizagem significativas e pertinentes. (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p.6)

Neste momento, será exposto, detalhadamente, o que será desenvolvido, como acontecerá, quais os objetivos, que gênero será produzido, onde e qual a esfera de circulação.

➤ Os alunos devem ser expostos ao tema e saberão que a produção de um gênero será a tarefa de comunicação oral ou escrita que deverão realizar e, assim, serão dadas as indicações sobre quem serão os destinatários, as finalidades, o gênero a ser abordado, o suporte material da produção, etc.

➤ O aluno tem que conhecer o conteúdo do gênero com o qual vai trabalhar e saber da sua importância e para tal terá o primeiro encontro com o gênero através da leitura ou da audição de textos.

2ª ETAPA: A PRIMEIRA PRODUÇÃO

No momento da produção inicial, os alunos tentam elaborar um primeiro texto oral ou escrito e, assim, revelam para si mesmos e para o professor as representações que têm desta atividade. Contrariamente ao que se poderia supor, a experiência nos tem mostrado que este encaminhamento não põe os alunos numa situação de insucesso; se a situação de comunicação é suficientemente bem definida durante a fase de apresentação da situação, todos os alunos, inclusive os mais fracos, são capazes de produzir um texto oral ou escrito que responda corretamente à situação dada, mesmo que não respeitem todas as características do gênero visado. . (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p.6)

➤ A produção inicial pode ser simplificada, somente dirigida à turma ou a um destinatário fictício.

- A produção inicial será instrumento de avaliação diagnóstica para verificação das capacidades reais dos alunos.
- O início da avaliação formativa definirá os pontos em que o professor precisa intervir melhor, permitindo a adaptação dos módulos ou das oficinas de maneira mais precisa às capacidades reais dos alunos de modo a determinar, também, o percurso que o aluno tem ainda a percorrer.

3ª ETAPA: MÓDULOS OU OFICINAS.

Nos módulos, trata-se de trabalhar os *problemas* que apareceram na primeira produção e de dar aos alunos os instrumentos necessários para superá-los. A atividade de produzir um texto escrito ou oral é, de uma certa maneira, decomposta, para abordar, um a um e separadamente, seus diversos elementos, à semelhança de certos gestos que fazemos para melhorar as capacidades de produção, nos diferentes estilos. O movimento geral da sequência didática vai, portanto, do complexo para o simples: da produção inicial aos módulos, cada um trabalhando uma ou outra capacidade necessárias ao domínio de um gênero. (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p.8)

Na terceira etapa serão desenvolvidas as seguintes atividades:

- Trabalhar problemas detectados na avaliação diagnóstica.
- Representação da situação de comunicação (contexto de produção);
- Pesquisas e leituras para melhorar a falta de conhecimentos sobre o tema;
- Atividades para o planejamento do texto: a estrutura mais ou menos convencional do gênero;
 - Atividades sobre o estilo do gênero em diferentes autores;
 - Atividades de observação e de análise de textos;
 - Tarefas simplificadas de produção de textos;
 - Análise linguística (ortografia, pontuação, conexão, coesão referencial, coesão verbal, organização sintática, variante linguística, vocabulário...);
 - Atividades com gêneros orais pertinentes;
 - Análise das atividades realizadas

4ª ETAPA: A PRODUÇÃO FINAL

A sequência é finalizada com uma produção final que dá ao aluno a possibilidade de pôr em prática as noções e instrumentos elaborados separadamente nos módulos. Esta produção permite, também, ao professor realizar uma avaliação somativa.(DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p.12)

➤ Culminância da avaliação que possibilitará ao aluno pôr em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos.

Vale ressaltar, que o objetivo do planejamento de uma sequência didática é o desenvolvimento de um sujeito produtor de textos, para isso, inicia-se a tarefa apresentando a situação de produção. Nesse primeiro momento, devem ser feitas perguntas, tais como: Para quem escrever o texto? Que gênero utilizar? Qual o tipo de suporte? E, diante dos questionamentos, propor atividades que levem em conta os mesmos, para assim trabalhar as dificuldades dos educandos nos diferentes níveis por quais passará a produção (reconhecimento da situação, elaboração do conteúdo, planejamento e produção) pois só assim os alunos se apropriarão das características do gênero. Consideremos, a seguir, os apontamentos de DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY (2004, p.4)

Após uma *apresentação da situação* na qual é descrita de maneira detalhada a tarefa de expressão oral ou escrita que os alunos deverão realizar, estes elaboram um primeiro texto inicial, oral ou escrito, que corresponde ao gênero trabalhado; é a *primeira produção*. Esta etapa permite ao professor avaliar as capacidades já adquiridas e ajustar as atividades e exercícios previstos na sequência às possibilidades e dificuldades reais de uma turma. Além disso, ela define o significado de uma sequência para o aluno, isto é, as capacidades que devem desenvolver para melhor dominar o gênero de texto em questão. Os *módulos*, constituídos por várias atividades ou exercícios, dão-lhe os instrumentos necessários para este domínio, pois os problemas colocados pelo gênero são trabalhados de maneira sistemática e aprofundada. No momento da *produção final*, o aluno pode pôr em prática os conhecimentos adquiridos e com o professor, medir os progressos alcançados. A produção final serve, também, para uma avaliação de tipo somativo, que incidirá sobre os aspectos trabalhados durante a sequência.

Entendemos, neste trabalho, que a produção não deve e não pode ser provocada apenas partindo de um tema, como muitas vezes é feito nas aulas de Língua Portuguesa, em que o professor coloca um tema e sobre esse, os alunos precisam escrever. Nessa situação, o que notamos muitas vezes é um sujeito intacto

diante de um papel em branco sem saber o que escrever. Diante disso, é necessário mostrar ao aluno como fazê-lo e isso só é possível a partir de atividades em que o aluno interaja efetivamente com a linguagem.

Assim, a produção do texto deve passar antes pela leitura, pelo reconhecimento dos modelos comuns nas diversas práticas sociais e passa também pela apreensão de estratégias de escrita para que, assim, os estudantes possam se apropriar das vozes de outros autores, percebendo seus estilos, temas e construção composicional dos textos. É o que se verifica nas atividades propostas nesta pesquisa, em que foram utilizados alguns escritores consagrados de nossa literatura, como Zélia Gattai, Tatiana Belinky e o ator tocantinense Juarez Moreira Filho

Ainda é válido lembrar, nesta pesquisa, que no trabalho com gêneros textuais, tratamos também dos tipos textuais e das diferentes sequências que o gênero comporta e, ao observarmos os tipos textuais, faz-se necessário levar em conta também a composição linguística por meio da qual o gênero se organiza (aspectos lexicais, sintáticos e morfológicos) Vejamos, a seguir, as considerações de Marcuschi (2005, p. 22):

Tipologia Textual é um termo que deve ser usado para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição. Em geral, os tipos textuais abrangem as categorias: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção (Swales, 1990; Adam, 1990; Bronckart, 1999). Esse termo é usado para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas).

O trabalho com gêneros é muito importante, mas o professor também deve trabalhar a noção de tipos textuais para, assim compreender o funcionamento e a constituição estrutural do texto.

É válido apontar, neste trabalho, que o gênero “Memórias literárias” é um dos gêneros cobrados na Olimpíada de Língua Portuguesa, mas, foi escolhida essa turma de acordo com a necessidade apresentada pelos estudantes em relação à produção escrita.

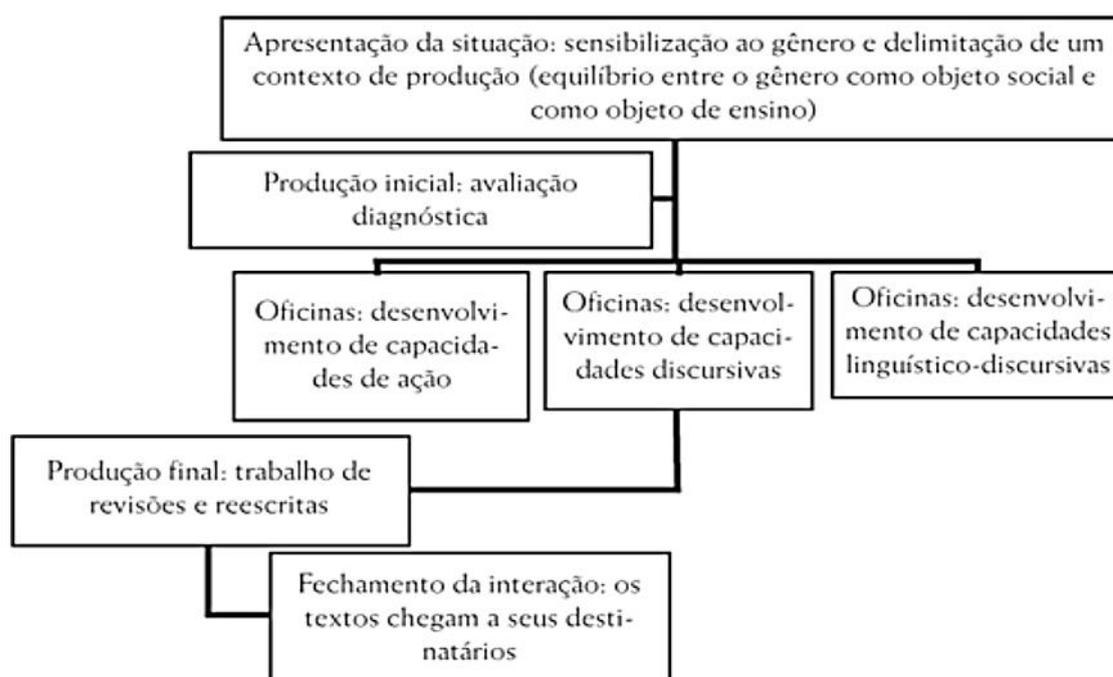
Para a produção das memórias, foi utilizado, também, o gênero “Entrevista”, que, por ser um gênero da modalidade oral da língua, traz várias marcas próprias da conversa informal, sendo necessário, assim, que o estudante faça o trabalho de retextualizar, ou seja, transformar aquele texto oral em texto escrito.

Vale lembrar que para que o aluno produza memórias literárias o mesmo deverá:

- 1) Buscar lembranças sobre o passado cultural da localidade usando informações baseadas na histórias de um antigo morador;
- 2) Transpor as reminiscências, por ele recolhidas, durante a entrevista, escrevendo um texto como narrador-personagem.
- 3) Fazer com que o texto mostre acontecimentos reais e ficcionais, de modo que o texto se torne literário e com isto tenha um maior envolvimento do leitor.

Borghi, Calvo e Freitas (2010, p. 8) apresentam uma análise explicativa da SD, que ratifica o que foi explicitado acima:

Figura 2: Esquema do Procedimento de Sequência Didática



Fonte: Borghi, Calvo e Freitas (2010, p. 8).

2.5 O Gênero textual “Memórias Literárias”

Memórias são textos em que os escritores relembrem o passado, usando ao mesmo tempo situações reais ou imaginárias, de modo a fundirem-se, levando o leitor a percorrer tempos, espaços remotos em lembranças pessoais.

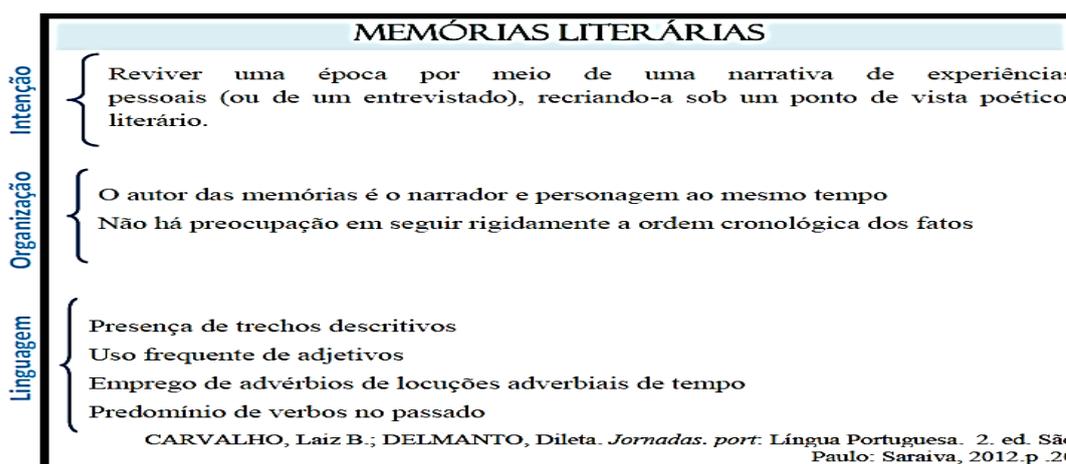
Nas memórias, há a possibilidade de fazer a recriação da realidade que se está narrando, uma vez que são construídos a partir de fatos que ocorreram no passado,

mas que são narrados de acordo com o modo como são lembrados no presente. Por isso um dos grandes desafios ao se escrever um texto de memórias literárias é conseguir levar o aluno, produtor de memórias, a relatar as histórias de vida de outras pessoas como se fossem dele próprio, elaborando um texto que reúna fatos reais e ficcionais, mesclando a perspectiva histórica dos fatos relatados com caráter literário do gênero memórias.

Por meio das memórias, podemos nos aproximar dos antepassados, conhecer modos de pensar, de agir, de falar, enfim de viver. E, de certa forma, ao escrevermos sobre a comunidade em que vivemos, estimula-se novas leituras, pesquisas e estudos e também pode proporcionar novos olhares acerca da realidade, ou seja, à medida que os alunos pesquisam e escrevem vão visualizar pontos que muitas vezes ainda não atentaram, mas que fazem parte da realidade em que vivem.

Maciel *et al.* (2007) afirma que o gênero Memórias faz parte da literatura autobiográfica, e as inexatidões da memória, capacidade humana de guardar dados, transformam os fatos em lembranças por meio da linguagem. Assim, trabalhar com Memórias é uma maneira de aproximar o aluno de sua realidade, uma vez que, quando nos conectamos com nossas raízes, conhecemos mais sobre os nossos antepassados e deciframos muito daquilo que somos hoje. Sintetizando, temos:

Figura 3: Aspectos das “Memórias literárias”



Fonte: Carvalho e Delmanto (2012, p. 20)

As memórias dos mais velhos podem despertar no aluno a sensação de pertencimento a um determinado grupo, uma vez que cada indivíduo é parte de um todo, e a nossa história, de certa forma, também é a história da comunidade a que pertencemos. De acordo com Köche, (2015, p.136):

O Gênero Memórias literárias possui uma estrutura relativamente livre, mas para fins didáticos, pode ser dividido em apresentação, corpo e fechamento.

Atente:

- a) Apresentação: mostra o protagonista e outras personagens envolvidas, o tempo e o espaço;
- b) Corpo: narra os fatos, mesclando-os com descrições das personagens e do cenário.
- c) Fechamento: evidencia o desfecho dos acontecimentos e apresenta uma avaliação das experiências relatadas.

Verificamos, nesse gênero, o emprego de expressões que nos remetem ao passado, tais como: verbos, que aparecem no pretérito perfeito ou imperfeito, advérbios e locuções adverbiais. No texto, podemos verificar, ainda, a presença de adjetivos, pois a tipologia textual predominante é a narração, mas há a presença de passagens descritivas, quando o escritor procura envolver o leitor no ambiente em que ocorre o fato relatado.

Vale lembrar, que o trabalho com o gênero memórias na sala de aula, se dará por meio de uma sequência didática, que oportunizará aos alunos o contato com moradores mais antigos da comunidade por meio de uma entrevista, gênero muito conhecido e utilizado nas diversas situações da vida cotidiana dos alunos.

De acordo com Clara, Altenfelder e Almeida (2010, p.56) “em geral, o início de um livro, ou mesmo de um capítulo de memórias literárias, é dedicado a situar o leitor no tempo e, principalmente, no espaço em que se passam as lembranças do narrador” Conforme as autoras acima, a conclusão de um texto de memórias literárias pode ser realizada por meio de uma cena ou um fato vivido pelo narrador em um momento passado ou ainda, com o deslocamento desse autor-narrador-personagem para o presente e indispensável também é a apresentação do texto com narrador em primeira pessoa, representado por pronomes e verbos, predominantemente, em primeira pessoa.

Clara, Altenfelder e Almeida (2010, p.81) evidenciam também que, em textos de Memórias Literárias, ao descrever um objeto, uma personagem, um sentimento, os autores utilizam a linguagem para criar imagens, provocar sensações, ressaltar determinados detalhes ou características. A articulação desses recursos proporciona ao leitor uma experiência estética particular.

Outro aspecto a ser observado na produção das Memórias é a atividade de retextualização – do oral para o escrito, na qual o aluno escreverá outro texto, com base nas informações colhidas durante a entrevista. Esse tema tem sido alvo de vários

estudos, dos quais podemos citar: Travaglia (2003); Marcuschi (2001); Matêncio (2003).

“Retextualizar” é passar de uma modalidade textual para outra, utilizando-se de diversas operações que requerem habilidades no uso da linguagem. A retextualização está presente em diversas situações do nosso dia a dia, e, também, na escola, por exemplo, quando recontamos notícias lidas, quando transformamos romances em peças de teatro, quando fazemos resumos esquemáticos durante as aulas e os transformamos em conceitos no caderno, bem como em outras situações diversas. Vejamos, a seguir, as teorizações de Matêncio (2003, p.4)

Textualizar é agenciar recursos languageiros e realizar operações linguísticas, textuais e discursivas. Retextualizar, por sua vez, envolve a produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, o que significa que o sujeito trabalha sobre as estratégias linguísticas, textuais e discursivas identificadas no texto-base para, então, projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação, portanto um novo enquadre e um novo quadro de referência.

Considerando também as teorizações propostas por Marcuschi (2003), retextualizar, como muitos acreditam, não significa melhorar o texto, pois o texto oral, assim como o escrito, pode ser eficaz naquilo a que se propõe a comunicar. Antes da retextualização, o texto oral costuma ser gravado e transcrito para que haja antes uma melhor compreensão do texto.

As atividades de retextualização trazem várias vantagens, a primeira delas é o envolvimento do aluno em uma situação concreta, pois, ao invés de estudarem os gêneros dentro de um sistema abstrato, com várias listas de textos-modelo, regras e características, podem compreender as peculiaridades de um gênero e outro em uma situação real de produção, levando em conta as condições do produtor do texto, os objetivos, o interlocutor, as escolhas linguísticas, as circunstâncias ambientais, sociais e históricas, fatores esses muito mais relevantes que listar características de um gênero isoladamente.

Outra vantagem é que a atividade de retextualização pressupõe um texto-base, para que o aluno tenha o que dizer, fornecendo-lhe um conhecimento prévio acerca do assunto a tratar. E a terceira vantagem, por fim, é que o professor promoverá, por meio da retextualização, o princípio pedagógico da diferenciação por meio do qual o aluno poderá confrontar diferentes gêneros e tipos de texto, bem como suas generalidades e especificidades de cada um.

2.6 Percurso para a produção de memórias literárias na sala de aula: os gêneros textuais entrevista, biografia e rodas de conversa

Na atividade que será proposta, o aluno deverá retextualizar, da modalidade oral (entrevista) para a escrita (memórias literárias). Segundo Dell'Isola (2013, pp. 140-141)

Todos os exemplos de retextualização são fruto de um trabalho de escrita de outro texto, orientada pela transformação de um gênero em outro gênero. Os alunos, após a leitura do texto fonte, original e da produção de um novo texto são levados a procederem a uma conferência, ou seja, a verificarem se atenderam às condições de produção: o gênero textual escrito, a partir do original, deve manter, ainda que em parte, o conteúdo do texto lido. Obrigatoriamente, eles deverão identificar, no texto que produziram, as características do gênero-produto da retextualização.

No Caderno de Memórias da Olimpíada de Língua Portuguesa, define-se retextualização como:

A produção de um novo texto com base num já existente é um processo de retextualização, que compreende operações que evidenciam como a linguagem funciona socialmente. Por isso, nessa atividade, devem ser consideradas as condições de produção, de circulação e de recepção dos textos. Quando a retextualização requer a passagem do oral para o escrito, envolve estratégias de eliminação (por exemplo, de marcas interacionais, hesitações) e inserção (por exemplo, de pontuação), substituição (por exemplo, de uma forma mais coloquial para uma mais formal), seleção, acréscimo, reordenação, reformulação e condensação (por exemplo, agrupamento de ideias). (ALMEIDA; CLARA; ALTENFELDER; *et al*, 2010, p.112)

Essa etapa também abrangerá o caráter literário do gênero escolhido, visto que, a partir da retextualização, o aluno poderá recriar a realidade exposta na entrevista, de acordo com suas percepções, já que o texto será escrito em primeira pessoa, podendo assim ressignificar a “memória” vivenciada. De acordo com Bakhtin (2011, p.326):

[...] alguma coisa criada é sempre criada a partir de algo dado (a linguagem, o fenômeno observado da realidade, um sentimento vivenciado, o próprio sujeito falante, o acabado em sua visão de mundo, etc.) Todo o dado se transforma em criado.

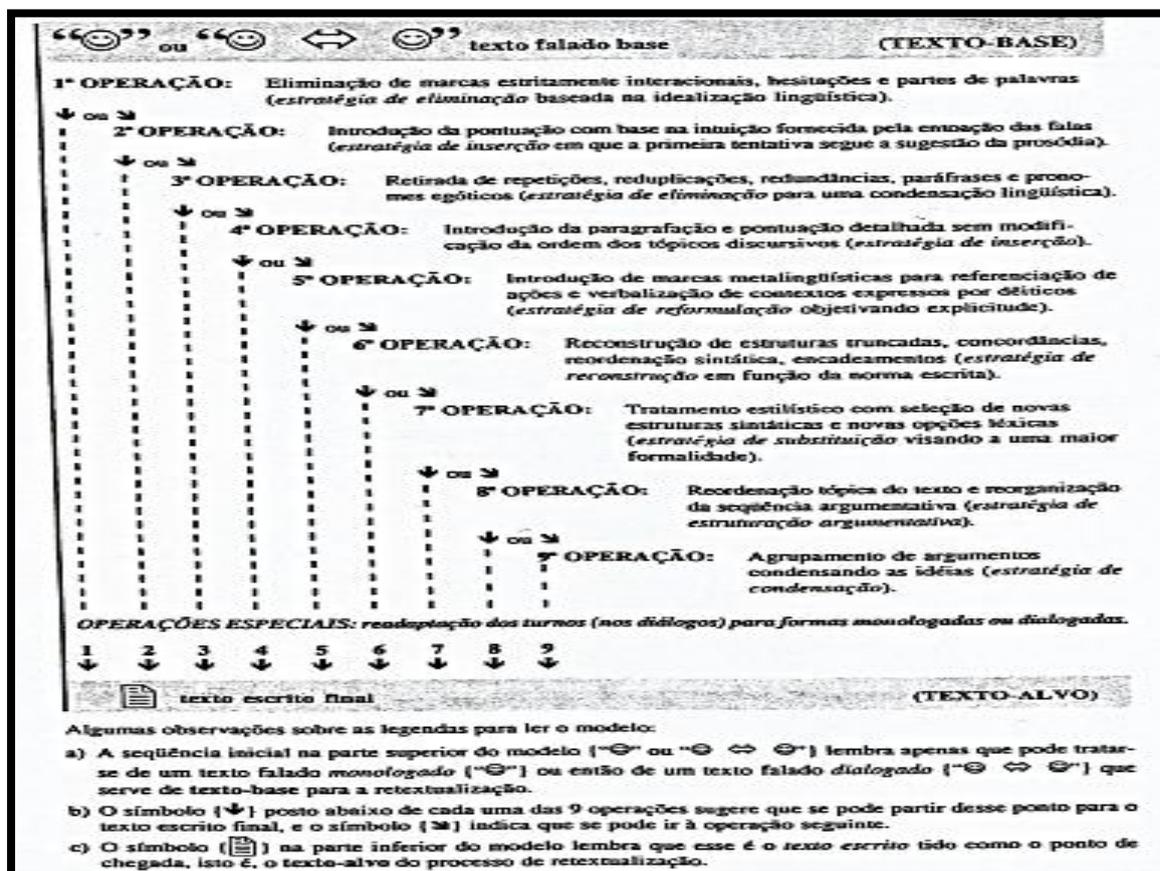
Neste trabalho, consideramos a noção de retextualização apresentada por Marcuschi (2001), em estudos sobre a relação entre fala e escrita, o autor sustenta

que as atividades de retextualização são frequentemente empreendidas por nós, uma vez que lidamos a todo momento com elas, sem nos darmos conta disso, estamos a todo momento, efetuando transformações, promovendo ajustes e arranjos para adequarmos os usos linguísticos às diferentes situações comunicativas do nosso dia a dia. Vejamos as considerações de Marcuschi (2001, p.88).

Sob o ponto de vista sociolinguístico, no caso de operações de transformação dialetológica e mesmo estilística, deve-se ter o cuidado de não descaracterizar aspectos identitários relevantes (pois a fala é um fator de identidade) ou produzir retextualizações implicitamente preconceituosas (frisando aspectos morfológicos não-padrão ou escolhas léxicas inusuais). Isto se dá particularmente em entrevistas, quando se encobre ou se enfatiza a procedência sociocultural do entrevistado por estratégias de substituição/manutenção lexical ou ênfase de idiosincrasias e realizações socioletras.

Marcuschi (2001) elaborou um modelo, para as operações textuais-discursivas que ocorrem, geralmente, na passagem do texto oral para o texto escrito.

Figura 4: Modelo das operações textuais- discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito



Consideramos ainda, que para a produção do gênero textual Memórias literárias serão desenvolvidas atividades com os gêneros “biografia”, “entrevista” e “rodas de conversa” e, por isso abordaremos agora alguns aspectos relativos a esses gêneros.

2.6.1 A entrevista

A entrevista é um gênero jornalístico que se caracteriza pela alternância entre perguntas e respostas, reproduz quase que fielmente uma conversa entre entrevistador e entrevistado, e, pode ser oral ou escrita. Para a realização de uma entrevista há que se ter uma base para a condução, respeitando os seguintes procedimentos: definição de um tema, escolha do entrevistado, do entrevistador e a elaboração das perguntas). O texto da entrevista tem sempre uma finalidade específica, que pode ser: persuasão, convencimento sobre algo, relato de acontecimentos, instrução, informação, entre outros objetivos. De acordo com as teorizações de Hoffnagel, (2005,p. 181):

Seguindo os preceitos de Marcuschi, pode-se dizer que esse gênero possui itens gerais comuns a todos os subgêneros, a saber: 1) sua estrutura será sempre caracterizada por perguntas e respostas, envolvendo pelo menos dois indivíduos – o entrevistador e o entrevistado; 2) o papel desempenhado pelo entrevistador caracteriza-se por abrir e fechar a entrevista, fazer perguntas, suscitar a palavra ao outro, incitar a transmissão de informações, introduzir novos assuntos, orientar e reorientar a interação; 3) já o entrevistado responde e fornece as informações pedidas; 4) gênero primordialmente oral, podendo ser transcrito para ser publicado em revistas, jornais, sites da Internet.

Consideramos que a entrevista é um gênero textual da esfera jornalística que ocorre por meio da interação de dois interlocutores, um responsável pelas perguntas e o outro pelas respostas, de modo que o entrevistador recolhe informações do entrevistado acerca de determinado assunto. De acordo com Essensfelder (2005, p. 15):

O gênero entrevista faz, em realidade, parte da vida de todos nós, e se manifesta, talvez com menos glamour, cotidianamente, quando pedimos informações sobre um pacote turístico, novo lançamento da indústria automotiva ou durante uma sabatina de emprego estamos reeditando, informalmente, um conceito mais amplo de entrevista.

Assim, no contexto de produção da entrevista, verificamos que o sujeito produtor precisa lançar mão da utilização das mais variadas competências linguísticas, dentre elas a intercomunicação oral, o saber ouvir o outro, a reprodução de discurso de terceiros, a transcrição de falas, bem como outras habilidades. Para Morin (1973,p.116):

A entrevista é uma intervenção, sempre orientada para uma comunicação de informações. Mas este processo informativo, sempre presente, pode não ser o processo nem o fim essencial da entrevista; é o processo psico-afetivo ligado à comunicação que pode ser o mais importante, embora de maneira diferente, tanto no domínio das ciências humanas quanto no domínio dos veículos de massa.

Portanto, antes da realização de atividades relacionadas a esse gênero, o professor deve orientar os alunos na elaboração das perguntas, de forma que elas corroborem para a evocação das lembranças de seu interlocutor, que, no caso, será um morador antigo da cidade. A entrevista, por ser caracterizada pela estrutura pergunta-resposta, é um gênero bastante apropriado para viabilizar as interações pela linguagem, o que facilita o estudo da língua portuguesa em sala de aula.

Para Marcuschi (2014), a entrevista é um gênero textual previsto para trabalhar tanto a prática de compreensão, quanto a prática de produção de textos. Ressaltamos, ainda que a entrevista, em várias situações, é usada para obter informações que servirão de base para a produção de um outro gênero textual, como por exemplo: notícias, reportagens e, no nosso caso, memórias literárias, por meio da retextualização. Marcuschi (2001) também mostrou que há relações diretas entre oral e escrito na realização do gênero entrevista.

2.6.2 A biografia

Biografias são textos que relatam a vida de pessoas reais, em geral daquelas que se destacam no campo das artes, da ciência, da literatura, da música, da política, etc. As primeiras biografias foram escritas no século V a. C., na Grécia Antiga. Tratavam-se de narrativas sobre personagens que na época tinham boa representação social. Esse mesmo modelo seguiu nos próximos séculos, com destaque para as hagiografias da Idade Média. Esse breve histórico a respeito do

texto biográfico, ao longo do tempo a biografia sofreu mudanças, alterando, por exemplo, intenção do autor que produz o texto e o perfil dos biografados.

No século XX, surgiram as biografias como as que conhecemos hoje, em que os autores, a partir da pesquisa de documentos e testemunhos, faz uma relato sobre a vida de alguém e esse relato costuma respeitar a ordem cronológica da vida do biografado. Assim, para escrever uma biografia, o autor costuma fazer uma vasta pesquisa sobre a vida do biografado e a partir de todos os dados levantados, faz uma descrição sobre a pessoa.

Figura 5: Modelo Didático do gênero biografia

Contexto de produção	Autor: literários, historiadores, pesquisadores e até fãs; Esfera social: literária, artísticas, acadêmica e publicitária; Circulação: internet, revistas, livros; Objetivo: divulgar a história de pessoas, geralmente, públicas; Interlocutor: historiadores, pesquisadores, apreciadores, fãs.
Conteúdo temático	História de vida de uma pessoa.
Estrutura composicional	Título; 1ª parte: apresentação (descrição) do biografado; 2ª parte: narração de fatos mais marcantes de sua vida; 3ª parte (quando o biografado está vivo): aspirações, desejos e planos do biografado. * Nas primeiras partes podem aparecer outros personagens, como pais, filhos, ou outros. Porém, estes não podem ganhar mais destaque que o protagonista.
Recursos linguísticos	Uso da terceira pessoa (ele/ela); Tipo de discurso: narração e descrição; Uso de anáforas pronominais e nominais; Predominância de advérbios, sintagmas preposicionais, coordenativos e subordinativos; Predominância do pretérito perfeito do indicativo; Não uso de modalizadores, a fim de manter a imparcialidade; Uso de adjetivos e de organizadores textuais temporais com “em”, “durante”...

Fonte: Carvalho *et al* (2010)

Considerando que as características dos gêneros nunca são estanques, de modo geral, Carvalho et al. (2010) sistematizou didaticamente as características dos textos biográficos da seguinte forma:

O gênero textual biografia compõe-se de uma narração que busca reconstituir os fatos mais relevantes da vida de uma pessoa. Trata-se de um texto de base narrativa, que objetiva proporcionar ao leitor a reconstituição, o mais real possível, de uma imagem da pessoa cuja vida está sendo relatada. O texto biográfico traz uma mistura entre jornalismo, literatura e história, visto que por meio dele registramos a história da vida de uma pessoa, com destaque para os fatos mais relevantes. É um gênero de narrativa não ficcional. Os fatos devem ser contados em ordem cronológica e divididos por temas

2.6.3 As rodas de conversa

A “roda de conversa”, é uma estratégia bastante utilizada nos processos de leitura, porque é um método de participação coletiva conversa acerca de uma determinada temática, por meio de diálogo, nos quais os alunos podem se expressar e, escutar os outros e a si mesmos. Geralmente os alunos são dispostos sentados em um círculo, por isso o nome “roda”. No círculo todos são vistos mutuamente e tem oportunidade de participação igualitária. Conforme Warschauer (1943, p. 46).

Uma característica do que estou denominando de Roda é reunir indivíduos com histórias de vida diferentes e maneiras próprias de pensar e de sentir, de modo que os diálogos, nascidos desse encontro, não obedecem a uma mesma lógica. São às vezes, atravessados pelos diferentes significados que um tema desperta em cada participante. Este momento significa estar ainda na periferia de uma espiral onde as diferenças individuais e as subjetividades excedem as aproximações. A constância dos encontros propicia um maior entrelaçamento dos significados individuais, a interação aumenta e criam-se significados comuns, às vezes, até uma linguagem própria

Consideramos que a “roda de conversa” tem como principal objetivo motivar a construção da autonomia dos sujeitos por meio da problematização, da socialização de saberes e da reflexão, constitui-se em um conjunto partilha de experiências, conversas, discussão e troca de conhecimentos entre os envolvidos.

Rychebusch (2011) diz que “Roda” é além da ampliação do vocabulário, capacidade de comunicação, expressão do pensamento e domínio das habilidades e competências voltados para um fim específico, que é a comunicação”. Para a autora, pensar que a “roda de conversa” está focada na perspectiva da linguagem oral, pode resultar num empobrecimento de possibilidades do agir crítico e criativo das crianças. Isso também reduz as possibilidades de entender a roda como um local privilegiado do diálogo na construção compartilhada de novos significados para os temas abordados.

Nessa perspectiva, a nossa pesquisa, portanto, tem o propósito maior de propiciar avanços no processo de leitura e escrita dos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública de Sandolândia no Tocantins, por meio da aplicação de uma sequência didática, reduzindo ou amenizando as dificuldades mais frequentes nos textos desses estudantes, uma vez que consideramos a escrita no seu sentido mais amplo e, assim, enfatizamos a função social da escrita e as etapas desse processo.

No capítulo seguinte, veremos a natureza e os procedimentos da pesquisa, com um detalhamento da construção e do desenvolvimento do nosso trabalho, ou seja, a metodologia que adotamos para realizarmos os propósitos pretendidos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, discorreremos sobre percurso metodológico utilizado para o desenvolvimento deste trabalho. A princípio, apresentamos o tipo de pesquisa que realizamos neste estudo. Em seguida, descrevemos a instituição onde as atividades foram aplicadas e caracterizamos os participantes de forma detalhada.

Realizamos, então, a descrição das etapas que foram seguidas para investigar e intervir no problema apresentado, discorrendo sobre a construção e o desenvolvimento da nossa pesquisa, ou seja, a metodologia que adotamos para atingir os objetivos propostos neste trabalho e ao final apresentamos o cronograma das etapas do trabalho.

3.1 Abordagem da pesquisa adotada

O presente estudo com abordagem de dados de natureza qualitativa, foi alicerçado na pesquisa descritiva e explicativa, o que justifica-se porque esse tipo de pesquisa preocupa-se em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos (GIL, 2007). Podemos dizer que fornece explicações detalhadas por meio dos resultados oferecidos. Segundo Gil (2007, p. 43), uma pesquisa explicativa pode ser a continuação de outra descritiva, pois, para o estudo das causas de um determinado fenômeno, faz-se necessário que este seja descrito e detalhado.

Assim, verificando uma necessidade que emergiu da prática pedagógica, propomos uma intervenção intermediada pela pesquisa-ação. Segundo Thiollent (2011), a Pesquisa-Ação não é constituída somente pela ação ou pela participação, pois com ela é possível produzir conhecimentos, adquirir experiência, contribuir com a discussão, ou fazer avançar o debate acerca das questões abarcadas. Ela está envolvida com a práxis educativa/investigativa, sendo a práxis entendida, neste trabalho, como um movimento relacionado à indissociabilidade entre teoria e prática.

A pesquisa-ação passou por várias etapas, tais como: identificação das situações iniciais, planejamento das ações, realização das atividades previstas e, por último, a avaliação dos resultados obtidos. Isso atende os requisitos do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), no qual estamos inseridos e que possui como requisito, o desenvolvimento de atividades de intervenção que

contribuam para melhoria do processo de ensino aprendizagem no Ensino Fundamental. Assim, elaboramos e aplicamos uma sequência didática (SD) em torno de um gênero textual principal, que foi “Memórias literárias”, tendo como suporte os textos da coleção “Se bem me lembro da Olimpíada de Língua Portuguesa” e fragmentos do livro “Rancho Alegre” do escritor tocantinense Juarez Moreira Filho. A SD também privilegiou outros gêneros, dentre eles, trabalhamos “biografia”, “relatos” e “entrevistas”.

A proposta da elaboração desta unidade didática parte de estudos e de pesquisas baseadas na Teoria dos Gêneros de Bakhtin (2000) e das propostas de transposição didática realizadas pela equipe de Bernard Dolz e Schneuwly (2004) que colocam o estudo do gênero como norteador do trabalho de sala de aula e propõem prioridades no preparo comunicativo dos alunos, ou seja, prepará-los para dominar a língua em situações variadas. Tais propostas estão nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN),

No processo de ensino aprendizagem dos diferentes ciclos do ensino fundamental espera-se que o aluno amplie o domínio discursivo nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania (BRASIL, 1998, p.32).

Ressaltamos, também, que nosso trabalho está inserido no Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (Profletras), que objetiva capacitar professores de Língua Portuguesa do ensino fundamental atuantes em escolas da rede pública de ensino. O programa visa contribuir para a melhoria da qualidade do ensino de Língua Portuguesa no país e, para isso, o professor deverá desenvolver uma pesquisa, de natureza interpretativa, a partir de uma intervenção pedagógica aplicada em sala de aula.

Desse modo, esta pesquisa objetivou avaliar até que ponto o procedimento “sequência didática” com o gênero textual “Memórias literárias” contribuiu para o aprimoramento da habilidade de produção escrita de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da zona rural do município de Sandolândia, bem como para dar visibilidade às memórias de pessoas que fazem parte da comunidade na qual estão inseridos.

3.2 Participantes e campo da pesquisa

Em relação à escola campo desta pesquisa, a instituição está localizada na Rua Ilha do Bananal - Centro, no Distrito de Dorilândia, município de Sandolândia; atende, atualmente, 100 alunos, sendo a maioria oriunda de fazendas vizinhas e uma minoria que reside no povoado. O povoado de Dorilândia tem um nível populacional baixo, mas é cercado por diversas fazendas, onde a maioria dos moradores vive da agricultura ou da pecuária.

A escola é considerada “escola do campo”, porque o Decreto Nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, que dispõe sobre a política de educação do campo, enfatiza que a escola do campo é aquela situada em área rural ou aquela situada em área urbana que atende, predominantemente, populações do campo. Então, a escola em questão recebe esta denominação devido à localização e, também, ao público alvo que atende. As escolas do campo têm autonomia para elaborar seu próprio projeto pedagógico e, para tal, são orientadas não só para que valorizem o contexto cultural no qual estão inseridos seus estudantes, como também incluam os saberes rurais e as tradições locais nos conteúdos ensinados.

Os alunos que frequentam a escola são, na sua maioria, moradores da zona rural, possuem pouco acesso à cultura letrada, não tem hábitos de leitura e poucas aspirações acadêmicas. As famílias, em geral, possuem baixa escolaridade, outros são analfabetos. Muitas famílias vivem se mudando e, com isso, os alunos ficam prejudicados, pois estão sempre mudando de escola. Para chegar até a escola, usam o transporte escolar ou o veículo próprio com a ajuda de combustível da prefeitura, muitos saem cedo de casa e voltam só a tarde.

Além disso, muitos alunos estão com distorção idade-série, matriculam-se no início do ano letivo, frequentam a escola por algum tempo e logo desistem, porque resolvem trabalhar para ajudar no sustento da casa, visto que muitos deles vêm de famílias carentes.

A turma escolhida para a pesquisa foi o 7º ano. A turma é bem pequena, composta por apenas 7 alunos. Os estudantes são filhos de pais com baixa escolaridade. São alunos que chegam à segunda fase do Ensino Fundamental sem conhecimentos adequados em leitura e em escrita.

Segundo os PCN (BRASIL, 1998), a escola deve propiciar ao aluno o contato com os mais variados gêneros, de modo que ele possa se inserir ativamente no mundo

da escrita, atuando de forma eficaz nas mais variadas situações de comunicação (BRASIL, 1998, p. 32), assim, notamos, que na instituição, a maioria dos estudantes vive em um contexto onde o acesso a livros só acontece nas aulas e em casa há poucas ou não há referências de leitura, por isso, têm, na escola, a oportunidade de contato com gêneros textuais diversificados, principalmente os que circulam nas esferas institucionalizadas e/ou literárias. Daí a importância deste trabalho com o gênero “Memórias literárias”.

Observamos ainda que grande parte dos alunos não conhecem a história da cidade. Além disso, muitos deles não expressam sentimento de valorização e de pertencimento da cultura local. Notamos que algumas tradições ainda são mantidas, por exemplo, a festa de “São João Batista”, o padroeiro da cidade, mas as histórias do desenvolvimento do povoado, os primeiros habitantes, a política, as dinâmicas de trabalho e as relações sociais perderam-se no tempo.

Nesse sentido, a escolha do gênero “Memórias literárias” foi bastante adequada, pois as referências históricas dos alunos na comunidade são algumas fazendas, a escola, a igreja, alguns córregos e rios, e o foco do trabalho foram lembranças que marcaram a vida de cada um, com um enfoque maior ao que é representativo na comunidade. O objetivo foi resgatar um pouco da história da cidade, de modo a levar os estudantes a se verem como sujeitos na construção dessa história, promovendo, assim, o respeito e a valorização do patrimônio local, além de aprimorar as habilidades de leitura e de escrita dos estudantes.

Vale ressaltar que por ser considerada “escola do campo”, a unidade tem uma estrutura curricular diferenciada, que conta com algumas disciplinas específicas. As atividades referentes à pesquisa foram desenvolvidas nas aulas de “Língua Portuguesa”, que são 5 (cinco) aulas semanais; nas aulas de “Redação”, que são 2 (duas) semanais e também na aula de “Aprofundamento em Leitura e Escrita” que é (1) uma aula semanal.

Enfatizamos, ainda, que a escolha desses sujeitos para o presente trabalho deve-se por três motivos. O primeiro se deu devido as exigências do Programa de Mestrado em Letras (PROFLETRAS) o qual orienta que o desenvolvimento da pesquisa deve ocorrer em uma turma do ensino fundamental, na qual o pesquisador seja o professor regente de Língua Portuguesa. O segundo motivo decorreu do conhecimento que o professor regente já tinha dos alunos participantes, haja vista que já havia trabalhado com a turma no ano letivo anterior (2018), quando esses alunos

cursaram o 6º ano. O terceiro, diz respeito à dificuldade que a turma apresentava nas aulas de leitura e produção textual.

3.3 Construção do *Corpus* da pesquisa

O *corpus* de análise deste trabalho foi gerado a partir de atividades de leitura e de produções textuais do gênero “Memórias literárias”, feitas por alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Padre Jose de Anchieta. Os textos foram produzidos a partir da aplicação de uma sequência didática que permitiu aos alunos realizarem diversas atividades com o gênero “Memórias literárias” de modo a conhecerem e produzirem textos.

Vale apontar, que a turma em que desenvolvemos a sequência didática tem um total de sete (07) alunos, por isso, optamos por compor o *corpus* com as atividades de leitura e produção textual de todos os participantes.

3.4 Sequência didática: Memórias Literárias

Neste tópico apresentamos uma descrição das etapas do procedimento sequência didática (SD), que, conforme mostramos no tópico anterior, apresenta a seguinte estrutura base: Apresentação da situação, Produção Inicial, Módulos e Produção Final.

Para organizar o trabalho com o gênero textual em sala de aula foram seguidos os passos abaixo:

1. Apresentação da proposta
2. Identificação do conhecimento prévio dos alunos
3. Contato inicial com o gênero textual em estudo
4. Produção do texto inicial
5. Ampliação do repertório sobre o gênero em estudo, por meio de leituras e análise de textos do gênero
6. Organização e sistematização do conhecimento sobre o gênero: estudo detalhado de sua situação de produção e circulação; estudo de elementos próprios da composição do gênero e de características da linguagem nele utilizada.
7. Produção individual
8. Revisão e reescrita

Pergunta geral da pesquisa:

Como o procedimento sequência didática, com o gênero textual “Memórias” pode contribuir para o aprimoramento das habilidades de leitura e produção escrita dos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública rural do município de Sandolandia-TO, bem como promover um resgate histórico e cultural do contexto no qual estão inseridos?

Objetivos da intervenção:

- Ler e analisar memórias literárias, familiarizando-se com sua estrutura;
- Desenvolver o senso crítico dos alunos quanto ao entendimento da linguagem em suas diversas formas;
- Favorecer o contato com as pessoas mais velhas e valorizar suas experiências;
- Resgatar as histórias familiares da oralidade por meio de entrevistas e transformá-las em textos de memórias literárias;
- Diferenciar esse gênero de outros como entrevista e biografia
- Planejar e fazer entrevistas e buscar, por meio da entrevista, da conversa com nossos avós e pais, resgatar, conhecer e respeitar a nossa história;
- Caracterizar as memórias como gênero desencadeador de práticas sociais de leitura e escrita dos alunos, além de identificar os elementos literários que lhe são peculiares;
- Identificar aspectos linguísticos característicos das memórias literárias
- Planejar, produzir, reescrever, revisar textos - memórias literárias.

Recursos necessários:

- Livros;
- Cópias dos textos que serão utilizados em sala;
- Coleção “Se bem me lembro” (Olimpíada de Língua Portuguesa)
- Atividades impressas;
- Data show;
- Notebook;
- Celulares
- Vídeo do youtube Memórias de Emília

- Fotos antigas e atuais do bairro e da cidade
- Relatos de familiares dos alunos

Conteúdos:

- Características do gênero “Memórias literárias”
- Conteúdos linguísticos: figuras de linguagem; linguagem verbal e não verbal; pronomes pessoais; verbos, discurso direto e indireto
- Gêneros: entrevista, relato histórico, biografia
- Leitura dramatizada;
- Ortografia;
- Pontuação;
- Fatores de textualidade (coesão, coerência e unidade textual).

As atividades propostas desenvolvidas nesta SD (Sequência didática) possuíam como foco gênero “Memórias literárias” que será trabalhado nas aulas para que os alunos aprendam as características do gênero e também escrevam seus próprios textos memorialísticos. Para isso será realizada a leitura dos textos finalistas da Olimpíada de Língua Portuguesa e também textos de autores consagrados da literatura brasileira e que serão a base para ensinar características do gênero e assuntos gramaticais essenciais para construção do texto.

O contato com produções de alunos e também de escritores consagrados da literatura brasileira poderá incentivá-los a acreditar que podem também escrever englobando a realidade em que vivem, por isso foram selecionados textos que se parecem com a realidade deles, como: “Meus tempos de criança” de Rostand Paraíso, “Transplante de menina”, de Tatiana Belinky, “Os automóveis invadem a cidade” de Zélia Gattai, “Memórias submersas do Canela” (Finalista da Olimpíada de Língua Portuguesa), “Marcas da felicidade” (Finalista da Olimpíada de Língua Portuguesa), “São João, o festejo da vida” (Finalista da Olimpíada de Língua Portuguesa), Fragmentos da obra “Rancho Alegre” de Juarez Moreira Filho.

Destacamos ainda, que para a realização dessas atividades foram utilizadas 25 aulas, com duração média de 50 minutos cada uma, além de atividades extraclasse. Das atividades realizadas em sala de aula, duas (02) aulas foram destinadas à apresentação da situação, quatro (04) à produção inicial, nove (09) aulas para as oficinas e mais dez (10) aulas para a produção final e algumas atividades foram

realizadas pelos alunos em casa. A SD aqui proposta foi voltada especificamente para o trabalho com o gênero memórias e, nesse sentido, se organiza tendo como suporte teórico-metodológico imediato as reflexões desenvolvidas pelos estudiosos do Grupo de Genebra Dolz; Noverraz; Schneuwly (2004) e as considerações de Bakhtin (2003) acerca da noção de gênero do discurso.

1ª etapa: Apresentação da situação

Objetivos:

- Ler e analisar memórias literárias, familiarizando-se com sua estrutura; apresentar a proposta aos alunos através de conversa informal e leitura de textos de Memórias literárias.
- Caracterizar as Memórias como gênero desencadeador de práticas sociais de leitura e escrita dos alunos, além de identificar os elementos literários que lhe são peculiares;
- Identificar aspectos linguísticos característicos das sequências textuais que compõem os gêneros focalizados.

1. Apresentação do projeto: Explicar quais os objetivos, o que será aprendido e as etapas, em linhas gerais, dizendo também quais são os produtos finais esperados.

Este é um momento muito importante porque os alunos precisam saber o que, para que e para quem escrever. Nesta etapa os alunos serão informados sobre a atividade que será realizada, a produção de um texto de “Memórias”, que terá como objetivo resgatar memórias sobre o local onde vivem. Será esclarecido que para chegarmos ao produto final, passaremos por diversas etapas e que para escrever esses textos precisarão fazer pesquisas e estabelecer contato com uma pessoa mais velha da comunidade, ouvirem as histórias, impressões e experiências de vida que ela tem para contar e ao final recriarem o que ouvirem, escrevendo um texto.

2. Exibição do vídeo: Memórias de Emília. Conversa informal sobre o filme

De acordo com Kleiman (1989, p.13), a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na

leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto.

Então pode-se dizer que vamos propor aqui uma atividade de pré-leitura com o objetivo de auxiliar os alunos na compreensão do texto que será lido e trabalhado.

Dessa forma, as atividades pré-leitura preparam os alunos para o conteúdo do texto, direcionam seus pensamentos, criam expectativas para a leitura, estimulam seu interesse, aguçam a sua curiosidade e, acima de tudo, proporcionam uma atividade intelectual desde o início do processo [de leitura]. (TAGLIEBER & PEREIRA, 1997, p.75)

A atividade foi proposta para despertar a curiosidade dos alunos em relação ao gênero “Memórias literárias”, uma vez que no filme, a boneca estava querendo escrever suas filosofias de vida, através de suas memórias e compartilhar para o mundo todo em formato de livro. Com um pouco de dificuldade em saber por onde começar e o que contar, o sabugo de milho (Visconde) começa a escrever tudo que a boneca dita e assim inicia uma coletânea de aventuras inesquecíveis.

3.Partimos então para a discussão das seguintes questões:

Você gosta de relembrar fatos do passado?

Você tem lembranças marcantes de sua infância?

Você gosta de ouvir de seus familiares (pais, tios, avós) histórias de família?

Você sabe o que são Memórias literárias?

Já leu algum livro de Memórias? Qual?

Alguma vez já escreveu texto em que falou de fatos acontecidos com você?

✓ **Leitura de Três textos de Memórias literárias: “Automóveis invadem a cidade” de Zélia Gatai, “Meus tempos de criança” de Rostand Paraíso e “Transplante de menina”, de Tatiana Belinky.**

Escolhemos iniciar o trabalho com a leitura para que os alunos tenham contato com textos relativos ao gênero “Memórias literárias”, considerando que o ato de ler sempre extrapola o texto escrito, faz-se necessário que o professor ofereça aos alunos

textos que façam sentido para ele, que permitam vivenciar aspectos críticos de sua realidade permitindo assim a reflexão e o diálogo.

Vale ressaltar que esse objetivo só pode ser alcançado quando o docente leva para a sala de aula textos variados.

Em decorrência, postula-se que a leitura de um texto exige muito mais que o simples conhecimento linguístico compartilhado pelos interlocutores: o leitor é, necessariamente, levado a mobilizar uma série de estratégias tanto de ordem linguística como de ordem cognitivo-discursiva, com o fim de levantar hipóteses, validar ou não as hipóteses formuladas, preencher a lacunas que o texto apresenta, enfim, participar, de forma ativa, da construção do sentido. Nesse processo, autor e leitor devem ser vistos como 'estrategistas' na interação pela linguagem (Koch; Elias, 2009, p. 7).

Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz afirmam que o trabalho com um gênero em sala de aula visa proporcionar ao aluno conhecer, apreciar ou compreender um texto, para que ele se torne capaz de produzi-lo não só na escola mas também em outros ambientes em que esteja inserido. Dentro desse raciocínio, para que o aluno possa encontrar soluções para sua produção, ele precisa ter um amplo repertório de leituras. Optamos por realizar uma discussão oral sobre questões que envolviam os textos.

Solé (1998), diz que durante a atividade de leitura os alunos precisam ser conduzidos a [...] expor sucintamente o que foi lido (resumo da leitura). Esclarecer dúvidas para comprovar se o texto foi compreendido, fazendo perguntas para si mesmo. Com o autoquestionamento pretende-se que os alunos aprendam a formular perguntas pertinentes para o texto em questão. Ou seja, comprovar as hipóteses formuladas na atividade de pré-leitura (SOLÉ, 1998, p. 119).

Solé (2008) propõe 05 (cinco) estratégias para auxiliar o aluno no desenvolvimento de suas habilidades para o processo da leitura. Conforme mostra o Quadro 2.

Quadro 2: Resumo das estratégias de leitura propostas por Isabel Solé

Estratégia 1	O professor deve incentivar o aluno, desafiando-o com leituras desconhecidas, prática de leitura fragmentada, lendo duas páginas por dia
Estratégia 2	Traçar objetivos de leitura. O leitor precisa saber os motivos que o levaram a ler aquele determinado texto. Os bons leitores leem os textos de forma diferenciada, pois cada leitura vai depender do seu objetivo. Dentre eles, destacam-se alguns, segundo Solé (2008): O leitor pode ler para:

	<p>a) Obter uma informação precisa;</p> <p>b) Seguir instruções;</p> <p>c) Obter uma informação de caráter geral;</p> <p>d) Aprender;</p> <p>e) Para revisar um escrito próprio</p> <p>f) Por prazer;</p> <p>g) Comunicar um texto a um auditório; h) Praticar a leitura em voz alta;</p> <p>i) Verificar o que se compreendeu.</p>
Estratégia 3	<p>Ativar o conhecimento prévio, pois se o leitor possuir conhecimento sobre o assunto, terá muitas possibilidades de atribuir-lhe significado. Nesse sentido, algumas atividades podem contribuir para o aluno a ativar o conhecimento prévio:</p> <p>a) Explicar o que será lido, indicando a temática aos alunos para relacioná-la a aspectos da sua experiência prévia.</p> <p>b) Estimular os alunos a prestarem atenção a determinados aspectos do texto que podem ativar seu conhecimento prévio, como ilustrações, títulos, subtítulos, enumerações, sublinhados, palavras chaves.</p> <p>c) Incentivar os alunos a exporem o que já sabem sobre o tema. Deixar os alunos falarem, reconduzir as informações e centrá-las no tema discutido.</p>
Estratégia 4	<p>Estabelecer previsões sobre o que sucede no texto usando alguns procedimentos ligados à antecipação de conteúdos, como a elaboração de hipóteses para que o aluno reflita a respeito do texto e sua curiosidade será aguçada.</p>
Estratégia 5	<p>Promover perguntas dos alunos a respeito do texto, o que auxilia o aluno a melhorar a velocidade do processamento do texto,</p>

Fonte: Solé (2008)

Concebemos a leitura como um processo de interação entre o leitor e o texto. Nesse sentido, realizamos um trabalho que ofereça condições para o aluno desenvolver estratégias de leitura necessárias para a compreensão do texto.

5. Após a leitura e audição do CD dos três textos, faz-se necessário promover um diálogo com os alunos sobre o que leram:

Como se sentiram ao ouvir essas histórias. Já tinham ouvido lembranças semelhantes? Elas se parecem com alguma situação que já vivenciaram? Há fatos marcantes acontecidos com eles, que ficaram na memória? Será que gostariam de contar algumas? Abrir espaço para que falem sobre suas memórias na família.

➤ Sobre o texto “Transplante de menina”

Conversar sobre o acontecimento que a autora rememora e perguntar porque ela o considera marcante. Comentar que, ao contar o que viu, Tatiana usa e abusa da descrição. Com riquezas de detalhes, descreve a avenida rio Branco, o desfile dos carros, as multidões, a forma como se vestiam.

➤ Sobre o texto “Os automóveis invadem a cidade”

Apresentar aos alunos a escritora Zélia Gattai, autora do livro de “Memórias” “Anarquistas graças a Deus”. Sugerir que leiam um trecho do texto citado e em seguida questionar: como eram os carros? E o trânsito? Como eram as construções? O que a autora quer dizer com a expressão “imaginação voando solta”? e a vida das pessoas? E seus valores? Como se divertiam?

➤ Sobre o texto “Meus tempos de criança” que fala sobre a infância do narrador, fazer questionamentos com os alunos:

Através das lembranças do tempo de criança, ficamos sabendo algumas informações sobre o narrador:

Como eram seus brinquedos?

Onde o narrador passou a primeira parte de sua infância?

2ª etapa: Primeira produção

➤ Ler e interpretar memórias literárias, familiarizando-se com sua estrutura;

➤ Desenvolver o senso crítico dos alunos quanto ao entendimento da linguagem em suas diversas formas;

6. Pedir aos alunos que escolham uma pessoa idosa da família, conversem com ela e peça que lhes conte lembranças de fatos do lugar. Para isso podem fazer-lhes perguntas como:

O(a) senhora(a) se lembra de alguma passagem marcante de sua vida nesta cidade? Que fato é este?

Os alunos serão orientados a ouvir e registrar o fato narrado e ao final deverão pedir objetos antigos ou fotos que lembrem passagens da vida do entrevistado na cidade.

Na aula, em uma “roda de conversa”, cada aluno contará o que ouviu. Escolhemos a atividade de “roda de conversa” por se tratar de um instrumento pedagógico importante, que possibilita a criação de um espaço de diálogo e de escuta

de diferentes vozes, permite também a compreensão de processos de construção de uma dada realidade e estimular o aprender com o outro e a partir do outro.

Conversar não só desenvolve a capacidade de argumentação lógica, como, ao propor a presença física do outro, implica as capacidades relacionais, as emoções, o respeito, saber ouvir e falar, aguardar a vez, inserir-se na malha da conversa, enfrentar as diferenças, o esforço de colocar-se no ponto de vista do outro etc [...] Warschauer (2001, p. 179):

Na sala de aula as “rodas de conversa” se destacam como método proveitoso porque permitem a participação coletiva de uma discussão acerca de determinado assunto onde os sujeitos dialogam e partir desse diálogo há a reflexão acerca da temática envolvida.

Como a maioria dos alunos nasceu e morou sempre neste povoado e irão contar histórias de família, muitos se identificarão nas histórias do outro, por isso a atividade será essencial para a produção final.

Outro fator importante, é que no gênero memorialístico, os autores se preocupam em caracterizar lugares e pessoas consideradas importantes nas experiências vividas no passado e conforme foi explicitado acima, os alunos trarão, além das histórias, fotos antigas de pessoas e diferentes lugares da comunidade para que comparem o tempo antigo com o atual, destacando, muitas vezes as diferenças e semelhanças.

Ao final, organizaremos um quadro com as informações:

Quadro 3: Informações sobre a entrevista para a produção inicial

Nome do entrevistado	Fato narrado	Temas

Fonte: Autoria própria, 2019

Os objetos e fotos serão expostos e cada aluno descreverá o que ouviu sobre esse objeto. Devemos lembrar que as fotografias podem nos ajudar a recuperar lembranças do passado.

7. Pedir aos alunos que escrevam um pequeno texto com base na pesquisa sugerida quando os alunos conversaram com pessoas mais velhas da comunidade, deverão se colocar no lugar de uma pessoa mais velha para escrever as memórias dela, em primeira pessoa.

O texto será produzido com base nos fatos que conheceram durante a conversa com as pessoas que foram contatadas para emprestar os objetos antigos, mas cada aluno poderá imaginar como os fatos ocorreram e como aquela pessoa viveu o episódio narrado.

Aqui teremos a primeira produção e entendemos esse momento como crucial para o êxito do trabalho, pois será um diagnóstico dos saberes dos estudantes, orientando a tomada de decisão do docente que perceberá o quanto o aluno conheceu sobre o gênero e o quanto entendeu da situação de comunicação proposta.

Almeida; Clara; Altenfelder *et al*, 2010, p.49) sugerem como orientações sobre a primeira produção numa sequência didática do gênero Memórias literárias:

Analise cuidadosamente a primeira produção: ela mostra o que os alunos sabem sobre o gênero memórias e dá pistas para que o professor possa melhor intervir no processo de aprendizagem, tentando solucionar os problemas enfrentados pela maioria da turma. Esse primeiro texto também é importante para que os alunos avaliem a própria escrita. Com sua ajuda, eles podem comprometer-se, tendo mais chances de melhorar a linguagem.

Os textos produzidos nessa atividade serão analisados e servirão de base para definir os pontos em que precisaremos intervir melhor; permitindo assim que as outras atividades sejam adaptadas às capacidades reais dos alunos; determinando o percurso que ainda teremos que percorrer.

3ª etapa: Oficinas

Objetivos

- Ler e interpretar memórias literárias, familiarizando-se com sua estrutura;
- Desenvolver o senso crítico dos alunos quanto ao entendimento da linguagem em suas diversas formas;
- Favorecer o contato com as pessoas mais velhas e valorizar suas experiências;
- Resgatar as histórias familiares da oralidade por meio de entrevistas e transformá-las em textos de memórias literárias;

- Diferenciar esse gênero de outros como entrevista e biografia

8.Será proposta uma atividade de releitura dos textos “Meus tempos de criança” de Rostand Paraíso e “Transplante de menina”, de Tatiana Belinky. Após a leitura conversaremos sobre como se constrói o texto de “Memórias literárias”, o narrador, o tempo, o espaço.

Os alunos serão orientados para que encontrem trechos que situam o leitor no tempo e no espaço das lembranças, notar se identificam marcas da presença do narrador em primeira pessoa, visto que a presença explícita do narrador é uma marca linguística dos textos que se organizam com base em relatos de experiência vivida, como as memórias literárias.

O narrador em primeira pessoa é o narrador-personagem ou narrador-testemunha. No caso de memórias literárias teremos, geralmente, o narrador-personagem, que tem por característica se apresentar e se manifestar como eu e fala a respeito daquilo que viveu. O narrador em primeira pessoa conta a história dele sempre de forma parcial, considerando um único ponto de vista: o dele (Clara; Altenfelder; Almeida, 2010).

Atividade proposta:

Pintar no texto “Transplante de menina” trechos dos textos as passagens de acordo com as cores indicadas

- Azul: trechos: que evidenciam o narrador
 - Verde: trecho do texto que situa o leitor no tempo e no espaço em que as lembranças se desenrolam
 - Rosa: os trechos em que os autores fazem descrições
 - Amarelo: Trechos em que os autores falam de seus sentimentos e impressões
 - Vermelho: trechos em que os autores comparam o tempo antigo com o atual
- Ao final será feita a correção com o auxílio do aparelho de data show.

Consideramos esta atividade de suma importância para que o aluno perceba como o texto vai se construindo, como é possível reconhecer quando o autor se coloca como narrador das memórias pelo uso da primeira pessoa ou quando o autor descreve suas sensações e emoções diante de fatos e lugares memorados. Em todos os textos, a tipologia textual descrição tem muito destaque, por isso, faremos uma análise

com os alunos sobre algumas características da descrição presentes nestes textos, pois através das passagens descritivas, o leitor vai construindo imagens da época, dos lugares, das pessoas e de como os fatos ocorreram.

9. Pedir aos alunos que releiam o texto “Automóveis invadem a cidade” e ao final será proposta uma atividade interpretativa.

Nesse processo, “não quer dizer que o significado que o escrito tem para o leitor não é uma réplica do significado que o autor quis lhe dar, mas uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios do leitor que o aborda e seus objetivos.” (SOLE, 1998, p.22).

Essa atividade visa o estudo da organização e da função social do gênero a que pertence o texto lido, aborda também a relação entre o conteúdo focado e o plano de expressão, características da sequência textual. Tem como objetivo levar o aluno a perceber como o texto se desenvolve.

¹Atividade interpretativa sobre o texto “Automóveis invadem a cidade”

1. No relato de memória “Automóveis invadem a cidade”, do livro “Anarquistas graças a Deus”, a autora faz algumas comparações entre o passado e o presente. Dos trechos transcritos a seguir, assinale o que não está fazendo uma comparação entre passado e presente:

- a) () “Poderia ser ainda mais, não fosse a invasão cada vez maior dos automóveis importados”.
- b) () “Não se curtia som em aparelhos de alta fidelidade. Ouvia-se música em gramofones de tromba e manivela.”
- c) () “Os valores daqueles idos, comparados aos de hoje, no entanto, eram outros”.
- d) () “Havia tempo para tudo, ninguém se afobava, ninguém andava com pressa.”

2. Para que o leitor construa uma imagem do passado rememorado pela autora, ela usa termos que qualificam e caracterizam algumas passagens de suas memórias. Assinale a alternativa em que os termos destacados não são caracterizadores:

- a) () “Nossa vida simples era rica, alegre e sadia.”
- b) () “o riso aberto e franco”
- c) () “abriam passagem para alguns deslumbrados motoristas que, em suas desabaladas carreiras”
- d) () “Havia tempo para tudo, ninguém se afobava”

3. Assinale o trecho no qual a presença da voz do narrador, interrompendo o relato, expressa um recurso de interação entre autor e leitor:

- a) () “Não havia surgido a febre dos edifícios altos; nem mesmo o “Prédio Martinelli”.
- b) () “Para que isso? Para que o uso de siglas?”
- c) () “Os divertimentos, existentes então, acessíveis a uma família de poucos recursos como a nossa, eram poucos.”
- d) () “Nossa vida simples era rica, alegre e sadia.”

4. Assinale a alternativa que expressa as marcas temporais que identificam um passado distante:

- a) () “Havia tempo para tudo” e “Não havia surgido ainda”;
- b) () “ninguém se afobava” e “sobrava tempo para ênfase”;
- c) () “Fora esse detalhe” e “ainda sobrava tempo para ênfase”;
- d) () “Naqueles tempos” e “daqueles idos”.

¹ Disponível em: <https://lendoeuaprendo.blogspot.com/2012/05/atividade-de-interpretacao-textual-2.html> <acesso em 10 de fevereiro de 2019

10. Solicitar aos alunos que pesquisem sobre a vida da autora do texto lido (Biografia). A pesquisa será realizada como atividade extraclasse visto que a maioria dos alunos possuem celular com acesso à internet em casa ou na praça da cidade.

Consideramos importante inserir essa atividade para que os alunos percebam a diferença entre “Memórias” e “Biografia”, notem assim, que o foco de cada um desses gêneros é bem diferente. Enquanto a “biografia” explora cronologicamente a vida do escritor em todos os aspectos e âmbitos diferentes; as “Memórias literárias” são menos voltadas para informações concretas e costumam dar ênfase para apenas um aspecto da vida do escritor.

A rememoração articula a dimensão sensível da memória ao ato de lembrar, o que torna comunicável a experiência. Na rememoração as lembranças estão sujeitas a atualizações, releituras e reelaborações, fruto de reflexões sobre o acontecimento lembrado (Pérez, 2003, p. 5, apud Rosa; Ramos, 2008, p. 03).

Nesta etapa os alunos serão levados a ler novamente o texto “Automóveis invadem a cidade”, escrito por Zélia Gatai para que comparem o texto de Memórias com a biografia da escritora e percebam semelhanças ou diferenças em relação aos textos.

11. Conversar com o grupo sobre a diferença entre memória e memórias.

Segundo o dicionário da língua portuguesa Houaiss, **memória** é “aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; lembrança; reminiscência”; já a palavra **Memórias** diz respeito a “relato que alguém faz, muitas vezes na forma de obra literária, a partir de acontecimentos históricos dos quais participou ou foi testemunha, ou que estão fundamentados em sua vida particular”.

12. Em grupos fazer a leitura dos textos: Memórias submersas do Canela (Finalista da Olimpíada de Língua Portuguesa)

Uma das críticas feitas às atividades de produção de textos na escola, é que elas não estão associadas a experiências da vida dos alunos, mas a situações rígidas, descontextualizadas e definidas pelo professor, por isso escolhemos o texto acima

que foi escrito por uma aluna do 7º ano de uma escola do Tocantins que foi finalista da Olimpíada de Língua Portuguesa (OLP), teve o texto publicado em um livro, numa edição especial entregue na cerimônia de premiação do programa. O Portal *Escrevendo o Futuro* publicou uma edição eletrônica da obra.

13. Após a leitura do texto, promover um diálogo com os alunos sobre o que leram:

Como se sentiram ao ouvir essas histórias. Já tinham ouvido lembranças semelhantes? Elas se parecem com alguma situação que já vivenciaram? Se conhecem algum dos lugares citados nos textos? Ao final faremos um quadro comparativo de acordo com o que foi relatado pela autora.

Quadro 4: Comparativo: Texto “Memórias submersas no Canela”

Passado	Presente

Fonte: Autoria própria, 2019.

Esta atividade visa motivar os alunos para a realização da atividade de produção final, terão a oportunidade de ler um texto escrito por uma aluna da mesma série que eles estão cursando e também conhecer alguns aspectos da construção de Palmas, capital do estado.

14. Dividir a sala em grupos, cada grupo lerá um capítulo do Livro “Rancho Alegre” do escritor tocantinense Juarez Moreira Filho. (Serão lidos os capítulos II, III e VII).

Cada grupo irá apresentar em uma roda de conversa informações sobre o texto que leram. Exibir a biografia do autor no data show. Ao final, propor questionamentos aos alunos sobre o lugar onde o escritor viveu, que mudanças sofreu ao longo dos anos. Os grupos deverão preencher um quadro dividido por temas com informações sobre a obra lida.

Atividade:

Após a leitura dos capítulos do livro de memórias “Rancho alegre”, vamos preencher este quadro com as lembranças que o autor escreveu sobre os seguintes temas:

Quadro 5: Lembranças do autor no livro Rancho alegre

TEMA	INFORMAÇÕES SOBRE O TEMA NA OBRA
Cultura, costumes, eventos	
Palavras ou expressões	
Objetos	
Profissões	

Fonte: Autoria própria, 2019.

Sabemos que a literatura traz consigo um grande potencial para o estudo de questões relativas aos processos identitário, pois quando o escritor lança mão de reminiscências, de lembranças ou de acontecimentos históricos em seus enredos, faz com que o leitor reconheça-se no narrado, notando no texto coisas que são suas e que estão de certa forma ligadas a aspectos de sua identidade. Nesse processo, temos nos textos literários, a verossimilhança, que propicia ao leitor ver as histórias que lê como reconhecíveis e possíveis, mesmo que distantes no tempo e no espaço, há nesses textos uma representação da realidade, uma perspectiva do real.

A obra “Rancho Alegre” de Juarez Moreira Filho retrata o antigo Norte de Goiás, nas décadas de 1950, 1960; mais especificamente, Dueré, cidade natal do autor, hoje localizada no sul do estado do Tocantins. Em “Rancho Alegre”, o escritor nos faz adentrar em uma cidade garimpeira, que existia em função das lidas do garimpo para a extração do cristal de rocha. Na obra podemos encontrar memórias do autor sobre as festas, escoamento de produção, deslocamento dos habitantes, vida na fazenda, locomoção e atividades que predominavam na região.

Escolhemos trabalhar com fragmentos do livro de Memórias desse autor, por ser um tocantinense, que retrata a sociedade tocantinense em seus livros e priorizamos ainda o fato de que alguns alunos conhecem a cidade de Dueré por ser bem próxima do nosso município.

4ª etapa- A produção final

Objetivos

- Buscar, por meio da entrevista, da conversa com nossos avós e pais, resgatar, conhecer e respeitar a nossa história;
- Caracterizar as memórias como gênero desencadeador de práticas sociais de leitura e escrita dos alunos, além de identificar os elementos literários que lhe são peculiares;
- Identificar aspectos linguísticos característicos das sequências textuais que compõem os gêneros focalizados.
- Planejar, produzir, reescrever, revisar textos - Memórias literárias

14. É hora de fazer a proposta a eles: ²

Vamos conhecer as memórias das pessoas de nossa comunidade sobre o nosso bairro? O que teremos de fazer para isso? Conversar com os mais velhos, sim, mas com quem? E como? É preciso que se organizem. Selecionar material específico (entrevistas impressas e vídeos) para que os alunos leiam e assistam a diferentes entrevistas e reconheçam as características essenciais do gênero. Depois, orientar a preparação de roteiros de perguntas e discutir em conjunto os procedimentos necessários para realizar uma boa entrevista.

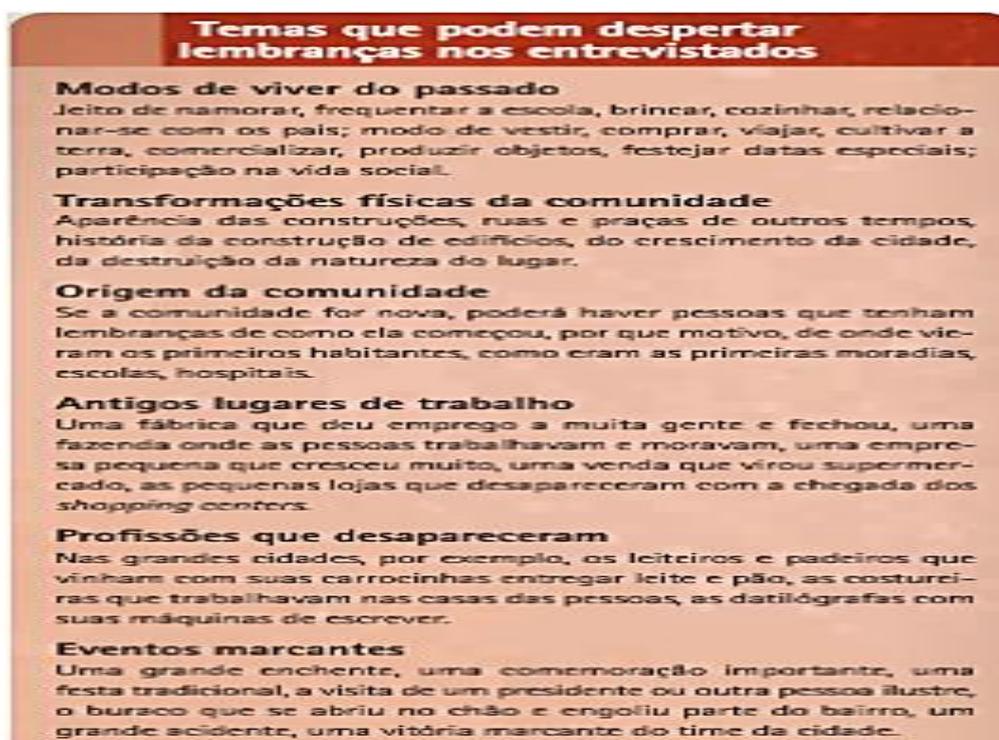
15.Planejar e realizar entrevista com uma pessoa idosa da comunidade

Escolher a pessoa para contar histórias que servirão de base para os textos de memória. Preparar a entrevista, organizando as perguntas, quem direcionará as questões, quem anotará. O que gostariam de saber sobre o entrevistado? Pedir aos alunos que observem o quadro que fizeram sobre a obra Rancho Alegre e em duplas elaborar questões baseadas nos temas enfocados na obra e em outros que serão elencados no quadro. Fazer a leitura, organização e seleção das perguntas.

² Para esta atividade seguiremos os passos fornecidos no endereço <http://parcimoniadna.blogspot.com/2012/06/texto-de-apoio-para-realizar-uma.html> que serão expostos para os alunos em slides e ao final exibiremos uma entrevista disponível no endereço http://www.youtube.com/watch?v=_UMds8q6aTg realizada pelos alunos para a produção de Memórias literárias.

As atividades discursivas são preparatórias para o encontro com a pessoa a ser entrevistada, conforme roteiro de assuntos delineados abaixo:

Figura 6: Roteiro para a entrevista



Fonte: (Clara *et al.* (2010, p.104)

16. Realizar a entrevista. Depois de terminar a entrevista, mostrar como foi importante a contribuição que ele deu.

Ressaltamos que a entrevista foi um dos gêneros escolhidos para ser estudado e fez parte da pesquisa porque foi utilizada como instrumento de coleta de dados e fonte de informação para subsidiar a produção de um gênero escrito, as Memórias literárias. Pela voz do entrevistado evocam-se as lembranças do lugar. A entrevista, por ser um gênero da modalidade oral da língua, traz várias marcas próprias da conversa informal.

Entre as características a serem observadas na entrevista acima temos: a) o número de participantes envolvidos, no caso específico, a presença de vários entrevistadores para um entrevistado, que condiciona uma maior ou menor possibilidade de mudança de falantes e o tempo da fala de cada um; b) o nível de conhecimento dos participantes entre si e o grau de cooperação de cada um, possibilitando uma maior quantidade de conhecimento compartilhado; c) o envolvimento

- Conte resumidamente, como surgiu esse povoado
- O que sr.(a) gostaria que continuasse do seu tempo de infância ou mocidade?
 - Lemos o livro do escritor Tocantinense Juarez Moreira Filho onde fala da vida na fazenda perto de Dueré. No livro, o autor fala sobre temas como plantio de mandioca, farinhada, engenho de cana de açúcar, plantio de melancia, enchentes e sobre o dia a dia na roça. O senhor tem lembranças de passagens da sua vida envolvendo qualquer um desses temas citados pelo autor?

Lembrar aos alunos que é fundamental criar um clima de respeito e conquistar a confiança do entrevistado, para que se sinta à vontade para contar suas lembranças.

Explicar também aos que um questionário de perguntas muito objetivas, que pode ser respondido com poucas palavras, pode inibir relatos interessantes. Vamos elaborar perguntas, mas não vamos nos limitar a elas. O objetivo que haja uma conversa para conseguirmos bons relatos. As perguntas deverão levar o entrevistado a revelar sensações e sentimentos a respeito do que está contando. É importante ainda que os alunos observem se o entrevistado compara o passado e o presente, descreve lugares e costumes de antigamente. Caso isso não aconteça naturalmente, o entrevistado pode ser questionado a esse respeito com outras perguntas.

17. Produzir um texto individual por meio da Retextualização:

Transformar a entrevista em um texto de Memória literária. Diante das informações coletadas, os alunos precisam realizar uma edição do material para transformá-lo em um texto de memória, narrado em primeira pessoa. Para elucidar melhor sobre a retextualização:

A produção de um novo texto com base num já existente é um processo de retextualização, que compreende operações que evidenciam como a linguagem funciona socialmente. Por isso, nessa atividade, devem ser consideradas as condições de produção, de circulação e de recepção dos textos. Quando a retextualização requer a passagem do oral para o escrito, envolve estratégias de eliminação (por exemplo, de marcas interacionais, hesitações), inserção (por exemplo, de pontuação), substituição (por exemplo, de uma forma coloquial para uma formal), seleção, acréscimo, reordenação, reformulação e condensação (por exemplo, agrupamento de ideias) (ANDRADE; ALTENFELDER; ALMEIDA. *Olimpíada de Língua Portuguesa: Orientação para produção de textos*, 2010, p.112)

Essa etapa, chamada de retextualização, exige que eles lancem mão de uma série de estratégias importantes no processo de produção de textos, tais como eliminação, substituição e inserção de palavras, adequação da pontuação e organização das ideias dentro da narrativa.

Lembrar ao aluno que ele deve:

- Retomar as informações dadas pelo entrevistado.
- Selecionar as histórias mais interessantes.
- Preservar o jeito particular da pessoa, aquilo que ela viveu.
- Transmitir ao leitor as sensações e emoções que surgiram.
- Citar objetos e costumes de antigamente e fazer comparações entre o passado e o presente.
- Usar palavras e expressões que marquem o tempo passado.

Depois de escrito é preciso escolher o título.

A preparação e a revisão dos textos serão sempre em sala de aula.

Alertar sobre os cuidados na passagem da modalidade oral (entrevista) à modalidade escrita (texto de memória literária):

- Ler as anotações, as observações coletadas na entrevista;
- Selecionar as informações, fatos particulares que podem ser utilizados na produção do texto;
- Organizar os conhecimentos, os dados, os turnos de fala, preservando a linguagem, as marcas linguísticas, a pronúncia, a fidelidade à fala da pessoa entrevistada;
- Evitar frases imprecisas ao narrar os acontecimentos, assegurando a progressão temática;
- Procurar transmitir ao leitor as lembranças, as sensações, as emoções que surgiram durante a entrevista, sem perder de vista o tom literário.

Pedir aos estudantes que ao escrever o texto mostrem o olhar particular do entrevistado sobre aquilo que ele viu e viveu, levem em consideração:

- As vozes do discurso – voz da pessoa entrevistada, do aluno-narrador, do aluno-personagem; narrativa em primeira pessoa, para envolver, conduzir o leitor por cenários e situações reais e imaginárias;

➤ Entrelaçamento de acontecimentos reais com os inventados (ficcionais), preservando a estética da linguagem literária; pontuação; as repetições e redundâncias;

18. Leitura dos textos: “São Joao: O festejo da vida” e “Marcas da felicidade” produzidos ora alunos finalistas da Olimpíada de Língua Portuguesa

Consideramos que levar para a sala de aula textos produzidos por outros alunos torna a experiência mais compartilhada e significativa e também gera um sentimento de identidade, pois muitos ainda tem a ideia de que escrever é um trabalho de escritores.

Então, poderão perceber que jovens da mesma série e da mesma idade escreveram e participaram de concursos, ou seja, tiveram experiências sociais exitosas por meio de seus textos.

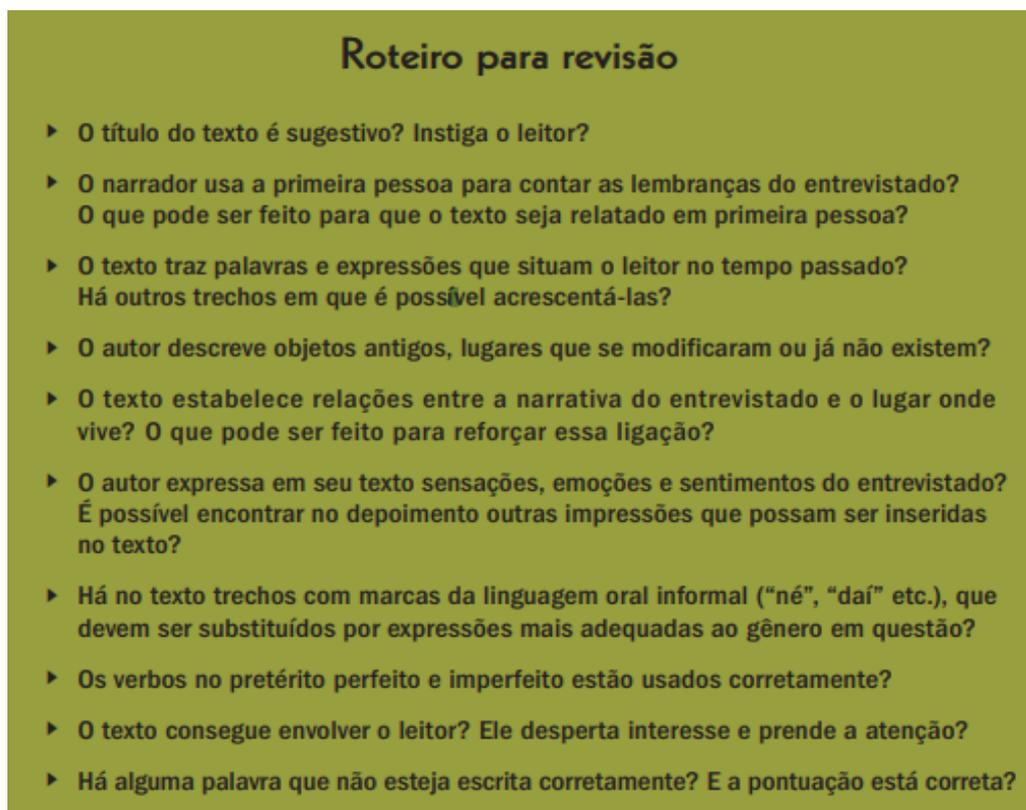
19. Releitura, revisão e reescrita do texto. Revisar o texto usando um roteiro

Vale a pena inserir dois momentos de revisão: um coletivamente um com auxílio do professor, em intervenções registradas no texto, e outra individualmente. Para isso, deve-se lançar mão do roteiro de revisão.

Com base nas necessidades específicas do gênero, criar atividades para abordar aspectos linguísticos e textuais que sejam importantes para a construção do texto, tais como uso dos pronomes, o papel da descrição e reconhecimento da superestrutura do texto.

Antes da revisão, os alunos receberão impresso o seguinte roteiro para revisão e em seguida escolherão um dos textos produzidos e farão uma revisão coletiva. Vamos aprimorar um texto coletivamente.

Figura 7: Roteiro para revisão do caderno Se bem me Lembro – 2019



Fonte: (Clara *et al.* (2019, p.153)

20. Fazer a revisão e o aprimoramento do texto.

Nessa etapa, serão entregues as produções aos alunos para que cada um deles retome o exercício e faça a revisão do próprio texto com base nos critérios apresentados no roteiro de revisão. Os alunos podem usar lápis ou caneta de cor diferente para destacar as mudanças. Eles podem marcar a reorganização ou o acréscimo de ideias, a correção de palavras, as mudanças de pontuação. Após essa atividade, os textos serão recolhidos para que seja analisado pelo professor.

Não basta contentar-se em sublinhar as inadequações, apontá-las com códigos nem sempre bem entendidos pelo aluno, colocar pontos de interrogação ou exclamação diante de expressões mal empregadas deixando a cargo deste verificar o que está incorreto. Apenas verificar, pois não vai ser dada a ele a oportunidade de buscar outros recursos de forma e de conteúdo que lhe permitam melhorar o texto por meio de uma reescrita, substituir as frases mal formadas, acrescentar ou modificar conteúdos a ser avaliados (THEREZO, 2008, p.11).

A partir do primeiro texto que os alunos fizeram a partir da entrevista, iniciaremos com o trabalho de refacção, usando a revisão e a reescrita. Essa etapa

da produção textual requer acompanhamento específico, pois as dificuldades dos alunos são heterogêneas.

Lembramos aqui que para propor a atividade de reescrita é necessário que o professor leia as produções para diagnosticar os saberes e as dificuldades apresentadas. É fundamental também elaborar uma lista dos problemas mais recorrentes para desenvolver atividades de intervenção, mas sempre destacando as qualidades do texto e se preocupando em manter o trabalho de autoria do aluno. Nessa etapa, o professor realiza mais um processo de avaliação diagnóstica e pode observar quais os conteúdos ainda precisam ser retomados para que os alunos revisem e reescrevam seus textos.

21. Passar o texto a limpo e organizar

Ao final do projeto, pedir para que os alunos revejam seus registros e notem o quanto eles mesmos foram capazes de aprimorar seus textos e avançar na produção das memórias literárias.

Quadro 6: Cronograma de aplicação das atividades da sequência didática

Data	Quant. de aulas	Ação
12 de Fevereiro de 2019	01 aula	Apresentação do projeto. Explicação dos objetivos, o que será aprendido, as etapas e o produto final esperado. Exibição do vídeo: Memórias de Emília. Conversa informal sobre o filme
13 de fevereiro de 2019	01 aula	Leitura de Três textos de Memórias: “Automóveis invadem a cidade” de Zélia Gatai, “Meus tempos de criança” de Rostand Paraíso e “Transplante de menina”, de Tatiana Belinky. Conversa informal sobre os textos lidos. Audição do CD com os textos.
13 de fevereiro de 2019	Atividade extraclasse	Pedir aos alunos que escolham uma pessoa idosa da família, conversem com ela e peça que lhes conte lembranças de fatos do lugar.
14 de fevereiro de 2019	Atividade realizada parte em casa e a outra parte em sala de aula 02 aulas	2ª etapa: Primeira produção Na aula, em uma roda de conversa, cada aluno contara o que ouviu. Ao final, organizaremos um quadro com as informações sobre os fatos narrados e faremos exposição das fotos e objetos. Orientações sobre a primeira produção
14 de fevereiro de 2019	Atividade extraclasse	Pedir aos alunos que escrevam um pequeno texto com base na pesquisa sugerida quando os alunos conversaram com pessoas mais

		velhas da comunidade, deverão se colocar no lugar de uma pessoa mais velha para escrever as memórias dela, em primeira pessoa
19 e 20 de fevereiro de 2019	02 aulas	<p>Leitura dos textos produzidos.</p> <p>8.Será proposta uma atividade de releitura dos textos “Meus tempos de criança” de Rostand Paraíso e “Transplante de menina”, de Tatiana Belinky. Após a leitura conversaremos sobre como se constrói o texto de “memórias”, o narrador, o tempo, o espaço.</p> <p>Atividade proposta: Pintar no texto “Transplante de menina” trechos dos textos as passagens de acordo com as cores e informações indicadas</p> <p>Azul: trechos: que evidenciem o narrador em primeira pessoa</p> <p>Verde: trecho do texto que situa o leitor no tempo e no espaço em que as lembranças se desenrolam</p> <p>Rosa: os trechos em que os autores fazem descrições.</p> <p>Amarelo: Trechos em que os autores falam de seus sentimentos e impressões.</p> <p>Vermelho: trechos em que os autores comparam o tempo antigo com o atual</p> <p>Fazer a correção no data show</p>
21 de fevereiro de 2019	01 aula	Atividade escrita de interpretação do texto “Automóveis invadem a cidade”
21 de fevereiro de 2019	Atividade realizada arte em sala de aula e outra parte em casa	10.Solicitar aos alunos que pesquisem sobre a vida da autora do texto lido(Biografia). A pesquisa será realizada como atividade extraclasse visto que a maioria dos alunos possuem celular com acesso à internet em casa ou na praça da cidade.
26 e 27 de fevereiro de 2019	02 aulas	<p>Nesta etapa os alunos serão levados a ler novamente o texto “Automóveis invadem a cidade”, escrito por Zelia Gatai para que comparem o texto de memória com a biografia da escritora e percebam semelhanças ou diferenças em relação aos textos.</p> <p>11.Conversar com o grupo sobre a diferença entre memória e memórias.</p>
28 de Fevereiro de 2019	02 aulas	<p>12. Em grupos fazer a leitura do texto: “Memórias submersas do Canela” (Olimpíada de Língua Portuguesa)</p> <p>13.Após a leitura do texto, promover um diálogo com os alunos sobre o que leram: como se sentiram ao ouvir essas histórias. Já tinham ouvido lembranças semelhantes? Elas</p>

01,02 e 03 de Março	A atividade de leitura dos capítulos será em casa.	se parecem com alguma situação que já vivenciaram? Se conhecem algum dos lugares citados nos textos? Ao final faremos um quadro comparativo de acordo com o que foi relatado pela autora. 14. Dividir a sala em grupos, cada grupo lerá um capítulo do Livro Rancho Alegre do escritor tocantinense Juarez Moreira Filho.(Serão lidos os capítulos II, III e VII). Atividade extraclasse
07 de Março de 2019	02 aulas	Cada grupo irá apresentar em uma “roda de conversa” informações sobre o texto que leram.
08 de Março de 2019	01 aulas	Exibir a biografia do autor no data show. Ao final, propor questionamentos aos alunos sobre o lugar onde o escritor viveu, que mudanças sofreu ao longo dos anos. Cada grupo deverá preencher um quadro dividido por temas com informações sobre a obra lida. (Atividade em sala)
12 de Março de 2019	02 aulas	4ª etapa- A produção final Exibição e discussão sobre a realização da entrevista. Exibição de uma entrevista.
13 de Março de 2019	02 aulas	Planejamento da entrevista. Elaboração e organização das perguntas
14 de Março de 2019	02 aulas	Realização da entrevista
15 de Março de 2019	02 aulas	Orientações sobre a retextualização da entrevista.
15 de Março de 2019	Atividade realizada em casa	Leitura de textos da Olimpíada (“São João: o festejo da vida” e “ Marcas da felicidade”
16 e 17 de Março de 2019	Atividade realizada em casa	Produção de um texto individual por meio da Retextualização: transformação da entrevista em um texto de memória literária.
19 de Março de 2019	02 aulas	Escolha de um dos textos produzidos e realização de uma revisão coletiva
19 de Março de 2019	Atividade realizada em casa	Revisão e aprimoramento do texto.
20 de Março de 2019	01 aula	Entrega dos textos e considerações sobre o trabalho desenvolvido

Fonte: Autoria própria, 2019.

3.5 Descrição da aplicação da sequência didática e coleta de dados

Neste tópico apresentamos uma descrição sobre todos os passos que foram seguidos, desde a apresentação da situação até a produção final. As atividades foram realizadas durante os meses de Fevereiro e Março de 2019, algumas atividades foram realizadas em casa, mas a maioria desenvolveu-se na sala de aula.

1º dia: Aula 01 - 12 de Fevereiro de 2019

No primeiro momento, foi realizada uma conversa informal para apresentar aos alunos o projeto, foram explicitados os objetivos, o que seria aprendido e as etapas. Em linhas gerais, dizendo também quais seriam os produtos finais esperados. Observamos que os alunos ficaram bastante entusiasmados para participar do projeto.

Em seguida prosseguimos com a exibição no data show do vídeo: Memórias de Emília e após uma conversa informal sobre o filme em que personagens do Sítio do Picapau Amarelo discutem sobre a possibilidade da escrita de um livro de memórias. Instigados sobre o tema por meio de perguntas como:

Você gosta de lembrar fatos do passado?

Você tem lembranças marcantes de sua infância?

Você gosta de ouvir de seus familiares (pais, tios, avós) histórias de família?

Você sabe o que são memórias literárias?

Já leu algum livro de memórias? Qual?

Alguma vez já escreveu texto em que falou de fatos acontecidos com você?

A maior parte dos alunos disseram que gostam de lembrar da infância, das brincadeiras com os colegas e até relataram alguns fatos em que viveram junto com amigos da escola. A maioria relatou que gosta de ouvir histórias e que na família a avó ou o avô gostam muito de contar histórias de quando eles nem ainda haviam nascido.

Quando instigados se já leram livros de memórias, a maioria disse que ainda não leu um livro de memórias, mas já leram textos memorialísticos na escola. A maioria respondeu que já escreveram textos que abordavam o tema “infância”, mas

alguns relataram que tiveram dificuldade para escrever porque pouca coisa mudou na vida deles desde a infância.

2º dia: Aula 2 – 13 de fevereiro de 2019

Na aula seguinte, os alunos foram dispostos em círculo, procedeu-se à leitura dos textos de Memórias: “Automóveis invadem a cidade” de Zélia Gatai, “Meus tempos de criança” de Rostand Paraíso e “Transplante de menina”, de Tatiana Belinky, para que os alunos tivessem contato com o gênero em questão e suas características. Primeiro fizeram uma leitura individual dos três textos que foram previamente impressos, depois sorteamos três alunos para irem a frente e ler cada um dos textos. Esta é uma atividade que eles gostam bastante.

Após a leitura dos três textos, promovemos um diálogo sobre o que leram. Fizemos, oralmente, a análise e discussão dos respectivos textos, em que foram observados, de modo geral, o conteúdo tratado nos textos, o tipo de narrador e foco narrativo, os tempos verbais predominantes, a forma como o narrador descreve lugares, pessoas, sentimentos. Para realizar a análise e conduzir a nossa conversa de modo a permitir a participação de todos, nos baseamos nas perguntas:

Como se sentiram ao ouvir essas histórias. Já tinham ouvido lembranças semelhantes? Elas se parecem com alguma situação que já vivenciaram? Há fatos marcantes acontecidos com eles, que ficaram na memória? Será que gostariam de contar algumas? Abrir espaço para que falem sobre suas memórias na família.

Os alunos relataram como se sentiram ao ouvir as histórias. A leitura dos textos instigou nos alunos várias lembranças organizadas no quadro a seguir:

Quadro 7: Lembranças dos alunos ao lerem os textos de memórias

Texto lido	Memória relatada
<p>“Meus tempos de criança” de Rostand Paraíso</p>	<p>“Quando eu era pequenininho meu pai queria que eu aprendesse a andar de cavalo e me levava para a roça todos os dias. Ele puxava o meu cavalo segurando uma corda, mas um dia, ele soltou a corda, eu comecei a chorar muito e acabei caindo do cavalo. Passei muito tempo sem voltar a montar, porque tinha medo e minha mae também ficou muito brava.” (Luiz Eduardo)</p>

<p>“Meus tempos de criança” de Rostand Paráiso</p>	<p>Quando éramos pequenos era muito bom, a gente juntava as petecas do litro de pinga para jogar. Quando saíamos da escola, íamos direto para a praça jogar peteca.</p>
<p>“Os automóveis invadem a cidade”.</p>	<p>“Aqui era bem tranquilo, mas quando era tempo de eleição, ficava muito movimentado, carro de todo lado, tinha os comícios com muitos foguetes e comida. Minha mãe trabalhava de “alamoça” e lá em casa ficava coalhado de cartazes, até nas janelas. Todo mundo tinha que vestir a camiseta do candidato”. Tinha gente que ate brigava quando não ganhava camiseta.” (Diego)</p>
<p>“Os automóveis invadem a cidade”.</p>	<p>“Minha mãe conta que antes aqui quase ninguém tinha carro, quem tinha um famoso corcel branco era seu Alexandrão e ele fazia fretes para todos. Muitas vezes levava cano porque fazia fiado e o povo não pagava.” (Camila)</p>
<p>Texto Transplante de menina</p>	<p>“Tia, eu lembro da primeira vez que fui em Goiânia. Chegamos lá de madrugada, era tanta luz que quase fiquei cega. Nunca tinha visto tanto carro, tantas casas e até uns prédios. Me deu medo, mas estava encantada. Fomos na feira onde vende roupas, era muito grande, muita gente gritando, cheiro de roupa novinha e de comida pra todo lado e eu lá tia, agarrada na saia da minha mãe, porque toda hora anunciava coisa que tinha sido roubada.” (Ana Luiza)</p>

Fonte: Autoria do professor e alunos, 2019

3º dia: Atividade extraclasse – 13 de fevereiro de 2019

Passamos então para a segunda etapa da sequência, iniciada com uma atividade extraclasse em que os alunos escolheram uma pessoa idosa da família, conversaram com ela e pediram que lhes contasse lembranças de fatos do lugar. Os alunos registraram no papel os fatos relatados.

4º dia: Aula 4,5 e atividade extraclasse– 14 de fevereiro de 2019

Na sala de aula, em uma roda de conversa, cada aluno contou o que ouviu e ao final, organizamos um quadro com as informações sobre os fatos narrados.

Quadro 8: Informações sobre a entrevista para a produção inicial preenchido com as respostas dos alunos

Nome do entrevistado	Fato narrado	Temas
Tertuliana	Época em que trabalhou como merendeira da escola,	Aspectos relativos a escola, deslocamento e serviços
Bernardino	Primeira vez em que se candidatou a vereador da cidade mas não tomou posse porque só tinha até a 4ª série	Política
Madalena	Aspectos do nascimento, chegada na cidade e amizades que fez aqui.	Relacionamentos
Maria Aparecida	Época que chegou na fazenda Varjádão	Relacionamentos e trabalho
Raimundo	Construções que aviam no povoado no início	Organização e evolução do povoado

Fonte: Autoria própria, 2019.

Os objetos e fotos foram expostos e cada aluno descreveu o que ouviu sobre esse objeto. Alguns alunos trouxeram fotos antigas da de lugares da cidade e, um deles, que é neto de uma senhora que trabalhou na escola e hoje está aposentada, trouxe fotos da escola antigamente. Eles compararam o passado e o presente do prédio da escola. Durante a aula, os alunos fizeram muitas observações sobre as histórias que ouviram.

Ao final da aula os alunos foram orientados sobre a primeira produção. Foram informados que deveriam escrever um pequeno texto com base na pesquisa em que realizaram conversando com pessoas mais velhas da comunidade, colocando-se no lugar dessa pessoa para escrever as memórias dela, em primeira pessoa. Esta atividade foi realizada em casa e os alunos trouxeram as produções no dia seguinte. Leitura dos textos produzidos.

5º e 6º dia: Aulas 6 e 7 - 19 e 20 de fevereiro de 2019

Na aula seguinte, foi proposta uma atividade de releitura do texto “Transplante de menina”, de Tatiana Belinky. Após a leitura conversamos sobre como se constrói o texto de “memórias”, o narrador, o tempo, o espaço. Recordamos com a turma que na escrita de memórias literárias os autores se preocupam em caracterizar lugares e pessoas considerados importantes nas experiências vividas no passado. Eles também comparam o tempo antigo com o atual, destacando, muitas vezes, as diferenças. Pedimos para que os alunos observassem em detalhes como os autores do texto vão construindo as memórias e então combinamos que os alunos iriam mostrar que realmente conseguiram perceber esses detalhes nos dois textos. Dividimos a sala em duplas e cada dupla realizou a atividade proposta, pintando as partes do texto “Transplante de menina” nas cores indicadas de acordo com o que cada trecho evidenciava:

Azul: trechos: que evidenciam o narrador em primeira pessoa

Verde: trecho do texto que situa o leitor no tempo e no espaço em que as lembranças se desenrolam

Rosa: os trechos em que os autores fazem descrições.

Amarelo: Trechos em que os autores falam de seus sentimentos e impressões.

Vermelho: trechos em que os autores comparam o tempo antigo com o atual.

A atividade levou mais tempo do que o planejado e os alunos tiveram algumas dificuldades para fazer as identificações. Pelos verbos e pronomes identificaram primeiramente passagens que evidenciam o narrador em primeira pessoa e como o texto tem muitas descrições, conseguiram identificar bem as descrições. Ao final foi realizada a correção no Datashow e os alunos puderam fazer as comparações com as partes que escolheram pintar para cada tipo de informação solicitada.

7º dia: Aula 8 - 21 de fevereiro de 2019

No dia seguinte, após os alunos terem lido, analisado e produzido memórias, propomos uma atividade individual com questões objetivas sobre o texto “Automóveis invadem a cidade” para que pudéssemos novamente observar a percepção dos alunos em relação ao conteúdo tratado nos textos, o tipo de narrador e foco narrativo,

os tempos verbais predominantes, a forma como o narrador descreve lugares, pessoas e sentimentos.

Ao término da atividade de interpretação, os alunos foram convidados a pesquisar sobre a vida da autora do texto lido e entraram em contato com o gênero (Biografia). A pesquisa foi realizada como atividade extraclasse visto que a maioria dos alunos possuem celular com acesso à internet em casa ou na praça da cidade.

8º dia: Aulas 9 e 10 – 26 e 27 de fevereiro de 2019

Na aula seguinte, os alunos leram novamente o texto “Automóveis invadem a cidade”, escrito por Zélia Gattai para que comparassem o texto de memória com a biografia da escritora e percebessem semelhanças ou diferenças em relação aos textos. A atividade fez com que percebessem que a recordação da infância e dos lugares visitados auxilia o reconhecimento da história de vida de uma pessoa. Nesse sentido, o relato memorialista de Zélia Gattai vem ao encontro da construção da autora como pessoa e remonta ao desenvolvimento da cidade de São Paulo.

Fizemos comparações entre a biografia da autora e as memórias retratadas no texto “Automóveis invadem a cidade”. Conforme dados da biografia lida pelos alunos, Zélia Gattai, descendente de imigrantes italianos, nasceu e cresceu na cidade de São Paulo, e nas três primeiras décadas do século 20, a capital paulista sofria forte influência da imigração europeia, especialmente a italiana. São Paulo experimentava seu primeiro surto de industrialização, fato que também é relatado nas memórias da autora quando fala dos carros. Além do trabalho, esses imigrantes deram origem a um movimento operário, influenciado por ideias socialistas e anarquistas. Aproveitamos para conversar com o grupo sobre a diferença entre memória e memórias.

9º dia: Aulas 11,12 - 28 de fevereiro e atividade extraclasse–,01,02 e 03 de 2019

Dando prosseguimento às atividades, a sala foi dividida em grupos, e cada grupo fez a leitura do texto: Memórias submersas do Canela (Olimpíada de Língua Portuguesa). Após a leitura do texto, promovemos um diálogo com os alunos sobre o que leram. Muitos ficaram curiosos e empolgados quando souberam que a autora do

texto é uma aluna do Tocantins e que escreveu sobre Palmas, surgiram perguntas sobre onde fica esse “Canela” e foi necessário acessar a internet para pesquisarmos sobre como está hoje o local descrito na memória, pois alguns alunos já conhecem a capital. Ao final fizemos um quadro comparativo entre passado e presente de acordo com o que foi relatado pela autora. O quadro foi preenchido pelos alunos da seguinte maneira:

Quadro 9: Comparativo: Texto “Memórias submersas no Canela” preenchido com as respostas dos alunos.

Passado	Presente
Terras boas para produzir	As terras do Canela foram inundadas pelas águas do rio
Poucas famílias moravam em casas de palha e barro, sem muros	Casas cercadas por muros, todos vivem trancados
Todos se conheciam e viviam coletivamente	Obras luxuosas, chegada de turistas
Contaço de casos a noite, “peladas” na rua. Festas em um barracão, festejavam o Divino	Terras, vegetação e todo o povoado do Canela foi engolido pelo rio e todos precisaram se adaptar à vida na capital.

Fonte: Autoria própria, 2019.

Ainda nestas aulas foram distribuídos para os alunos em grupos, xérox de 3 (três) capítulos do Livro Rancho Alegre do escritor tocantinense Juarez Moreira Filho. (Foram lidos os capítulos II, III e VII). Os alunos fizeram a leitura em casa. Atividade extraclasse

10º dia Aulas 13 e 14 - 07 de Março de 2019

Nas aulas seguintes, os alunos foram distribuídos em círculo e cada grupo apresentou em uma roda de conversa informações sobre o texto que leram. Exibimos a biografia do autor no data show. Ao final, propomos questionamentos aos alunos sobre o lugar onde o escritor viveu, que mudanças sofreu ao longo dos anos. Alguns alunos reconheceram a cidade de Dueré, descrita nas memórias do escritor, relatando que já passaram por lá indo para Palmas, descreveram as ladeiras da cidade e o cemitério. Alguns alunos tiveram a curiosidade de pesquisar sobre a fazenda e a cidade e descobriram que o prefeito de Gurupi, Laurez Moreira também viveu nessa mesma fazenda.

11º dia: Aula 15 - 08 de Março de 2019

Nesta aula, cada grupo preencheu um quadro, na cartolina, dividido por temas, com informações sobre a obra lida. No final todos apresentaram os quadros e com as informações condensadas, compomos o seguinte quadro:

Quadro 10: Rememorações do autor no livro Rancho Alegre preenchido com as respostas dos alunos

TEMA	INFORMAÇÕES SOBRE O TEMA NA OBRA
Cultura, costumes, eventos	Corridas de jegue, histórias de Trancoso, homens armados com peixeira e armas de fogo, as comitivas tocando gado para a Ilha do Bananal, o berranteiro (toque de saída-solta, toque de estrada e toque da queima do olho), as comidas (Maria Izabel), o carro de boi, as brincadeiras (cobra-cega, corrupio, pião, baladeira. Bodoque, chicote queimado, gangorra arapuca, cambota, cavalo de talo de buriti, gado de osso de mocotó), farinhada
Palavras ou expressões	gongó,cafundó,garapa.melado,tijolo,puxa,rancharia,gamela, Quem nasceu pra boi manso morre na canga, Praga de urubu não pega em cavalo gordo, Valentia de boca nunca matou ninguém
Objetos	Tipiti,palmatória,jacá,porronca
Profissões	Vaqueiro,fisqueiro,garimpeiro

Fonte: Autoria própria, 2019.

12º dia: Aulas 16 e 17 - 12 de Março de 2019

Nas aulas seguintes procedemos com a exibição de uma entrevista com um idoso, passamos a discutir sobre os passos para a realização da entrevista.

13º dia: Aulas 18 e 19 - 13 de Março de 2019

Trouxemos para a sala de aula uma lista das pessoas mais velhas da comunidade. Então, explicamos que escolheríamos uma delas para fazer uma entrevista. Os alunos escolheram o senhor Justo Soares (ex vereador e avô de alguns alunos e funcionários da escola), um dos moradores mais antigos da comunidade. Explanamos sobre o teor da entrevista e apresentamos um roteiro prévio com

perguntas baseadas no Caderno de Memórias da Olimpíada de Língua Portuguesa. Juntos aprimoramos as perguntas, eliminamos algumas e acrescentamos outras que consideramos significativas no sentido de conhecermos sobre a vida do entrevistado e conseqüentemente sobre os aspectos relativos a história e cultura do Povoado. Após a análise do roteiro, elaboramos as seguintes perguntas:

Perguntas norteadoras da entrevista

1. Sabemos que a infância é um período do qual todos nos sentimos saudades. Então gostaríamos que o senhor descrevesse como foi sua infância aqui no povoado? Como eram as brincadeiras em sua infância?

2. O senhor estudava? Como era a escola em seu tempo de criança?

3. Há quanto tempo mora nesta cidade?

4. Conte-nos um pouco sobre sua trajetória de vida.

5. Todos nós, principalmente os mais velhos sempre tem muitas lembranças, sejam boas ou ruins, mas há sempre aquela lembrança de algo que marcou a nossa vida. Qual foi o fato mais marcante do lugar onde sr.(a) mora?

6. Hoje temos muitas histórias, muitas lendas que aprendemos na escola ou que nos são contadas por nossos pais. Quais lendas eram contadas na sua época de criança?

7. Atualmente, por aqui se realizam algumas festas, a festa junina, por exemplo, em homenagem a São João Batista que acontece no mês de junho. Antigamente, quais os tipos de festa que se comemoravam no povoado? Como eram essas festas aqui no povoado? Conte uma situação engraçada em uma dessas festas?

8. Um dos temas bem discutidos na família e na escola é sobre o namoro, então conte-nos como era o namoro naquela época?

9. Hoje no povoado, a maioria das pessoas restam serviço no estado, na prefeitura ou nas fazendas próximas. No passado, como era o trabalho? Como eram as condições financeiras do povoado? Em que sua família trabalhava?

10. Hoje aqui apesar de ter muitas casas, ainda há uma demanda por moradia. Como eram as casas?

11. Como era o comércio por aqui?

12. E o deslocamento para outras cidades, como acontecia?

13. O que mudou daquele tempo para cá?

14. Conte resumidamente, como surgiu esse povoado

15. O que sr.(a) gostaria que continuasse do seu tempo de infância ou mocidade?

16. Lemos o livro do escritor Tocantinense Juarez Moreira Filho onde fala da vida na fazenda perto de Dueré. No livro, o autor fala sobre temas como plantio de mandioca, farinhada, engenho de cana de açúcar, plantio de melancia, enchentes e sobre o dia a dia na roça. O senhor tem lembranças de passagens da sua vida envolvendo qualquer um desses temas citados pelo autor?

Recomendamos aos alunos que anotassem os pontos mais importantes para usar as anotações para recuperar a história mais tarde. Lembrá-los de que será necessário que estejam muito atentos ao depoimento oral da pessoa entrevistada, para que sejam capazes de registrar as informações e, posteriormente, escrever como se fossem o entrevistado e como se tivessem vivido as experiências por ele narradas.

Os alunos quiseram fazer a divisão das perguntas para que todos pudessem participar como entrevistadores. Combinamos que gravaríamos a entrevista, mas que todos anotariam o maior número de informações que conseguissem. Pedimos ajuda da coordenadora da escola para realizar a gravação. Dois alunos se dispuseram a convidar o escolhido para a entrevista e para aproveitarmos bem o tempo, levaram o roteiro de perguntas e entregaram para o entrevistado. Foram incumbidos também de explicar detalhadamente para o senhor Justo Soares, o objetivo, o local e o dia em que se realizaria a entrevista. Um fator que contribuiu bastante e que o escolhido aceitou com alegria participar da atividade e já marcamos o dia da entrevista.

14º dia: Aulas 20 e 21 – 14 de Março de 2019

No dia da entrevista, organizamos a sala em círculo para fazermos uma entrevista mais ao tom de “bate-papo”, para criar um clima de respeito e conquistar a confiança do entrevistado, para que se sinta à vontade para contar suas lembranças. Pedimos a autorização do entrevistado para filmá-lo. Nossa entrevista durou aproximadamente 50 minutos. Começamos falando sobre o objetivo conforme os alunos já haviam adiantado e para iniciarmos a entrevista, pedimos para que o entrevistado se apresentasse, falando o nome completo e a idade. Prosseguimos com o entrevistado se apresentando e começamos então as perguntas. A entrevista

prosseguiu de maneira leve e tranquila. Apesar de termos elaborado um roteiro de entrevista, os alunos ficaram meio intimidados em fazer as perguntas ao entrevistado e eu precisei fazer. Este estava tranquilo e foi cooperativo ao responder as perguntas da entrevista feitas por mim. Os alunos ficaram muito atentos à narração do entrevistado, principalmente, porque respondeu a maioria das perguntas fazendo relatos sobre sua vida ou da vida de moradores antigos que ele conheceu. Durante a entrevista citou nomes de parentes de alguns alunos que fazem parte das famílias pioneiras da região. Ao final da entrevista, agradecemos e avisamos que depois enviaríamos os textos para que fossem lidos por ele.

15º dia: Aulas 22 e 23 – 15 de Março de 2019 e atividade extraclasse dias 16 e 17 de Março de 2019

Na aula seguinte, passamos então para o processo de produção do texto de “Memórias”, primeiro, assistimos a filmagem na sala de aula. Os alunos foram orientados para que conferissem as anotações e registrassem o que não conseguiram registrar durante a entrevista. Pedimos para selecionarem o que acharam mais interessante na fala do senhor Justo Soares. A partir dessas anotações, os alunos escreveriam suas próprias narrativas com base nas memórias do entrevistado.

Num primeiro momento, os alunos anotaram o maior número de informações que conseguiram apreender. Eles questionaram a rapidez da fala do entrevistado, o que dificultou o registro fiel da entrevista. Assim, voltamos várias vezes ao mesmo trecho para melhor compreensão dos alunos. Devido às dificuldades apresentadas, os alunos fizeram as anotações em duplas. O registro da entrevista ficou bem extenso, devido ao número de perguntas e a fala do entrevistado.

No segundo momento, orientamos os alunos a escolherem um ou dois aspectos das anotações feitas, com a finalidade de manterem uma unidade temática no texto produzido. Perguntamos aos alunos em quais trechos da entrevista eles haviam se identificado. Durante esse percurso, também usamos textos de memórias literárias produzidos por alunos participantes das Olimpíadas de Língua Portuguesa de anos anteriores.

Para a escrita da produção final apresentou-se aos alunos o contexto de produção e foi importante esclarecer que teriam que se colocar no lugar do

entrevistado usando para isso a primeira pessoa, como é pertinente em um texto de Memórias literárias. Os alunos produziram os textos em casa.

Essa etapa exigiu que eles lançassem mão de uma série de estratégias importantes no processo de produção de textos, tais como eliminação, substituição e inserção de palavras, adequação da pontuação e organização das ideias dentro da narrativa, por isso cada aluno recebeu em uma folha impressa

“Orientações que deveriam lembrar para elaborar o texto de Memórias”

- Retomar as informações dadas pelo entrevistado.
- Selecionar as histórias mais interessantes.
- Preservar o jeito particular da pessoa, aquilo que ela viveu.
- Transmitir ao leitor as sensações e emoções que surgiram.
- Citar objetos e costumes de antigamente e fazer comparações entre o passado e o presente.
- Usar palavras e expressões que marquem o tempo passado.

Cuidados na passagem da modalidade oral (entrevista) à modalidade escrita (texto de memória literária):

- Ler as anotações, as observações coletadas na entrevista;
- Selecionar as informações, fatos particulares que podem ser utilizados na produção do texto;
- Organizar os conhecimentos, os dados, os turnos de fala, preservando a linguagem, as marcas linguísticas, a pronúncia, a fidelidade à fala da pessoa entrevistada;
- Evitar frases imprecisas ao narrar os acontecimentos, assegurando a progressão temática;
- Procurar transmitir ao leitor as lembranças, as sensações, as emoções que surgiram durante a entrevista, sem perder de vista o tom literário.

16º e 17º dia: Aulas 24 e 25 – 19 e 20 de Março de 2019

Após a escrita, passamos então para a etapa de revisão, primeiro escolhemos um dos textos produzidos e fizemos uma revisão coletiva e aprimoramos o texto coletivamente com base em um roteiro.

Em seguida, foi entregue aos alunos o roteiro de revisão e reescrita para que analisassem sua produção, corrigissem, fizessem os ajustes necessários e

reescrevessem seus textos. Mesmo após a correção dos alunos, percebemos algumas lacunas e tivemos que realizar algumas intervenções por meio de anotações no próprio texto dos alunos. Foi necessário mais de um processo de reescrita, pois muitos textos apresentavam problemas principalmente de progressão temática e adequação ao gênero. Como a maioria dos alunos participam das aulas do “Mais Educação” no contra turno, ao final, solicitamos aos alunos que digitassem as duas versões do texto no laboratório da escola.

4 ANÁLISE DOS TEXTOS, RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após desenvolvermos a Sequência Didática, passamos a analisar os resultados das atividades dos participantes desta pesquisa. A análise contemplará duas atividades de leitura e interpretação e também a produção de texto inicial e final.

A princípio, reiteramos que foram desenvolvidas muitas atividades de leitura para que os alunos a dominassem o gênero “Memórias literárias” de forma gradual, de modo que foram explorados diversos exemplares desse gênero, estudamos as suas características próprias e praticamos aspectos de sua escrita antes de propor uma produção escrita final. A leitura, a escrita, a oralidade e os aspectos gramaticais foram trabalhados em conjunto.

A primeira atividade a ser analisada é a produção inicial dos alunos, que escreveram um pequeno texto baseado em uma entrevista com uma pessoa mais velha da comunidade. Deveriam relatar as memórias contadas na entrevista, assumindo o papel de narrador em primeira pessoa, cada aluno poderia imaginar como os fatos ocorreram e como aquela pessoa viveu o episódio narrado.

Foram 6 (seis) alunos que participaram dessa atividade.

Texto 1

Minhas memórias

De primeiro aqui tinha pouca casa, tudo de palha e adobo, os móveis de madeira, sofá de buriti e as paredes das casa de pau e barro. A gente morava na fazenda e vinha a pé pra escola.

A maioria só estudava até terminar o primário, depois tinha de ir pra cidade grande, mas só ia quem tinha condição. Os outro casava ou ia trabalhar nas roça.

Tinha muita festa, o povo ia pra dançar mesmo. Não é igual essas festas de hoje, que toca essas música imoral que a gente fica até com vergonha, era forró pé de serra e as moça rodava saia no salão. As moça tinha que dançar com todo mundo, não podia dá pomba em ninguém, os home era brabo e a maioria andava com 38. Ninguém gostava de ser exsuado no meio do povo e, se fizesse desfeita num ia mais pra as festa. Num tinha cerveja, o povo bebia era pinga mesmo e de vez em quando tinha uma briga, aqueles valentão que não levava disaforo pra casa.

A gente tinha um amigo, vizinho de fazenda, toda festa ía junto e numa d teve uma briga. O cara seguiu ele e matou a treição na porteira da fazenda. Aí tinha um macumbeiro chamado “Antonio Fradeiro”, fez um trabalho pra o bandido num fugir, o homem ficou perdido na mata, andando em círculos, até a pulícia achar.

Texto 2

Memórias da minha infância

Eu fico olhando as crianças de hoje, elas não sabe mais nem brincar, não se diverte mais e elas tem muito tempo, porque hoje criança nem trabalha. No meu tempo a vida de criança era dura, a gente tinha que trabalhar na roça, ajudar a mãe em casa, ir pra escola, mais sobrava tempo pra brincar.

Eu lembro que tinha a brincadeira de curzinhadinho que a gente pegava panela escondido e ia pro mato. Acendia o fogo e cuzinhava o arroz com ovo ou carne seca que também pegava escondido. Quando não dava pra pegar nada, cortava manga verde, limão, goiaba e misturava tudo com um pouco de sal. Meus irmãos gostava de brincar de curalzinho, fazia os bois de osso de mocotó, tinha boi, cavalo e cachorro, tudo de osso. Quando sumia um, era aquela briga, porque demorava pra matar vaca de novo.

Eu gostava de brincar também de gangora, a gente construía as gangorras nas arvores no mato e faltava voar balançando nas gangorras. Brincava de “esconde-esconde” e curria pelo mato, porque aqui tinha poucas casas e muito mato ainda. Tinha a brincadeira do cai no poço e a roda do pé de laranja. Eu tinha raiva porque quase ninguém me tirava, só tirava as menina maior e mais bonita, mas mesmo assim eu ficava lá na roda até sair meu nome aí se não saísse eu curria e contava pro meu pai brigar com minhas irmãs.

Eram bons tempos, num tinha televisão (até tinha, mas era só pro ricos), não tinha celular. A gente comia tudo junto no pratinho de esmalte branco, bebia agua do pote da mamãe e num tinha esses luxo, éra muito unidos. Tudo era diferente de hoje.

Texto 3

Memórias do Bernardino

Moro aqui faz muitos anos, antes nós morava numa terrinha que tenho bem pertinho daqui, mas fui ficando mais velho, os filhos foi tudo crescendo, estudou, saíram de casa e como ficou só eu e minha velha, compramos uma casinha na Dorilândia.

Aqui pra mim teve muita coisa boa e ruim também, eu sempre fui muito ligado na política, tá no meu sangue. O nosso primeiro prefeito desse município foi o Mundico, tinha os comícios, o povo tudo ia de camionete pra assistir as reunião. As estradas era tudo ruim. Aí eu me candidatei pra vereador e ganhei. Uma festa bruta lá em casa, mais aí os adversário bateram de cima e conseguiram empugnar minha eleição. Não teve jeito deu apossar de vereador porque não tinha estudo, eu sabia ler e escrever. Mais eles disse que eu era analfabeto e não podia ser vereador. Eu fiquei triste demais, me alembro até hoje, aí fui estudar na escolinha daqui, fez uma classe de adulto. Aí terminei o primário e fiz o ginásio.

Depois eu candidatei de novo, ganhei de novo e tomei posse. O prefeito, ganhou mais não apossou por causa da justiça eleitoral. Aqui tinha dois grupo político PMDB e PFL, os Modebas e os Boiolas. Foi um ano lutando pra Brizola apossar. Hoje sou vereador e vou me candidata de novo, porque quero apusentar como vereador.

Texto 5

Meu primeiro trabalho

Eu sou a Tertuliana, aqui todos me conhecem e muitos me chamam de tia Tertu, porque fui merendera da escola estadual por vários anos, ou mãe Tertu, porque tive 8 filhos, tinha muito leite, então dei de mamar pra várias crianças das vizinha que não dava leite ou que tinha pouco leite no peito.

Lembro bem da época que comecei a trabalhar como merendera da escola estadual, naquele tempo, o estado mandava a merenda para a prefeitura e a prefeitura repassava para a escola, vinha em sacos. Na escola ainda não tinha cantina, aí eu contava os alunos e fazia a merenda em casa no meu fugãosinho caipira. Uma vez na semana ia no mato buscar lenha e trazia na cabeça.

Depois de um tempo, juntamos todos os funcionários e alguns pais de aluno e construiu uma cantina, sem muito recurso, lavava as vasilha em um girau, mas era melhor fazer a merenda na escola.

Naquele tempo, não tinha ônibus, as estradas era ruim, principalmente no inverno. A gente ia na cidade vizinha uma vez por mês em uma caminhonete, comprava tudo que precisava. Na escola, como não tinha geladeira, eles mandava alimento enlatado, sardinha e outros. A carne era xarque, uma carne salgada e bem seca. O arroz, no começo vinha com casca e tinha que pizar no pilão. Muitas vez eu até usava coisas lá de casa na merenda, principalmente coisinha que eu plantava para consumo da família.

Era um tempo difícil, não tinha esse negócio de transporte escolar, muitos meninos morava na fazenda, mas vinha pra escola como podia. Tudo que é menino me tomava bença e muitos até hoje me chama de "tia Tertu".

Texto 4

Boas memórias

Meu nome é Madalena, nasci em junho de 1963. Minha mãe conta que naquela época ninguém nascia no hospital, a gente que morava na roça, nascia em casa mesmo com a ajuda de uma parteira. Menino demorava até pra abrir os olhos, hoje menino já nasce fazendo pose pra tirar foto. Não tinha esses remédio de farmácia, aprendi a rezar e fazer remédio caseiro de planta. Aí, quando casei e vim morar na Dorilândia, fiz muito amigo. Fazia remédio caseiro pra todos e binzia as criança e adulto da região.

Lá em casa vivia cheia de gente com arca caída, izipa, cobrero, menino obrano, e outros maus. Sou a benzedera da região e até os fazenderos vem aqui me buscar pra benzer os pastos quando tem muita pragas e cobra. Tenho minha ortinha com planta medicinal, mais só que o povo quase não usa remédio caseiro, nem tem fé nas reza, mais antes era isso que resolvia muita coisa, não tinha essa doençaçada que tem hoje, porque também a gente plantava quase tudo e tudo dava sem precisar veneno. Derrubava as roça, arava as terra e plantava e tinha de tudo pra comer, tinha córgo pra todo lado. As amizade era verdadeira, um cuidava do outro, não tinha essas briga de hoje.

Texto 6

Minhas memórias

No tempo que eu Bernardino me casei fui morar na fazenda Nova Alvorada. Eu namorei com a Aldenora pereira da luz quatro anos. Tivemos filhos, estes filhos estudaram na fundação bradescos, eles ia todos a cavalo, eles estudarão do 2º ano até que eles concluirão.

O maior sofrimento era rema a canoa pela inciada porque o rio Javaé deramava e alagava tudo mas nois tinha que ir lá deixa e busca duas vez no ano.

Eu trabalhava na roça, assim que sustentava todo mundo, dos braço, plantava arroz, milho, cana, melancia, mandioca, feijão. A vista do tempo que casei, hoje aqui é o ceu. Tudo bom dimais.

Apresentamos acima um recorte do nosso corpus, no qual analisaremos como o aluno manifesta, através de recursos linguístico-discursivos, as memórias e

identidades do seu entrevistado, investigaremos ainda como o aluno materializa o gênero Memória literária, mas como se trata da primeira produção, os resultados só serviram para ajustes na nossa intervenção. É válido apontar que ao avaliar a escrita, fazendo um diagnóstico, à princípio deixamos de lado as questões das inadequações ortográficas, algumas ocasionadas pela hipótese da influência da fala.

Em uma breve análise dos textos, no geral, o que percebemos é que a maioria dos alunos, quase todos eles, conseguem assumir o papel de narrador das memórias do entrevistado. Todos os textos são praticamente um apanhado das informações ouvidas na entrevista, os alunos fazem relatos, tentam escrever o máximo de informações sem se preocupar muito com a organização textual propriamente dita.

Observamos que nessa fase da produção inicial, o aluno já consegue resgatar a vivência local, citam as festas, os costumes locais, o clima, as brincadeiras, a convivência. Todos os textos, apesar de apresentarem alguns parágrafos longos, mantêm uma unidade temática e até uma progressão cronológica. No entanto, essas vivências trazem seus pormenores sem muito desenvolvimento, as descrições são bem breves em todos os textos e ainda não se observa o tratamento literário, ou seja, o aluno se preocupa muito em revelar os fatos, os acontecimentos, mas não é capaz de se colocar na narrativa, mostrar sentimentos, sensações e impressões.

Os alunos sentem dificuldades em estabelecer a progressão de forma mais estendida, pois não há um detalhamento dos acontecimentos. Notamos também as mudanças de tópicos sem as devidas articulações e o uso de expressões memorialísticas é bem restrito. Após uma avaliação geral dos textos, notamos que os aspectos que mais ficaram a desejar foram: a estrutura do texto em si e a adequação às características do gênero Memória literária, que são as emoções, as sensações, as impressões, as descrições do espaço e do tempo, visto que alunos foram muito vagos ao contar a história, fazendo mais relatos do que uma narrativa.

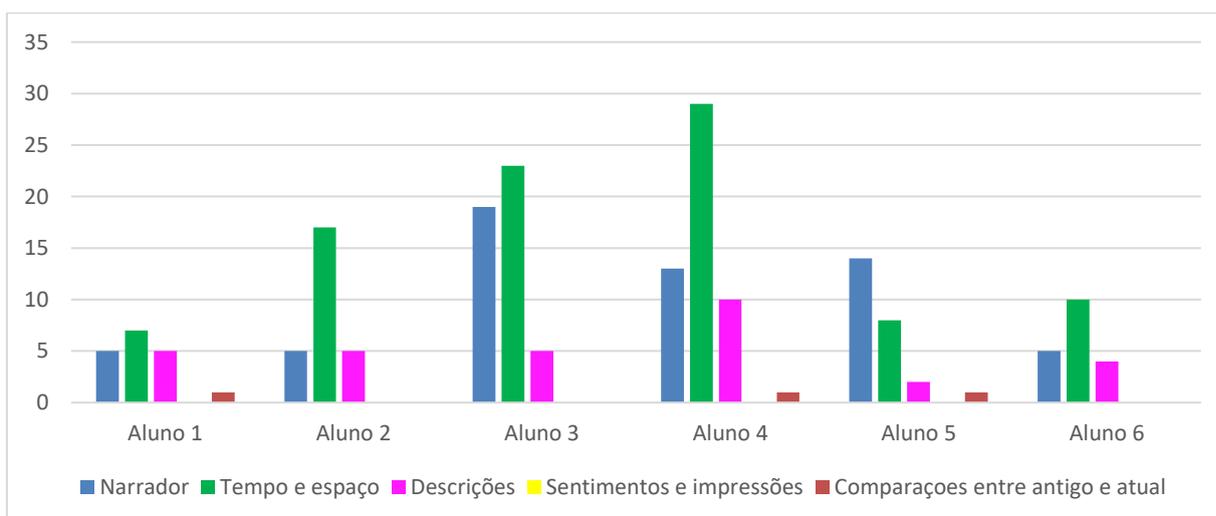
A outra atividade que analisamos foi aplicada após a produção inicial para verificar a aprendizagem dos alunos em relação ao plano global do texto de memórias literárias, verificar até que ponto os alunos perceberam como se constrói o texto de “Memórias literárias”, o narrador, o tempo, o espaço e para isto foram orientados para que encontrassem trechos que situam o leitor no tempo e no espaço das lembranças, descrições e que localizassem pistas da presença do narrador em primeira pessoa, uma marca linguística dos textos que se organizam com base em relatos de experiência vivida, como as memórias literárias.

O texto escolhido foi “Transplante de menina” e os alunos pintaram trechos do textos com as passagens de acordo com as cores indicadas

- Azul: trechos: que evidenciam o narrador
- Verde: trecho do texto que situa o leitor no tempo e no espaço em que as lembranças se desenrolam
- Rosa: os trechos em que os autores fazem descrições
- Amarelo: Trechos em que os autores falam de seus sentimentos e impressões
- Vermelho: trechos em que os autores comparam o tempo antigo com o atual

Ao analisar as respostas dos alunos temos:

Gráfico 1: Síntese das respostas da atividade sobre o texto



Fonte: Autoria própria, 2019.

Tendo em vista que um dos objetivos da intervenção era que os alunos identificassem aspectos linguísticos característicos das memórias literárias, pudemos perceber que a maioria dos alunos identifica bem o narrador do texto em primeira pessoa, ora pelos verbos, ora pelos pronomes.

A maioria também identificou bem as expressões que faziam alusões ao tempo ou ao espaço em que se desenvolvem os fatos narrados pela autora, mas mesmo o texto sendo repleto de descrições, alguns alunos tiveram dificuldades para identificar todos os trechos em que a autora descreve cenas ou lugares. O mesmo acontece em relação à percepção dos alunos sobre os sentimentos e impressões que o narrador

deixa transparecer no texto e também sobre as comparações que faz em relação ao tempo antigo e atual.

Planejamos então outra atividade escrita visando o estudo da organização e da função social do gênero e também para abordar a relação entre o conteúdo focado e o plano de expressão, bem como as características da sequência textual, objetivando ainda, levar o aluno a perceber como o texto se desenvolve. A atividade foi baseada na leitura e interpretação do texto “Automóveis invadem a cidade”, a partir de questões objetivas.

³Atividade interpretativa sobre o texto “Automóveis invadem a cidade”

1. No relato de memória “Automóveis invadem a cidade”, do livro “Anarquistas graças a Deus”, a autora faz algumas comparações entre o passado e o presente. Dos trechos transcritos a seguir, assinale o que não está fazendo uma comparação entre passado e presente:

- a) () “Poderia ser ainda mais, não fosse a invasão cada vez maior dos automóveis importados”.
- b) () “Não se curtia som em aparelhos de alta fidelidade. Ouvia-se música em gramofones de tromba e manivela.”
- c) () “Os valores daqueles idos, comparados aos de hoje, no entanto, eram outros”.
- d) (X) “Havia tempo para tudo, ninguém se afobava, ninguém andava com pressa.”

2. Para que o leitor construa uma imagem do passado rememorado pela autora, ela usa termos que qualificam e caracterizam algumas passagens de suas memórias. Assinale a alternativa em que os termos destacados não são caracterizadores:

- a) () “Nossa vida simples era rica, alegre e sadia.”
- b) () “o riso aberto e franco”
- c) () “abriam passagem para alguns deslumbrados motoristas que, em suas desabaladas carreiras”
- d) (X) “Havia tempo para tudo, ninguém se afobava”

3. Assinale o trecho no qual a presença da voz do narrador, interrompendo o relato, expressa um recurso de interação entre autor e leitor:

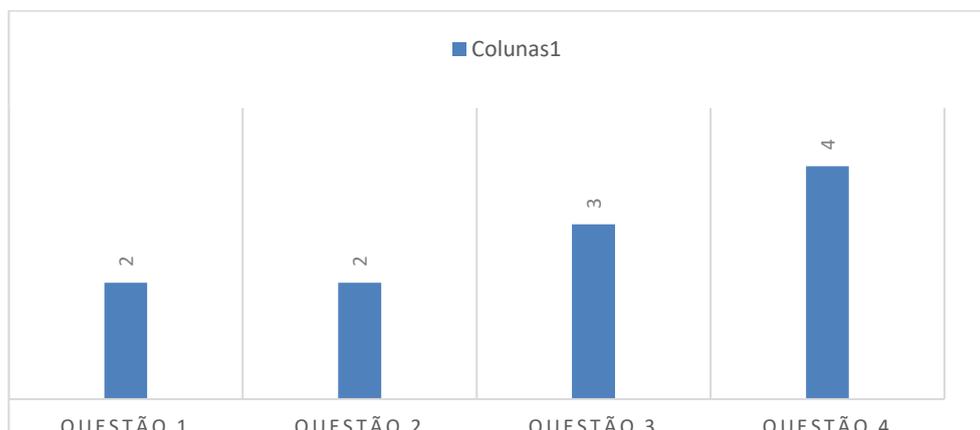
- a) () “Não havia surgido a febre dos edifícios altos; nem mesmo o “Prédio Martinelli”.
- b) (X) “Para que isso? Para que o uso de siglas?”
- c) () “Os divertimentos, existentes então, acessíveis a uma família de poucos recursos como a nossa, eram poucos.”
- d) () “Nossa vida simples era rica, alegre e sadia.”

4. Assinale a alternativa que expressa as marcas temporais que identificam um passado distante:

- a) () “Havia tempo para tudo” e “Não havia surgido ainda”;
- b) () “ninguém se afobava” e “sobrava tempo para ênfase”;
- c) () “Fora esse detalhe” e “ainda sobrava tempo para ênfase”;
- d) (X) “Naqueles tempos” e “daqueles idos”.

Cosson (2006) considera que a interpretação consiste em uma produção para o aluno traduzir a sua sensibilidade leitora, por isso o professor não deve interferir, a fim de não influenciar na subjetividade do leitor. O gráfico abaixo demonstra o resultado dessa etapa:

³Atividade respondida, disponível em <<https://lendoeuaprendo.blogspot.com/2012/05/atividade-de-interpretacao-textual-2.html>> acesso em 10 de fevereiro de 2019

Gráfico 2: Síntese das respostas da atividade sobre o texto

Fonte: Autoria própria, 2019.

Nesta atividade percebe-se que os alunos tiveram mais dificuldade para identificar questões referentes a descrição e novamente em relação as comparações entre passado e presente.

Na escrita de memórias literárias os autores se preocupam em caracterizar lugares e pessoas considerados importantes nas experiências vividas no passado. Eles também comparam o tempo antigo com o atual, destacando, muitas vezes, as diferenças. Esse aspecto, próprio do gênero memórias literárias e na atividade com o texto alguns alunos apesar das várias leituras realizadas não conseguiu fazer as inferências necessárias para perceber estes fatores. Mas foi válida a leitura desse e de outros textos para que o aluno pudesse se apropriar do texto literário para construir o seu texto e com isso, vivenciar e ter a sua experiência literária. Para Cosson (2006), o leitor vivencia a literatura quando responde ao texto e, ao fazê-lo, torna-se também um produtor literário, afinal as respostas são produções.

Passamos agora para a análise das primeiras impressões suscitadas pela leitura dos textos e a mediação realizada a partir delas foi fundamental para o aluno alcançar níveis mais elaborados de compreensão, pois na medida em que o aluno é instigado a exercitar sua capacidade crítica do texto e também estimulado a reconhecer-se e identificar-se com as narrativas propostas eleva sua capacidade de reflexão sobre a própria leitura.

Vale lembrar que os textos produzidos por estes sujeitos-estudantes são carregados de significado. Fazem parte de sua história e através deles ressignificam-na. À medida que escrevem sobre os saberes e vivências dos moradores de sua

comunidade, passam a reconhecer a importância da escrita e destes atores, sabendo que serão lidos e ouvidos fora do ambiente escolar.

Apresentamos a seguir, um recorte do nosso *corpus*, no qual analisamos como cada um dos alunos ressignificou, através de recursos linguístico-discursivos, as memórias do seu entrevistado.

Segundo Lüdke e André (2004, p. 22), “[...] determinar os focos da investigação e estabelecer os contornos do estudo decorre do fato de que nunca será possível explorar todos os ângulos do fenômeno num tempo razoavelmente limitado”. Dentro desse raciocínio, sabemos que existem várias visões dentro de uma análise, e nenhuma delas deve ser considerada a mais verdadeira. Portanto, não pretendemos ter a correta e única interpretação do presente caso e consideramos as análises dos leitores como tão significativas quanto a nossa.

Conforme já foi citado na descrição dos participantes da pesquisa, a turma é bem pequena, apenas 5 (cinco) alunos participaram dessa atividade e nela deveriam: 1) recuperar lembranças sobre o passado cultural da localidade pela perspectiva de um antigo morador; 2) apresentar as reminiscências por ele recolhidas como se fossem suas, ou seja, escrever uma narrativa em primeira pessoa; 3) produzir um texto que entremeasse acontecimentos reais e ficcionais, com uma linguagem própria e pertinente à esfera da literatura, buscando envolver o leitor.

Vale ressaltar que os textos foram digitados, mas estrutura e a organização formal foram mantidas tal como no original, porém para preservar a identidade dos estudantes, seus nomes foram retirados.

Texto 1 ⁴

Lembrança da Dorilândia

Eu sou Justo Soares tenho 72 anos, vou conta um pouco da estória da Dorilândia.

Na aquela época as coisas era tudo mais difícil para brincar as crianças tinha que fazer carrinho de madeira e a brincadeira tinha que criar para brincar e os brinquedos de ossos porque não tinha dinheiro para comprar brinquedo.

⁴ Texto escrito pelo aluno Gabriel Torres Ribeiro do 7º ano do ensino fundamental

E para ir para escola os pais tinha que levar de cavalo, a escola foi construída com palha de buriti, para os aluno estudar tinha que pagar uma pessoa para ser o professor ou professora para da aula para os alunos.

Quando cheguei aqui na Dorilandia, as casa era tudo de panha a primeira casa feita de bloco foi também o primeiro armazém daqui.

Em 1940 chegou por aqui o senhor Nestor Francisco, derrubaro a mata e depois trose a sua família, logo chegou a família Passarinho, os primeiros habitante daqui em 1951.

Um senho conhecido como Dorivau Roriz , ele teve a ideia de criar esse povoado e também de faze uma estrada de Dorilândia até Araguaçu, que era chamada ainda de Matinha pra ir lá tinha que ser de cavalo porque não tinha carro nem mota na época.

Começamos nossa análise pelo título, que deve capturar a atenção do leitor, despertar a curiosidade, a vontade de ler e descobrir os sentidos nele contidos, o aluno-autor fez uma escolha razoavelmente favorável ao escolher colocar no título o nome do lugar, apesar que o nome “lembranças” já suscita no leitor uma certa curiosidade

O aluno-autor inicia o texto apresentando seu entrevistado/ narrador/ personagem, desenvolve sua fala em primeira pessoa “*Eu sou Justo Soares tenho 72 anos, vou conta um pouco da estória da Dorilandia*”. A caracterização do local é feita descrevendo o contexto familiar, referindo-se as brincadeiras, as construções, faz uma descrição bem breve da cidade, o que ajuda o leitor a construir uma imagem sobre o dia a dia. Todavia, elementos ficcionais e próprios da linguagem literária, que poderiam tornar a narrativa mais vibrante e envolvente, e menos fragmentada, não se fazem presentes no texto. Ainda, vale ressaltar a ausência de recursos linguísticos, como figuras de linguagem, promovendo as devidas ligações entre o real e o ficcional. Observamos também no texto, vários desvios gramaticais (ortografia, concordância, regência, pontuação) “*Na quela epoca as coisas era tudo mais dificio para brincar as crianças tinha que fazer carrin de madeira e a bricadeira tinha que criar para brincar e os brinquedo de ossos porque não tinha dinheiro para compra brinquedo*” e textuais (coesão, coerência)

Texto 2⁵
Memórias do Justo Soares

Na época foi muito boa, pois era todo diferente.

As brincadeira não existia essas que tem hoje, tinha que inventar e os brinquedos nós é que fazíamos, com madeira ou com osso, porque não tinha dinheiro para comprar

Os mais velhos contavam lendas de bichos e os que eu tinha mais medo era do Paroen e do pé de garrafa.

Eu estudei muito pouco, os pais que fizeram uma escolinha com palha de buriti e pagavam alguém para ensinar.

Fui funcionário publico federal, fui vereador e hoje trabalho na prefeitura.

Um fato marcante foi quando eu tinha 15 anos e minha irmã faleceu

Naquela época tinha muitas festas, a famosa festa junina de São João Batista durava 3 dias.

Só existia trabalho braçal, não tinha maquinas, não tinha trator, não tinha motosserra, era todo feito com enxada, facão e com machado.

Quando começou o povoado, foi ideia do senhor Dorival Roriz, m fazendeiro da região que também teve a ideia de fazer uma estrada para chegar ate Araguaçu. Foi tudo derrubado no machado e na enxada. A primeira casa de tijolo construída aqui foi onde funcionava um comércio do senhor Renato.

Eu tenho muitas lembranças da época, a farinhada, onde reunia um monte de gente, a moagem da cana no engenho de pau para fazer rapadura. O arroz plantado, colhido, guardado no paiol e depois pisado no pilão.

No texto 2, notamos que há uma quebra de fluência do ritmo do texto, que foi construído com parágrafos muito curtos, se aproximando do gênero relato. Há uma aglomeração de informações segmentadas cronologicamente.

“Eu estudei muito pouco, os pais que fizeram uma escolinha com palha de buriti e pagavam alguém para ensinar.

Fui funcionário publico federal, fui vereador e hoje trabalho na prefeitura.

Um fato marcante foi quando eu tinha 15 anos e minha irmã faleceu”

⁵ Texto escrito pelo aluno Wendel Marks Sales do 7º ano do ensino fundamental

Para que uma memória literária progrida, é necessário que as informações novas sejam ancoradas em referentes anteriores, de forma que o leitor possa se situar na narrativa.

No texto acima, o autor elaborou uma listagem do que lhe foi contado, sem a preocupação de organizar tudo numa narrativa coerente e articulada. Há poucas sequências descritivas e o emprego de recursos linguísticos capazes de transportar o leitor para a época retratada, salientando o caráter literário do texto é bem restrito.

Notamos a introdução do texto, com o uso da 1ª pessoa do singular, ou seja, a aluna-autora trouxe a voz de um antigo morador da cidade para o seu texto, tomando-a como sua e tenta fazer a apresentação do tempo e do espaço das lembranças no parágrafo inicial, mas não se evidencia o lugar, e, assim, temos uma narrativa mais centrada na história de vida e bem pouco atrelada à história do lugar. A produção não contempla, mais uma vez, o gênero pretendido, pois não são observados no texto os traços de literariedade ou de ficção que marcam o gênero. Observamos também no texto, vários desvios gramaticais (ortografia, concordância, regência, pontuação)

Texto 3⁶

Minha infância

Naqueles tempos era tudo diferente das coisas de hoje os brinquedos a gente que tínhamos que fazer de madeira e osso porque a maioria de nós não tínhamos dinheiro para comprar um novo.

As pessoas mais velhas contavam casos de bichos, assombrações, tinha o paroen, também nós morríamos de medo dos bichos porque onde nós morávamos era cercado de mato. Eu Justo Soares estudei muito pouco, naquela época não tinha colégio, foram os pais que juntaram, fizeram uma casa de palha de buriti e ainda pagaram alguém para ensinar.

Depois construíram um colégio que tinha só duas salas e dois banheiros, não tínhamos o estudo de hoje, os professores davam uma cartilha e nela os alunos aprendiam o ABC e no final da semana tina um teste chamado agrumento.

⁶ Texto escrito pela aluna Camila Ribeiro Marques do 7º ano do ensino fundamental

Moro aqui há 66 anos, quando cheguei aqui ,esse lugar era um deserto, fui criado aqui mas morei um tempo em Goiânia, casei, tive filhos e voltei novamente pra cá. Já fui funcionário público federal, vereador e hoje trabalho na prefeitura. Um fato que marcou minha vida foi quando minha irmã faleceu, e só tinha 15 anos.

A lenda mais contada naquela época era do Paroén , o povo contava que ele aparecia para as pessoas gritando.

É só fechar os olhos e lembrar das muitas festas que tinha, a festa de São João durava 3 dias. Cada família tinha um santo devoto, as festas eram tocadas de sanfona pé de bode pelo senhor Martiliano.

O namoro antigamente era muito diferente do de hoje, só se encontravam nas festas, namoravam pra casar e tinha que casar logo, alguns se conheciam hoje, já se casavam amanhã.

Naquela época só existia o trabalho brasal, não tinha carro, nem trator, máquina e motosserra, todos os trabalhos eram feitos com machados, facões e enxadas, com isso nós derrubávamos os paus grandes, queimávamos, limpávamos e fazíamos o plantio. Todos nós juntávamos um dinheiro e íamos uma vez por ano na cidade, não tinha médicos, os remédios era maioria caseiros.

As casas eram feitas de palas de piaçava ou buriti. A primeira casa construída com bloco foi onde funcionou o primeiro comércio que era de um senhor chamado Renato, logo chegaram umas pessoas e estalaram no distrito. Um fazendeiro chamado Dorival Roriz resolveu fazer uma estrada para Araguaçu que era chamada de Matinha, como não tinham máquinas fizeram usando enxadas, machados e facões. Isso durou vários meses. Logo começaram a chegar as primeiras famílias pra cá. O senhor Nestor Francisco foi dos primeiros habitantes daqui, mais o menos em 1940. A minha família chegou em 1951.As viagens demoravam vários dias, no inverno ninguém conseguia viajar porque os rios trasbordavam e enchia tudo.

Em Formoso do Araguaia tinha um garimpo de cristal de rocha, para irmos em Formoso só demorava dois dias de viagem. Uma vez eu e minha mãe tentamos ir em Araguaçu no inverno e ficamos 22 dias na estrada.

As notícias demoravam muito para chegar, tenho saudades da minha infância, de tá com a minha família reunida.

No texto 3, a autora inicia de forma saudosa, o que aguça de certa forma, a curiosidade do leitor, observamos que, à princípio, realizou com êxito a tarefa de

recontar as memórias do entrevistado como se fossem suas, visto que produz uma narrativa em primeira pessoa, recorre também a reminiscências do narrador e leva o leitor a reconstruir parcialmente características do lugar onde o entrevistado vivia e o modo como vivia. Notamos a ausência de descrições e sensações mais aprofundadas pois as referências a objetos, lugares, modos de vida, costumes são bem sucintas.

O aluno traz para o leitor algumas das brincadeiras de infância e experiências na escola do entrevistado, mas não há uma organização coerente para contar os fatos, embora a leitura seja um pouco mais envolvente, por apresentar um tom mais emotivo. O narrador consegue ainda transmitir alguns sentimentos e impressões e faz ao longo do texto, referências a objetos, lugares, modos de vida e costumes do passado. O aluno compreendeu que a história narrada deveria trazer um personagem imaginário que perpassasse pelo ambiente relatado pelo entrevistado e pudesse dar voz às vivências, com criatividade e sensibilização. Apesar de apresentar várias inadequações gramaticais, o texto aproximou-se bastante da perspectiva do gênero Memória Literária, mas ainda há uma dificuldade no uso de recursos da linguagem literária e também notamos dificuldades no entrelaçamento entre realidade e ficção.

O texto ainda carece do uso de uma linguagem mais literária e de evidências de uma narrativa ficcional.

Texto 4 ⁷

Minha vida querida

Meu nome é Justo Soares, eu tenho 72 anos. Vou lhe contar sobre minha vida querida e muito alegre, minha infância foi boa e ruim, pois foi quando minha irmã mais velha faleceu, mais eu não quero mi lembra dessas coisas tristes, vamos ao qui enteresa.

As brincadeiras era tudo diferente, pois eu e meus cinco irmãos fazíamos nossos próprios brinquedos como carrinho de mãos, caminhão e várias coisas pra brincar. As coisas assustadora qui mi lembro é as que os mais velhos contavam historias de um bicho chamado Paroen. Era um bicho assustado que parecia um homem muito feio andano pela floresta. Agora vou le contar sobre a cidade que eu

⁷ Texto escrito pelo aluno Matheus kiellyng Rodrigues de Assis do 7º ano do ensino Fundamental

morro , estou aqui em Dorilandia a 66 anos, cheguei aqui em 1951, isso que é cidade, na época era um deserto quase não avia ninguém aqui.

Depois de alguns anos o senhor Silvério duou um pedaço de terra e foi onde começou o povoado, a primeira casa construída de blocos foi de um homem chamado Renato. Logo chegaram várias pessoas e se estalaram aqui, construindo casas de palha de buritir ou de piasaba.

Foi o senhor Dorival Roriz foi que teve a ideia de criar o povoado e a estrada até Araguaçu, que antes era chamada de matinha. A cidade mais próxima era Formoso do Araguaia para ir lá gastava dois dias de viagem, pra ir pra Araguaçu gastava oito dias de viagem.

Tudo era difícil e muito cansativo, pois a gente só fazia feira uma vez no ano e tinha que se só o essencial.

Isso é a minha estória que eu queria contar pra voceis.

No texto 4, o autor se põe na posição do entrevistado para narrar alguns fatos e situações vivenciadas em sua infância e adolescência. O leitor toma conhecimento do lugar onde viveu sua família e o seu modo de vida. Desse modo, a proposta temática está contemplada no texto analisado. Podemos observar que a narrativa traz alguns aspectos culturais e históricos da comunidade em que o narrador está inserido. Assim, sem dúvida, o texto escrito se constitui em uma oportunidade para que o leitor conheça esses aspectos culturais, que revelam o percurso histórico de certa comunidade, porém o texto se aproxima mais do gênero relato.

Texto 5⁸

Idas e vindas das minhas histórias

Ah como era bom quando abraçava papai e mamãe e toda a minha família, aquele abraço era mágico, confortava os nossos corações e era melhor que cobertor no frio. Na quela época era tudo mais difícil, mas sempre estávamos com a família quase toda reunida. Os que não estavam, nos mandávamos cartas que demoravam meses e até ano para chegar e para receber mos resposta, mas também só enviávamos quando as pessoas iam até a cidade de nossos familiares para entregar

⁸ Texto escrito pela aluna Anna Luiza Lima Campos do 7º ano do ensino Fundamental

essas cartas e ficávamos muito ansiosos pois só recebia resposta quando a pessoa voltava de viagem. Hoje não, você manda mensagem elo celular e a pessoa já responde.

Também lembro das lendas que as pessoas nós contavam e a que nós tínhamos mais medo era a do Paroen que parecia gente mais morava na mata e aparecia para as pessoas gritando e como eu morava em uma fazenda tinha muito medo de bichos mas mamãe e papai sempre protegia nois de tudo e de todos.

Como eu disse morava em uma fazenda pois não tinha Dorilandia ainda até que um dia Silverio duou um terreno para iniciar o povoado e logo foram chegando varias pessoas,construindo suas casas, mas antes, aqui era deserto, não tinha quase ninguém,parecia filme de faroeste, chego então o senhor Nestor Francisco e mais companheiros em 1940, derrubaram a mata e fizeram suas casas de palha de buriti, depois eles trouxeram as família passo alguns meses construíram a primeira casa de bloco de um senhor chamado Renato, onde foi o primeiro comércio. Mas antes de ter esse comercio tínhamos que ir uma vez no ano de tropa em Araguaçu que antigamente era chamada de Matinha,uma vez no ano e no verão, porque no inverno ninguém ia porque os rios transbordava . Então quando ia comprava de tudo para passar o ano todo, mas algumas coisas dava para plantar, tipo arroz, o feijão, a mandioca para fazer farinha, a cana para a rapadura, entre outros e já alguns não dava para plantar, sal por exemplo. A viagem durava até dias em cima de um cavalo, considero minha mae uma guerreira porque ela ia nessa viagem.

Já se passaram 72 anos de historias tristes como o falecimento da minha irmã quando eu tinha apenas 15 anos, mas nunca vou esquecer,pois deixou um buraco no meu coração. Mas teve coisas alegres também quando reunia a vizinhança para a farinhada o para a moagem. Já deu pra perceber que era tudo mais difícil mas estavam quase sempre com um sorriso no rosto.

O texto 5 nos traz um narrador em 1ª pessoa, o que nos mostra que o aluno assume a posição do entrevistado, usando verbos no passado, indicadores de tempo e espaço, fala das lembranças da infância e adolescência do entrevistado, faz referências a objetos, lugares, modos de vida e costumes.

Observamos que há vários aspectos positivos no texto elaborado. Por outro lado, se visto globalmente, ele carece de melhor organização, pois o autor aborda vários assuntos, há uma sucessão de informações segmentadas cronologicamente,

uma lista das informações coletadas a partir da entrevista, sem a preocupação de organizar tudo numa narrativa coerente e articulada, com cenas mais detalhadas, para ficarem delineadas na imaginação do leitor com uma expansão das impressões sobre as pessoas, os lugares e os acontecimentos para valorizar a singularidade e a estética literária. Dessa forma as ideias ficam soltas e a tessitura textual fica prejudicada.

Os textos foram reescritos e percebemos que as principais dificuldades apresentadas por muitos alunos foram relacionadas à estrutura composicional, pois alguns não compreenderam, a princípio, o plano global do texto, deixando, de situar o leitor no tempo e, no espaço onde os fatos ocorreram e também deixaram de apresentar uma conclusão de seus textos. Esse problema foi superado, pela maioria.

Notamos ainda que textos da esfera literária primam pelo tratamento estético da linguagem, conseguido, geralmente, pelo uso de recursos estilísticos, como as figuras de linguagem, porém muitos alunos tiveram dificuldade em empregar esses recursos, mas usaram outros recursos que são característicos das memórias e que permitiram criar ou compor costumes, valores e modos de viver de outras épocas, como a descrição de personagens, lugares, objetos, sentimentos e sensações.

A maioria das produções não conseguiu valorizar a singularidade e a estética literária, pois em grande parte, os textos reconstroem lembranças de tempos antigos, mas na forma de constatações e depoimentos objetivos, enquanto o entrelaçamento realidade/ficção e o uso da linguagem literária são bastante restritos.

Outra questão observada nas produções iniciais e também nas produções finais está relacionada ao uso inadequado da norma padrão da língua pela maioria dos alunos, isto, se deve, em grande parte, ao fato de residirem em comunidades carentes (fazendas ou povoado) e terem pouco acesso a bens culturais que se utilizam da norma padrão da língua. Mas, como pudemos observar, nas produções finais, as dificuldades relacionadas a essa questão foram amenizadas, pois ao passar a limpo a última versão, alguns se preocuparam em tirar dúvidas sobre questões linguísticas ou discursivas verificadas nos textos.

Abaixo apresentamos a versão final dos textos, após a reescrita, a fim de melhor visualizarmos as transformações ocorridas na última versão em relação à primeira.

Texto 1 – Reescrito
Memórias do meu pequeno povoado

Depois de 72 anos de vida, muita coisa se perde na nossa memória, mas as lembranças que tenho da minha infância e juventude estão gravadas e não tem como esquecer, porque naquele tempo tudo era mais difícil, só que a gente era bem mais feliz.

Lembro que tudo era conseguido com muita luta, muito esforço, muita dificuldade, por isso a gente valorizava bem mais as coisas. As crianças trabalhavam desde cedo e pra brincar a gente tinha que construir os brinquedos, fazíamos de madeira, de osso, de barro e de outros materiais que achávamos por esses matos, porque o que tinha por aqui era muito mato.

Em meados de 1940 chegou aqui um grupo de homens e entre eles estava o senhor Nestor Francisco de Oliveira. Eles derrubaram a mata próxima ao povoado que ainda não existia, construíram casas e logo trouxeram a família, família Passarinho, os primeiros habitantes daqui. Logo, um senhor chamado Dorival Roriz, fazendeiro da região, teve a ideia de criar esse amado povoado, que em homenagem a ele recebeu o nome de Dorilândia.

Logo foram chegando os primeiros habitantes, minha família chegou em 1951. As casas eram todas construídas de palha de buriti, até mesmo a primeira escola foi construída com palha e os pais pagavam uma professora para ensinar a ler, escrever e fazer contas. A primeira casa de bloco construída aqui era de um senhor chamado Renato, lá funcionava um mercadinho que vendia mesmo só o básico.

Naqueles tempos era muito difícil fazer compras, íamos a cavalo ara Araguaçu que na época ainda se chamava Matinha. A estrada até a Matinha, hoje Araguaçu, foi construída elo senhor Dorival e vários homens. Muitos e muitos quilômetros de mato, derrubado no machado, na foíce, na enxada e depois de meses de trabalho estava construída a estrada que ligava o nosso povoado à cidade.

Texto 2 – Reescrito
Memórias de um pequeno Povoado

Tem um ditado por aí que diz que o que é bom a gente nunca esquece e para mim ele é muito verdadeiro, porque aqueles temos mais antigos nunca saíram da

minha memória. A vida era difícil, tudo era bem mais simples, sem muito luxo, mas a gente era muito feliz, mesmo diante das agruras da vida na roça, num interior bem distante da cidade grande.

Naqueles tempos as crianças trabalhavam na lida da roça, mas também tinha muita traquinagem e diversão. Os brinquedos era a gente que fazia, tinha carrinhos de pau, cavalos, éguas e até cachorro de osso. O dinheiro era contado e não sobrava para comprar brinquedos, por isso a gente usava o que podia para transformar em objetos de brincadeira. Lembro também que além das brincadeiras, o que deixava as crianças em polvorosa eram as histórias de assombração e as mais famosas eram a do “Paroen” e a do Pé de garrafa, bichos que viviam assustando as pessoas que andavam pela mata, todo mundo tinha medo, tinha pavor desses bichos.

Quando chegamos aqui, isso tudo era só mato, mas logo um fazendeiro chamado Dorival Roriz teve a ideia de criar o povoado, que recebeu o nome de Dorilandia justamente em homenagem a seu idealizador. Dorival era um homem de visão e resolveu também fazer uma estrada que ligasse Dorilandia à Araguaçu que era chamada de Matinha. Como naquela época por aqui não existiam máquinas, fizeram usando enxadas, machados e facões. Isso durou vários meses.

Logo começaram a chegar as primeiras famílias pra cá. O senhor Nestor Francisco foi dos primeiros habitantes daqui, mais ou menos em 1940. A minha família chegou em 1951. As pessoas iam chegando e construindo suas casas, de madeira e palha de buriti. Eu lembro que a primeira casa construída de bloco aqui, foi a do senhor Renato, onde funcionava um pequeno mercadinho.

Com a chegada de várias famílias, surgiu a necessidade de ter uma escola para as crianças estudarem, então, o povo se reuniu e construíram uma escolinha de palha, a nossa primeira escolinha do povoado, tinha uma professora que os pais pagavam para que desse aula.

Aqueles tempos, não eram como os de hoje, a família toda precisava trabalhar, a gente plantava grandes roças, não tinha trator, nem máquinas, nem esses venenos que o povo usa hoje, só existia trabalho braçal, era tudo feito com enxada, facão e com machado. Com a força dos braços, colocávamos a mata abaixo, arávamos a terra, plantávamos e colhíamos para o sustento de toda a família. Tinha a farinhada, a colheita do arroz que era guardado no paiol, depois pisado no pilão para ser consumido, a moagem da cana no engenho de pau, essas atividades eram quase uma

festa, porque reuniam vários vizinhos e a criançada se divertia com a famosa “puxa” que virava “moça branca”.

E as festas, as festas daquele tempo, o povo ia pra dançar mesmo, tinha a famosa festa de São Joao Batista, que foi escolhido como padroeiro do povoado. Essa festa era famosa, durava 3 dias e todas as pessoas da região compareciam. Eu tenho muitas boas lembranças daquela época, algumas tristes também, como a morte da minha irmã quando eu tinha 15 anos. Mas o que mais eu tenho saudades é da união das famílias, aquele tempo sim, a família era unida.

Texto 3 – Reescrito

Minha velha infância, meu querido povoado

Sessenta e seis anos se passaram desde que cheguei aqui nessa terra tão querida, mas eu guardo na memória muitas lembranças doces da minha infância e adolescência nesse povoado, que recebeu o nome de Dorilândia em homenagem ao seu criador, um fazendeiro chamado Dorival Roriz. Logo começaram a chegar as primeiras famílias pra cá. O senhor Nestor Francisco foi dos primeiros habitantes daqui, mais o menos em 1940. A minha família chegou em 1951. As casas eram feitas de palhas de piaçava ou buriti. A primeira casa construída com bloco foi onde funcionou o primeiro comércio que era de um senhor chamado Renato.

Naquela época, as coisas eram bem mais difíceis, os recursos eram poucos, dinheiro era difícil e chegar na cidade grande também era bem complicado, por isso a gente fazia os nossos próprios brinquedos, eram feitos de madeira e de osso de mocotó de vaca. Além das brincadeiras, tinha também as histórias que os mais velhos contavam, tinha lenda do Paroen, todo mundo tinha medo desse bicho que vivia nas matas assustando as pessoas porque aparecia gritando e correndo, diziam que quem via o Paroen nunca mais aparecia.

No meu tempo de criança e até de juventude, tudo era mais difícil, hoje as crianças tem oportunidade de estudar, tem carro que pega na porta. Eu nunca tive essa regalia, por isso, estudei muito pouco, naquela época não tinha colégio, foram os pais que juntaram, fizeram uma casa de palha de buriti e ainda pagaram alguém para ensinar. Depois de um tempo, construíram um colégio que tinha só duas salas e dois banheiros, não tínhamos o estudo de hoje, os professores davam uma cartilha e

nela os alunos aprendiam o ABC e no final da semana tinha um teste chamado agrumento. A maioria só estudava mesmo para aprender a ler e escrever.

Às vezes, eu fecho os olhos e lembro das muitas festas que tinha, a festa de São João, que foi escolhido padroeiro do povoado, durava 3 dias, era muita diversão, todo mundo comparecia. Cada família tinha um santo devoto e faziam festas para homenagear esses santos. As festas eram tocadas de sanfona pé de bode pelo finado senhor Martiliano Campos. Nessas festas começavam os namoros, que eram muito diferentes dos de hoje, porque não tinha essa liberdade que o povo tem agora, os casais só se encontravam nas festas, namoravam para casar e tinha que casar logo, alguns se conheciam hoje, já se casavam amanhã.

Naquela época só existia o trabalho braçal, não tinha carro, nem trator, máquina ou motosserra, tudo era feito com machado, facões e enxadas, com isso nós derrubávamos os paus grandes, queimávamos, limpávamos e fazíamos o plantio da roça, de onde saía o sustento da família.

Todos nós juntávamos um dinheirinho para ir à cidade grande pelo menos uma vez por ano. Quando chegamos ainda não tinha estradas por aqui, então, o senhor Dorival Roriz resolveu fazer uma estrada para Araguaçu, que na época era chamada de Matinha. Como não tinham máquinas fizeram a estrada usando enxadas, machados e facões. Isso durou vários meses. Mesmo com a estrada, ninguém tinha carro e também não tinha ônibus, íamos a cavalo, por isso, as viagens demoravam vários dias e no inverno ninguém conseguia viajar porque os rios trasbordavam e enchia tudo.

Eu lembro também que em Formoso do Araguaia tinha um garimpo de cristal de rocha, para irmos até lá demorava dois dias de viagem. Uma vez eu e minha mãe tentamos ir em Araguaçu no inverno e ficamos 22 dias na estrada.

Tenho muita saudade da minha infância, principalmente de estar com a minha família reunida, pois naqueles tempos a família realmente era unida, apesar das agruras.

Texto 4 – Reescrito

Memórias de um tal Justo Soares

Tenho 72 anos de vida, já passei por muitas coisas tristes, algumas que marcaram a minha vida, a morte da minha irmã, por exemplo, é algo que eu nunca

esqueço, porque nunca tinha vivido isso até os meus quinze anos de idade, quando ela morreu. Vivi muitos momentos de sofrimento, mas também já fui muito feliz e é desses momentos felizes que eu lembro e que gosto de falar.

Naquela época, as brincadeiras eram tudo diferente, eu e meus cinco irmãos fazíamos nossos próprios brinquedos, tinha carrinho de mãos, caminhão, gangorra, várias coisas, mas tudo feito de madeira ou de osso. Além das brincadeiras, tinham as coisas assustadoras, histórias que os mais velhos contavam de um bicho chamado Paroen. Era um bicho assustador que parecia um homem muito feio andando pela floresta e que todo mundo morria de medo. É engraçado porque hoje, as crianças nem tem mais medo dessas histórias. Naquele tempo tínhamos tanto pavor que nem saíamos a noite, porque Paroen e o Pé de garrafa eram o terror das matas escuras.

Minha querida Dorilândia hoje ainda é um pequeno povoado, mas naquela época em meados de 1941, quando chegaram os primeiros habitantes, aqui era só mato, um deserto, onde meu pai escolheu fincar raízes há exatamente 66 anos. Quando começou o povoado as casas eram todas de palha de buriti o piaçava e a primeira casa de blocos foi onde funcionava o primeiro comércio daqui.

Na nossa história sempre tem aqueles nomes importantes, que realizaram grandes feitos e por aqui os mais famosos eram Dorival Roriz, o grande idealizador do povoado e o homem que construiu uma estrada que ligava Dorilândia à Araguaçu, que na época nem era Araguaçu, era a Matinha e recebia gente de toda a região que pra lá se dirigia para fazer compras. A viagem à cavalo durava vários dias e só comprávamos o essencial.

Aqueles foram tempos difíceis, desbravamos essas matas que hoje deram lugar ao povoado e as grandes fazendas.

Texto 5 – Reescrito

Idas e vindas das minhas histórias

Ah como era bom quando abraçava papai e mamãe e toda a minha família, aquele abraço era mágico, confortava os nossos corações e era melhor que cobertor no frio. Naquela época era tudo mais difícil, mas sempre estávamos com a família quase toda reunida, não tinha muito luxo, nem muitas novidades, mas a mesa era farta, cheinha de coisas que a gente mesmo plantava. A terra era boa e as chuvas

eram constantes. De vez em quando tinha até enchentes que inundavam toda a região.

Quando chegamos aqui, fomos morar numa fazendinha, eu lembro das histórias que as pessoas mais velhas contavam, diziam que por aqui vivia um bicho chamado Paroen que parecia gente, mas morava na mata e aparecia para as pessoas gritando. Como eu morava em uma fazenda, cercada de matas, tinha muito medo desse bicho. A gente morria de medo de andar na mata sozinho o de sair à noite.

Em meados de 1940, em plenos rumores da guerra, chegaram por aqui vários fazendeiros, muita gente dizia que eles chegavam e ocupavam as terras, até hoje não sei se era assim mesmo, mas foi nesse período que um senhor chamado Dorival Roriz teve a ideia de criar o povoado, que em sua homenagem recebeu o nome de Dorilândia e começo em um terreno doado por outro grande fazendeiro chamado Silvério, por aqui ele foi durante muito tempo o grande “manda chuva”.

Naquele tempo, no início do povoado, aqui era quase um deserto, parecia aqueles filmes de faroeste, mas logo foram chegando as primeiras famílias. O senhor Nestor Francisco, irmão do senhor Silvério, foi dos primeiros habitantes do povoado, era uma família bem grande, a família Passarinho. Logo foram chegando várias famílias, a família Soares, a família Campos e outras. Conforme iam chegando, Dorilândia ia ganhando vida, as casas de palha de buriti ou piaçava iam dando forma a querida Dorilândia. Alguns anos depois, foi construída a primeira casa de bloco, era de um homem chamado Renato que colocou aqui um pequeno armazém.

Nesses tempos, a vida aqui era bem difícil, as cidades mais próximas eram Formoso do Araguaia e Araguaçu, que ainda se chamava Matinha e a gente sempre ia lá uma vez por ano, no verão, porque no inverno ninguém saía porque os rios transbordavam. Então quando íamos, comprava de tudo para passar o ano todo, mas só comprávamos o que não dava para plantar, sal por exemplo. A viagem durava até 8 dias em cima de um cavalo, considero minha mãe uma guerreira porque ela ia nessa viagem e algumas vezes até levava toda a criançada.

Já se passaram 72 anos de histórias alegres e outras tristes como o falecimento da minha irmã, quando eu tinha apenas 15 anos, mas nunca vou esquecer, pois deixou um buraco no meu coração. Mas teve coisas alegres também, por exemplo, e nunca esqueço quando reunia a vizinhança para a farinhada o para a moagem da cana. Era muita diversão, a gente se esbaldava comendo melado. Era tudo mais difícil mas estávamos quase sempre com um sorriso no rosto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com gêneros textuais exige do professor uma pesquisa constante em busca de metodologias de ensino adequadas, por isso tencionamos inovar com a escolha do gênero Memórias Literárias, uma vez que queríamos valorizar a cultura local, bem como ressaltar aspectos do cotidiano dos alunos, através de histórias passadas por gerações. O gênero textual memórias literárias permite ao estudante o resgate das histórias de vida de seus antepassados, das pessoas que lhe são próximas ou de sua comunidade, possibilitando-lhes descobrir e registrar passagens marcantes de personalidades diversas.

Nesse momento, é oportuno lembrar que traçamos como objetivo geral da pesquisa: avaliar até que ponto o procedimento sequência didática usando o gênero textual “Memórias” pode contribuir para o aprimoramento das habilidades de “leitura” e “produção escrita” dos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública rural do município de Sandolândia-TO, bem como promover um resgate histórico e cultural do contexto sociocultural no qual estão inseridos e de modo específico, visávamos diagnosticar as dificuldades apresentadas pelos alunos durante produção do gênero textual “Memórias literárias” e, então, desenvolver atividades de intervenção que levassem os alunos a sanar ou minimizar as possíveis dificuldades apresentadas na produção desse gênero textual. Visávamos ainda, analisar se dimensões do gênero “Memórias literárias”, explicitadas nos textos produzidos pelos alunos, mostravam marcas da construção do contexto sócio- histórico-cultural do ambiente em que estão vivendo, e, ao final, realizar a análise das produções dos alunos, após a aplicação da sequência didática, de modo a verificar se as dificuldades observadas foram superadas ou amenizadas.

Para adensarmos esta pesquisa, elaboramos duas questões, a primeira questão foi “Até que ponto o procedimento sequência didática pode se tornar uma ferramenta eficaz para aprimorar as habilidades de produção escrita dos alunos do Ensino Fundamental?”

Em resposta a esta pergunta, percebemos, com a análise das produções finais que o procedimento sequência didática, proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), é uma forma eficaz de se trabalhar a produção escrita, pois possibilita ao aluno usar a língua em contextos concretos de comunicação, ou seja, nas situações de uso efetivo da língua entre os usuários.

Notamos também, que os alunos conseguiram amenizar as dificuldades iniciais, entretanto, durante o percurso de produção apresentaram outras, o que nos fez pensar na necessidade de continuação do trabalho, com outras sequências, de modo a trabalhar constantemente os problemas dos alunos em relação ao uso efetivo da língua nas diversas situações de comunicação.

De acordo com os autores da SD, esta deve ser elaborada a partir das necessidades do aluno e através de atividades sistematizadas, com foco no uso e reflexão da língua, por isso, partimos das dificuldades apresentadas pelos alunos na produção inicial, elaboramos atividades que lhes possibilitassem a observação e a reflexão e os levamos a amenizar as dificuldades na produção final. Alguns problemas ainda persistiram, mas o progresso foi significativo e o trabalho com a SD foi eficaz também nesse aspecto.

A segunda questão da pesquisa foi “Quais os aspectos do gênero “Memórias”, observados nos textos produzidos pelos alunos, revelam marcas do contexto sócio-histórico-cultural em que vivem?” e em resposta a esta pergunta, podemos dizer que no que diz respeito às dimensões sócio-histórico-culturais do gênero Memórias, constatamos que, os alunos, ao produzirem as Memórias, retratando as lembranças de pessoas de seu convívio familiar pais e avós, principalmente deixaram transparecer valores, costumes, e tradições vividas por todo um grupo social, em uma determinada época. Nos textos percebemos aspectos sobre a história do povoado, como foi construído, a cegada das periciais famílias ao povoado, como começou a escola, porque recebeu este nome de Dorilândia, por exemplo, festas tradicionais, como o festejo de São Joao Batista, dentre outras.

Embora o contato com diversas histórias seja frequente na vida dos alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental, a familiaridade deles com o gênero memórias literárias é bem restrita, uma vez que esse tipo de gênero é próprio do meio escolar. Assim, a tensão provocada por um certo distanciamento entre as práticas sociais extraescolares e as práticas de sala de aula, explica, em parte, a dificuldade encontrada pelos alunos na produção do gênero Memórias literárias, tal como solicitado nas condições de produção

Ao encerrarmos a aplicação de nossa proposta de intervenção, baseada na SD de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), e analisando as produções finais, constatamos que os resultados foram positivos, pois apesar das dificuldades enfrentadas ao longo do percurso, os textos nos mostram que os alunos superaram ou amenizaram

dificuldades concernentes à produção do gênero Memórias, ao mesmo tempo tiveram contato com memórias de pessoas mais velhas da comunidade onde estão inseridos.

Diante do exposto, salientamos que os objetivos elencados para esta pesquisa foram parcialmente alcançados, pois, mesmo com os entraves surgidos ao longo do caminho, tivemos avanços significativos, principalmente referentes às possibilidades do aluno refletir sobre a relevância da escrita e, conseqüentemente, da reescrita, seja ao relatar traços histórico-culturais ou retomar vozes do cotidiano da comunidade local. Portanto, acreditamos ter atendido aos nossos anseios particulares e também àqueles exigidos pelo PROFLETRAS e estamos certos de que contribuímos de algum modo com a ação docente, promovendo uma maior aproximação entre escola-aluno-comunidade. Salientamos ainda, que as discussões acerca do tema por nós abordado não se esgotam aqui e estamos convictos de que esse trabalho poderia ganhar outros contornos em um contexto com maior tempo para pesquisa e dedicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 2000

BARBOSA, Jacqueline Peixoto. **Do professor suposto pelos PCNs ao professor real de língua portuguesa: são os PCNs praticáveis?** ROJO, Roxane (Org.). A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs. São Paulo: EDUC; Campinas: Mercado das Letras, 2000. p. 149-182.

BRANDÃO, H; MICHELITTI, G. (Coord.). **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. 3 vol. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa – 3º e 4º ciclos**. Brasília: MEC, 199

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

CARVALHO, Aliny Marinho de; et. al. Modelo didático do gênero biografia como instrumento para a elaboração de uma sequência didática. In: EPCT - Encontro de Produção Científica e Tecnológica, 5., 2010, Campo Mourão. **Anais...** Campo Mourão: FECILCAM, 2010.

CENPEC. Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. **Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro.**, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/5306/textos-finalistas2014.pdf> acesso em 10 de fevereiro de 2019

_____. **Caderno do professor: orientação para produção de textos**. São Paulo: 2010

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

DEC. CEGALLA, D.P. **Dicionário escolar de língua portuguesa**. São Paulo: Nacional, 2005

DELL'ISOLA, R. L. P. **Aula de Português: parâmetros e perspectivas**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2013. 156 p. : il. (Coleção Proleitura; v.6). 194

_____. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DELMANTO, Dileta. CARVALHO, Laís B. **Jornadas**. Port. Ed. Saraiva, 2012

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard e colaboradores. Gêneros orais e escritos na escola. Trad. E Org. de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernarde. **Os gêneros escolares das práticas de linguagem aos objetivos de ensino**. In: ROJO, Roxane Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de letras, 2004. p. 97-106.

ESSENFELDER, Renato. Marcas da presença da audiência em uma entrevista jornalística. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL** v. 3, n. 4, p. 15-16, mar. 2005. ISSN 1678- 8931 [www.revel.inf.br]. Acesso em: 10 jan. 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HOFFNAGEL, J. C. **Entrevista: uma conversa controlada**. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003

KLEIMAN, A. Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 2002.

_____. **Oficina de leitura – teoria e prática**. 15ª ed. Campinas, SP – Pontes Editores, 2013.

KOCH, Ingedore Vilaça & Vanda Maria ELIAS. 2009. **Ler e escrever. Estratégias de produção textual**. São Paulo: Editora Contexto. 220 p.

KÖCHE, Vanilda Salton **Estudo e produção de textos: Gêneros textuais do relatar, narrar e descrever**. 2 ed –Petrópolis RJ: Vozes, 2015

KÖCHE, Vanilda Salton; BOFF, Odete Maria Benetti; MARINELLO, Adiane Fogali. **Leitura e Produção Textual**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

KOCK, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3.ed., 3. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010

MACIEL, Sheila Dias. **A literatura e os gêneros confessionais**. Disponível em: Acesso em: 18 dez. 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio, **Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação**. In: Gêneros textuais: reflexão e ensino. Organização de Acir Mário Karwoski et al. Palmas e União da Vitória, Paraná: Kaygangue, 2005

_____. **Gêneros textuais: o que são e como se constituem**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000. (mimeo).

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualizações**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008, p. 151.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MATENCIO, M. L. M. Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha. **Anais** do III Congresso Internacional da ABRALIN, março de 2003.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de; MARCUSCHI, Beth; CAVALCANTE, Marianne Bezerra. **Esclarecendo o trabalho com a oralidade: uma proposta didática**. In: LEAL, Telma Ferraz e GOIS, Siane (Orgs.). A oralidade na escola: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012

MOREIRA, Filho. Juarez. **Rancho Alegre**. 2^a ed. Goiânia: Bandeirante, 2009

MORIN, Edgar. A **entrevista nas Ciências Sociais, no rádio e na televisão**. In: MOLES, Abraham A. et al. Linguagem da cultura de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973. p. 115-135.

RYCKEBUSCH, Claudia Gil. **A roda de conversa na educação infantil: uma abordagem crítico-colaborativa na produção de conhecimento**. 2011. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2011. Disponível em: . Acesso em: 19 jul. 2014.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. trad. Cláudia Schilling. 6ª. ed. Porto Alegre. Artemed, 1998

TAGLIEBER, L. K.; PEREIRA, C. M. **Atividades pré-leitura**. Gragoatá, (92): 73-92, 1997.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino da gramática no 1º. e 2º. graus**. São Paulo: Cortez, 1998.

VARGAS, S. (2000). **Leitura: uma aprendizagem de prazer** (4a ed.) Rio de Janeiro: José Olympio

WARSCHAUER, Cecília. **A Roda e o Registro. – Uma parceria entre professor, alunos e conhecimento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

ANEXOS

ANEXO 1 – TEXTOS UTILIZADOS NA SEQUENCIA DIDÁTICA

Meus tempos de criança” de Rostand Paraíso

Pulávamos os muros e ganhávamos os quintais das casas vizinhas, enormes e cheias de fruteiras e de toda a sorte de animais, gatos, cachorros, galinhas, patos, marrecos e outros mais. Chupando mangas, gostosas mangas, mangas-espada, mangas-rosa e manguitos, esses quase sempre os mais saborosos, dividíamos os times e organizávamos as peladas de fundo de quintal que exigiam grande malabarismo de nossa parte, com as frondosas árvores para driblar e grandes irregularidades no terreno para contornar.

Usávamos “bolas de meias”, preparadas por nós mesmos com papel de jornal compactado e colocado dentro de uma meia de mulher, mas já começávamos a usar bolas de borrachas e as “bolas-de-pito”, que eram bolas de couro, com pito para fora e que tínhamos o cuidado de envergar para dentro, para evitar arranhaduras.

Gostosas, memoráveis tardes que se prolongavam até a noitinha, parando-se apenas quando não havia mais sol e quando não podíamos mais ignorar os gritos que vinham de nossa casa, para tomar banho, mudar de roupa e ir jantar.

As mesmas misteriosas ordens faziam-nos começar a desengavetar nossos times de botão para a temporada que iria se iniciar. Os botões eram polidos e engraxados.

Descobríamos, nos botões das capas e dos jaquetões e, também, nas tampas de remédios, promissores craques. Nossos pais começavam a estranhar, sem encontrar qualquer explicação para o fato, o desaparecimento das tampas dos xaropes e dos botões das roupas. Esses craques em potencial, novos valores que surgiam, eram devidamente preparados e passávamos dias a lixá-los e, para lhes dar mais peso e maior aderência à mesa, a enchê-los com parafina derretida. Trabalho que levava às vezes algumas semanas, os novos craques sendo testados exaustivamente até que nos déssemos por satisfeitos e os considerássemos prontos e aprovados para as grandes competições pela frente.

Os botões de chifre, preparados pelos presos da Casa de Detenção, onde íamos comprá-los, começavam, pela sua robustez e pela potência de seus chutes, a

ganhar nossa preferência. Não gostávamos, porém, daqueles botões que vinham do Sul, de plástico, todos iguais, diferenciando-se uns dos outros apenas pelas “camisas” que traziam coladas sobre si, com as cores dos clubes cariocas. Preferíamos, nós mesmos, pregar as cores do nosso time preferido, no meu caso o Santa Cruz.

Cada botão ganhava seu nome, Perácio, Leônidas, Patesko, Pitota, Sidinho, Siduca... botões que já não tenho mais, desaparecidos misteriosamente ao longo do tempo. Meu ponta-esquerda, Tarzan, que tantas alegrias me deu, com suas arrancadas para o campo adversário e com seus mirabolantes gols, que fim terá levado?

Preferíamos usar as bolas de farinha, arredondadas cuidadosamente na palma da mão e que permitiam um bom controle, correndo menos que as de miolo de pão e não tanto quanto as de borracha.

Dentro daquelas regras que adotávamos e que permitiam que continuássemos a jogar enquanto não perdêssemos o controle da bola, éramos obrigados, quando nos sentíamos em condições de tentar o chute a gol, a avisar o adversário: “Defenda-se!” ou “Prepare-se!”, dando tempo a que ele posicionasse melhor o seu goleiro e puxasse, para junto dele, os beques, geralmente bem altos, com a finalidade de dificultar o chute rasteiro.

As partidas eram irradiadas por um de nós, ao estilo de José Renato, o famoso locutor esportivo da PRA-8, e os gols, quando convertidos, eram gritados histericamente, incomodando toda a vizinhança.

Antes que o tempo apague... 2ª- ed. Recife: Editora Comunicarte, 1996.

“Transplante de menina”, de Tatiana Belinky

[...] Depois do almoço, continuávamos o nosso turismo carioca. Papai e mamãe, mais o primo - feliz proprietário de uma "baratinha" - nos levavam, todos empilhados, a passear pela cidade do Rio de Janeiro. E foi assim que ficamos conhecendo o Morro da Urca e o Pão de Açúcar - ai, que emoção - pelo funicular, o "bondinho" pendurado entre aqueles enormes rochedos. E de onde se descortinava uma vista empolgante, só superada pela paisagem de tirar ainda mais o fôlego que se estendeu diante de nossos olhos, quando subimos - passageiros de outro trenzinho incrível, quase vertical - ao alto do Corcovado. Ali ainda não se erguia a estátua do

Cristo Redentor, que é hoje o cartão-postal do Rio de Janeiro. Mas me parece que o panorama era, por estranho que pareça, bem mais "divino" ao natural, sem ela.

Fomos passear também na Gávea e na Avenida Niemeyer, ainda bastante deserta, e na Tijuca, com a sua floresta e a sua linda Cascatinha. "Cascatinha", por sinal, era o nome da cerveja que papai tomava com muito gosto, enquanto nós, crianças, nos amarrávamos num refrigerante incrível que tinha o estranho nome de Guaraná.

Não deixamos de passear pelo centro da cidade, na elegantíssima Rua do Ouvidor, e na muito chique Cinelândia, em frente ao Teatro Municipal e suas escadarias, com seus bares e sorveterias na calçada. E, claro, na Avenida Rio Branco, reta, larga, e imponente, embicando no cais do porto, por onde chegamos ao Brasil pela primeira vez.

E foi nessa Avenida Rio Branco que tivemos a nossa primeira impressão - e que impressão! - do carnaval brasileiro. Eu já tinha ouvido falar em carnaval: na Europa, era famoso o carnaval de Nice, na França, com a sua decantada batalha de flores; e o carnaval de Veneza, mais exuberante, tradicional, com gente fantasiada e mascarada dançando e cantando nas ruas. E havia também os luxuosos, e acho que "comportados", bailes de máscaras, em muitas capitais europeias. Eu já ouvira falar em fasching, carnevale, Mardi Gras - vagamente. Mas o que eu vi, o que nós vimos, no Rio de Janeiro, não se parecia com nada que eu pudesse sequer imaginar nos meus sonhos mais desvairados.

Aquelas multidões enchendo toda a avenida, aquele "corso" - o desfile interminável e lento de carros, para-choque com para-choque, capotas arriadas, apinhados de gente fantasiada e animadíssima. Todo aquele mundaréu de homens, mulheres, crianças, de todos os tipos, de todas as cores, de todos os trajes - todos dançando e cantando, pulando, saracoteando, jogando confetes e serpentinas que chegavam literalmente a entupir a rua e se enroscar nas rodas dos carros... E os lança-perfumes, que que é isso, minha gente! E os "cordões", os "ranchos", os "blocos de sujos" - e todo o mundo se comunicando, como se fossem velhos conhecidos, se tocando, brincando, flertando - era assim que se chamavam os namoricos fortuitos, a paquera da época -, tudo numa liberdade e descontração incríveis, especialmente para aqueles tempos tão recatados e comportados... Tanto que, ainda vários anos depois, uma marchinha carnavalesca falava, na sua letra alegremente escandalizada, da "moreninha querida... que anda sem meia em plena avenida".

Ah, as marchinhas, as modinhas, as músicas de carnaval, maliciosas, buliçosas e engraçadas, algumas até com ferinas críticas políticas... E os ritmos, e os instrumentos - violões, cuícas (coisa nunca vista!), tamborins, reco-recos...

E finalmente, coroando tudo, as escolas de samba, e o desfile feérico dos enormes carros alegóricos das sociedades carnavalescas - coisa absolutamente inédita para nós - com seus nomes esquisitos, "Fenianos", "Tenentes do Diabo" - cada qual mais imponente, mais fantástico, mais brilhante, mais deslumbrante, mais mirabolante - e, para mim, nada menos que acachapante!

E pensar que a gente não compreendia nem metade do que estava acontecendo! Todo aquele alarido, todas aquelas luzes, toda aquela agitação, toda aquela alegria desenfreada - tudo isso nos deixou literalmente embriagados e tontos de impressões e sensações, tão novas e tão fortes que nunca mais esqueci aqueles dias delirantes. Vi muitos carnavais depois daquele, participei mesmo de vários, e curti-os muito. Mas nada, nunca mais, se comparou com aquele primeiro carnaval no Rio de Janeiro, um banho de Brasil, inesquecível..

Transplante de menina. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2003.

“Os automóveis invadem a cidade” de Zélia Gattai

Naqueles tempos, a vida em São Paulo era tranquila. Poderia ser ainda mais, não fosse a invasão cada vez maior dos automóveis importados, circulando pelas ruas da cidade; grossos tubos, situados nas laterais externas dos carros, desprendiam, em violentas explosões, gases e fumaça escura. Estridentes fonfons de buzinas, assustando os distraídos, abriam passagem para alguns deslumbrados motoristas que, em suas desabaladas carreiras, infringiam as regras de trânsito, muitas vezes chegando ao abuso de alcançar mais de 20 quilômetros à hora, velocidade permitida somente nas estradas. Fora esse detalhe, o do trânsito, a cidade crescia mansamente. Não havia surgido ainda a febre dos edifícios altos; nem mesmo o “Prédio Martinelli” – arranha-céu pioneiro em São Paulo, se não me engano do Brasil – fora ainda construído. Não existia rádio, e televisão, nem em sonhos. Não se curtia som em aparelhos de alta-fidelidade. Ouvia-se música em gramofones de tromba e manivela. Havia tempo para tudo, ninguém se afobava, ninguém andava depressa. Não se abreviavam com siglas os nomes completos das pessoas e das coisas em geral. Para que isso? Por que o uso de siglas? Podia-se dizer e ler tranquilamente tudo, por mais

longo que fosse o nome por extenso – sem criar equívocos – e ainda sobrava tempo para ênfase, se necessário fosse.

Os divertimentos, existentes então, acessíveis a uma família de poucos recursos como a nossa, eram poucos. Os valores daqueles idos, comparados aos de hoje, no entanto, eram outros; as mais mínimas coisas, os menores acontecimentos, tomavam corpo, adquiriam enorme importância. Nossa vida simples era rica, alegre e sadia. A imaginação voando solta, transformando tudo em festa, nenhuma barreira a impedir meus sonhos, o riso aberto e franco. Os divertimentos, como já disse, eram poucos, porém suficientes para encher o nosso mundo.

Anarquistas, graças a Deus. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

“Memórias submersas do Canela” (Finalista da Olimpíada de Língua Portuguesa)

O tempo flui como um rio, aquele do qual Heráclito disse que não podemos descer duas vezes. Nas asas do tempo, descemos no rio da vida. Nosso passado não existe, salvo sob a forma de memórias. Nossas memórias são as ruínas do Canela. Se bem me lembro, o povoado Canela surgiu no século XIX, com a chegada da família Batista. Mais tarde começou o crescimento com a chegada das famílias Lima e Santana.

As terras eram boas para construir casas e plantar e, como não havia outros habitantes, mudaram-se para o local, que chamaram de Canela. O nome, como dizia a matriarca do Canela, dona Noca: “É porque vinham muitas vacas pastar aqui e eram vacas caneludas”. O sol da aurora se levantava por detrás da extensa e linda serra do Carmo.

O sol do poente se deitava sobre as águas do rio Tocantins. Foi ali, entre duas belezas naturais – serra e rio –, que marcamos nossas vidas. O povoado Canela tinha sua particularidade na simplicidade de suas coisas e de sua gente. Vivíamos de forma harmônica. A arquitetura era rústica: barro e palha misturados davam um casarão. As residências não possuíam muros.

Vivíamos intensamente a vida coletiva. Havia um barracão de palha no centro da comunidade. Era conhecido como Barracão da Esperança. Lá, ao som da rabeca (instrumento medieval que deu origem ao violino), o rei, a rainha, o capitão do mastro

e a comunidade festejavam o Divino. Também festejamos o dia de Santa Terezinha, padroeira do Canela, a dança da súcia, da catira e das rodas de São Gonçalo.

Dona Noca, que não sabia a própria idade, curvada pelos anos, dava notícia de muita coisa: a seca de 1960, as cheias, os casos sangrentos de Duro, a passagem da Coluna Prestes pelo povoado e outros fatos que já chegavam incompletos. A vida corria bem até o final do século XX, quando Palmas, capital do Tocantins, foi instalada ali bem pertinho. Inicialmente, a cidade recém-criada trouxe venturas, depois desventuras.

Canela era ponto de apoio para trabalhadores da construção civil. Vimos Palmas nascer sob a luz do sol do cerrado e crescer com as obras luxuosas. Com a consolidação da cidade, turistas se divertiam às margens do rio.

Na época de praia, aproveitávamos para aumentar nossas rendas, trabalhando em construções de barracas de praias, em pinturas de barcos, como canoieiros na travessia do rio, como cozinheiros e garçons. Também fornecíamos a Palmas mandioca e hortaliças.

Em 2001, a formação do lago da usina hidrelétrica inundou o Canela, inundou as nossas vidas. O adeus ao povoado e a mudança do Canela para o centro de Palmas foram difíceis e um processo de adaptação trabalhoso, para crianças e idosos principalmente. As brincadeiras até tarde pelas ruas, a contação de causos nas noites de luar, as peladas em meio ao sol ignorado pela euforia, a conversa na calçada até mais tarde, a confecção no tear, o clima fresco e a arborização local são apenas recordações. Hoje, somos obrigados a permanecer trancados nos quintais, com muros em volta das casas.

Na véspera da mudança, dona Noca não achava jeito no colchão de paina, não achava espaço em sua palhoça. Só pesar e lágrimas. Quando o céu tintou umas pinceladas de vermelho, saiu para visitar seus amigos: o pé de malva, o alecrim, a mangueira, velha amiga que todo ano enchia

Noca de presentes. Desceu ao rio. Lá chorou com ele, e o rio ainda mais água jorrou. O rio, que cantava num ritmo de felicidade, mudou o tom de voz e se deixou levar num ritmo dolorido, ecoando, vale afora, a má notícia. Fecharam a barragem, a água engolindo tudo invadiu o Canela, cobriu flores de sabugueiro, de acácia, de ipê.

Canela é uma estrela caída, encharcada, cinzenta e apagada, como se morta e fria sob as muitas águas. Estrela Canela já não respira, já não brilha, já não aquece vidas como antes, salvo bem no alto da via-láctea da nossa memória. Sempre

encontraremos a estrela Canela no baú das nossas reminiscências, lá onde o seu brilho é intenso e tem iluminado nossa vida até agora.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Maria de Lourdes Abreu Lima, 61 anos.)

Aluno: Wellington Pereira de Araújo

Professor: Mario Ribeiro Moraes

Escola: Colégio Girassol de Tempo Integral Augusto dos Anjos – Palmas (TO)

“Marcas da felicidade” (Finalista da Olimpíada de Língua Portuguesa)

Fazenda Serra Nova – Silvânia, lugar onde a paz e a felicidade reinam absolutas. Tenho a honra de fazer parte da história deste lugar. Aqui aprendi que a simplicidade é uma das coisas mais importantes na vida do ser humano e aqui no meio do mato as pessoas têm muito disso. Aqui vivi minhas primeiras emoções, minhas grandes alegrias, que marcam até hoje meu viver.

Minha infância foi tão feliz, que ao me lembrar delas meus olhos se emocionam! Acordava com o cantar do galo, abria a janela para ver a bela paisagem e apreciar a melodia de meus cantores preferidos: o senhor canário e o sabiá. Depois mal dava tempo de pegar meu chinelinho, corria até o curral para tomar meu copo de leite que papai havia acabado de tirar da vaquinha mimosa, que por sinal sempre me deixava um bigodinho de espuma. Daí pegava algumas espigas de milho no paiol: palha aberta feito ouro, saltando disputados com algazarra pelas galinhas.

Eu e meus irmãos tínhamos o dia inteiro para brincar, armávamos arapucas, armalaços, e ficávamos de “butuca” para ver se era inhambu ou codorna a presa da vez. Éramos autores dos brinquedos e das brincadeiras. Pausa só quando o cheiro de pequi na panela nos conduzia à cozinha – hora do almoço. Mais tarde, mais brincadeiras.

Ainda me lembro do versinho dos três marinheiros: “Vamos três marinheiros na carroça do padeiro, cada um com três cruzeiros”. Ah, que saudade daquele tempinho bom! Quando papai chegava do roçado de noitinha, era uma beleza, família reunida. Uns sentavam nos banquinhos, outros no “rabo” da fornalha, onde meus pais contavam causos e histórias. E, sem se importar com a fumaça nos olhos, mamãe fazia o jantar. Posso até sentir o cheiro do franguinho caipira que ela preparava deliciosamente em suas panelas de ferro. Aqui, antes era uma mata, e meu avô derrubou partes dela para pastagem.

Anos depois foi construída nossa casinha, com apenas três cômodos, suficientes para abrigar meus sonhos de gente miúda. No quintal: mangueiras, jabuticabeiras, cajueiros e muitas outras árvores, nas quais eu adorava subir.

O tempo passou, muita coisa mudou. Já não há a cantiga do carro de bois, ora estridente, ora manhosa, mas ela se acomodou dentro de mim e se remoça ao vê-lo ali, quieto num canto, onde o conservo como relíquia. Viajo a tempos remotos, vendo aqui do alpendre da minha casa um muro de pedras construído por escravos de um antigo dono. Está lá, testemunha da força de um povo guerreiro.

Não me esqueço de um fato marcante que minha sogra contava. Nossa região é cercada pelo Rio Vermelho. Em 1890, ano sem chuva, ele secou, ficando somente a terra rachada em seu leito. Os moradores, desesperados, fizeram uma promessa: se a água voltasse, rezariam uma novena e ergueriam uma cruz. Como Deus é justo, o rio renasceu e a cruz foi erguida, está lá, até os dias de hoje, altaneira como uma aliança entre Deus e o povo de minha terra. Tive o privilégio de passar minha infância onde a natureza tinha magia e encantos mil.

No verão, a paisagem era como de tapete verde que dava gosto de ver. No outono, apreciava o gosto de diferentes frutas. No inverno, logo de manhã, pegava meu paletó de flanela e subia no mourão da porteira. Ali a natureza me abraçava com seu cheiro doce e sereno. Aqui aprendi que os ipês-roxos florescem no mês de julho; os amarelos, no mês de agosto; e os brancos, em setembro. O curioso é que as flores do ipê-branco só caíam na terra molhada. Sentia brotar do chão o cheiro de futura fartura. Ficava contando os dias para a chegada da primavera, só para ver o colorido das flores que enfeitavam os jardins da natureza.

Lembro-me de quão ansioso ficava para o fim do ano. Festa de Ano Novo era tradição lá em casa, tudo muito simples, mas com um sabor inigualável. Atualmente fazemos rodízios na casa dos filhos, um legado de meu pai. Levantar cedo com o cantar do galo, tomar leite no curral, jogar milho para as galinhas, prostrar com meus pais na beira da fofnalha... tudo isso que aqui vivi serão sempre marcas... marcas da felicidade.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Joviano Batista Alcântara Neto, 50 anos.)

Aluna: Joviane Cotrim de Alcântara

Professora: Ana Maria Pires de Matos

Escola: C. E. Horácia Lobo – Caldazinha (GO)

“São João, o festejo da vida” (Finalista da Olimpíada de Língua Portuguesa),

Entre montanhas e protegida pelo Salvador, está lá uma cidadezinha pequena, Pereiro. Mas a história que irei contar aconteceu muito tempo atrás, antes mesmo do Cristo Rei e de outras coisas que foram criadas. No entanto, está presente em meus pensamentos feito água que brota em nascente para revigorar e dar vida.

Considerada época de festas, costumávamos nos reunir para comemorar o São João. Sempre com muito encantamento e diversão, as pessoas reencontravam os amigos e parentes e as crianças realizavam seus desejos havia muito esperados. Aqueles que moravam na cidade ainda deserta iam a cavalo ou em carroças para os sítios, sede da comemoração, no entardecer que coloria o céu.

O ranger da carroça soava como uma orquestra em dias de festa. No caminho, havia muitas “varedas” (desvios) e uma única iluminação lá em cima, a lua. Já aqui embaixo as lamparinas em cada casinha de taipa que despontava nas margens das estradas eram nossas estrelas terrestres que nos guiavam pelo chão esburacado de terra batida. Quando chegávamos ao sítio dançávamos ao ar livre, rodopiando nossas saias de chita estampada. O céu estrelado, os corpos em movimento como vagalumes em noites escuras mostravam a magia da alegria como se estivessem em uma apresentação. As batidas das alparcatas levantavam a poeira do terreiro e alegravam nossos corações, que eram embalados por aquele som gostoso. Havia começado, então, o culto à alegria a um dos santos caipiras, São João.

Os casais de namorados resolviam ir para o escurinho atrás das casas fugindo dos guardas-noturnos, os pais das moças. O cheiro vindo do queijo de coalho derretido na pamonha temperada com muita nata ora exalava de dentro da cozinha, ora das mãos de quem já havia se deliciado com a guloseima. O aroma de bolo de milho sendo preparado no fogão a lenha ou nos fornos enchia os pulmões daqueles que aguardavam com ansiedade o tão esperado momento da aparição. O sítio se enchia de diferentes cheiros, fazendo com que aguçasse o paladar de quem ali passava ou dos vizinhos que se convidavam para o desfrute e para fazer parte da festa.

Enquanto os mais velhos proseavam sentados em tamboretas nas calçadas, a criançada jogava pedra na fogueira para ver as chamas se misturarem às estrelas e juntas realizarem um show de luzes no céu. Nós, maiores, enchíamos as bacias

d'água e olhávamos dentro delas, temerosos de não ver nosso rosto e, desse modo, não estarmos presentes no próximo São João.

Depois da festa ouvia-se um chiar no teto que era a chuva vinda para apagar as brasas da fogueira e para encher as bacias e baldes d'água e garantir a fartura da semana toda. Quando a molecada ouvia o barulho da chuva, “metia o pé na carreira” para ver quem pegava uma biqueira que saísse bastante água. A animação da noite ainda não havia acabado.

A minha calcinha de saco ficava ensopada e às vezes até torava o elástico de corda que a prendia em meu corpo fino, não de magreza por enfrentar tempos difíceis, mas de quem brincava muito durante o dia todo. O nosso São João era o mais divertido e festejado da região. Hoje as pessoas acendem uma vela nas janelas, dançam quadrilha e acham que, desse modo, estão festejando os santos caipiras.

Mas nunca vão sentir a magia de uma fogueira, a alegria de dançar e brincar a noite toda, o sabor do milho assado na brasa, o encantamento de ser guiado pelas lamparinas no chão de terra. Só o que nos resta é o gosto saboroso de ter na memória as lembranças do que não se vivencia mais.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Socorro Almeida, 80 anos.)

Aluno: Kaio de Oliveira Costa

*Professora: Juciléa Campos Alves Escola: E. E. F. Francisco Telsangenes Diógenes –
Pereiro (CE)*

**Fragmentos da obra “Rancho Alegre” de Juarez Moreira Filho.
(CAPÍTULOS II, III e VII)**



CAPÍTULO I

Por que Rancho Alegre?!

Há eitos de tempo, meus parentes, amigos, inclusive vários escritores, vinham cobrando-me um livro na primeira pessoa do singular... Em que eu narrasse parte de meus perrengues e tão divertidos dias perdidos nas curvas do próprio tempo. Assim, por dizer: um livro de memórias autobiográfico.

Eu sempre me desculpava dizendo que minha vida não daria um livro, que não tinha significado algum escrever a meu respeito, retratando dias de minha vida na fazenda Rancho Alegre, ali bem pertinho de Dueré, onde também vivi. Depois, Ceres e Goiânia. Pois havia outros assuntos de maior relevância a serem por mim arrastados para o bojo de um livro, sobretudo no tocante ao nosso folclore, à cultura popular, aos costumes e às ricas tradições do povo tocantinense.

Pois bem! As pressões continuavam:

- E o livro quando vai sair?!...

45

Rancho Alegre

- ...!!!...

Outros diziam:

- A tua vida tem que ser contada em um livro de memórias.

- ...!!!...

Um literato da União Brasileira de Escritores, Secional de Goiás - UBE/GO, amigo meu, de paparmos horas e horas sobre literatura, desses tão amigos que a gente fica até com vergonha de procurar o nome. Aborda-me, em Goiânia, na esquina da Av. Goiás com a Rua 4, e me interpela:

- 'Stá sumido, rapaz! Nunca mais apareceu às reuniões da UBE/GO! Onde 'stá morando?!...

- 'Stô no Tocantins! Voltei às origens!

- Li seu último romance o *Oco do Mundo*. Sei que o Nego Pigueti é parte de você. A obra literária traz muito do autor. Mas espero nas livrarias, em breve, a edição de um livro seu, em que o personagem central seja você mesmo.

- ...!!!...

Nisso um carro buzinou atrás... Ele deu tchau!... Respondi e continuei andando, no meio da multidão, folheando o romance *Jurubatuba* do grande escritor Carmo Bernardes que eu havia acabado de adquirir no sebo do Luiz Nava, na Rua 55, quase esquina com a Avenida Goiás. Vou andando com o sol a prumo, escaldante. Chego à frente do Café Central, topo de testa com o Guilherme Barbosa, meu ex-contemporâneo de república, um moreninho da cidade de Lizarda, dos cabelos encarapinhados, entusiasmado com a vida e estudioso que só ele mesmo. Outra qualidade que sempre admirei nele é exaltar a sua terra natal. Fala de Lizarda como se estivesse falando do Rio, São Paulo, Paris ou Nova

46

York. E eu gosto disso, pois acho que o homem deve amar o seu torrão, independente do tamanho e da beleza. Conversa vai!... Conversa vem!... No meio da prosa ele me pergunta :

- E o livro autobiográfico quando vai sair?!...

- Ah, sei não!... - Desconversei... Sai pela tangente...

Depois, mais dois dedos de prosa, aí nos despedimos. Continuei novamente a minha andança, revendo velhos amigos, matando saudades e dissipando tristezas.

De volta a Porto Nacional, pensei e repensei a minha vida literária tintim por tintim. E cheguei à seguinte conclusão: Já estou do meio dia pra tarde! E quase precisando usar o elixir milagroso da juventude... Os ventos das doces ilusões de outrora não mais sopram em minha direção. Não sou mais homem de caçar, pescar, esperar, varar noites sem dormir; de mergulhar num poço bem fundo de um rio qualquer pra desenganchar tarrafa. Não marco mais gols em peladas como antes. Qualquer feijoada,ambaril, cuscuz-de-arroz ou de milho em que exagero um tiquinho-de-nada na colher me dá uma dor de barriga danada, fico empanzinado que só vendo! Bebidas e farras não mais fazem parte do meu cardápio há tempos!... No fundo sinto mesmo que a corda está para quebrar!... Vejo que as alças do surrão estão para despencar... E cair ao chão!...

Portanto, tomei a lúcida decisão de satisfazer os meus parentes, amigos e vários escritores no tocante ao pedido do livro. E também ficaria como recordação para as minhas filhas Kamilla e Pollyana, que pouco sabem do meu passado. Ademais, não custa nadinha de nada pra quem gosta de remoer

47

Rancho Alegre

a memória, juntar restos de lembranças, cacos de saudades e relíquias de uma vida que está beirando a estourar, pois a nossa vida é como um sopro: Logo se vai!... Quer apenas uma desculpinha-de-nada para levar o sujeito pro buraco... No meu caso o balão está cheio... A qualquer hora pode espocar!... Acredite!...

E eu vou pro buraco!... Pra barriga da terra!... Pois sinto que estou impaciente e rabugento demais. Qualquer coisa me zanga, fico nervoso, sem paciência, irritado, e agarro a brigar por qualquer coisinha besta, banal. Não é de ver que hoje, por um triz-de-nada, eu quase ia aos socos e pontapés com a empregada daqui de casa. Conto agora: Levantei cedo para começar a escrever este livro. Preparei-me com uma pilha de papel almaço e um par de canetas Bic, ambas novinhas em folha. Sentei-me na cadeira ao pé da mesa de refeições, com pouco chega ela pegando o restante das cadeiras e emborcando sobre a mesa. Mudei de lugar, indo lá para a área e sentei-me numa cadeira de fibras, estragada pelo uso. Foi questão de minutos chega ela dizendo que ia lavar a área. Corri para o quarto e sentei-me na ponta da cama, quando fui começando a escrever, a puxar pela trilha da imaginação, a juntar coisa com coisa, ela chega para trocar o forro da cama, dizendo que a patroa tinha mandado. Fiquei ararinha de tudo:

- Escrever aqui nesta casa não dá... Diabol!...

- ...!!!...

E joguei a papagem em cima do televisor que está sempre ligado na outra sala, com as meninas assistindo a Xuxa ou desenho animado.

Emborquei para dentro do banheiro, encontrei um velho amigo: O espelho! Parei... Olhei... E me vi envelhecido, gasto e descorado pelo tempo. As rugas

48

Sandra de Castro

Juazeira Moreira Filho

brotando no rosto... Pensei na vida... Engoli em seco... Ergui a cabeça... E fitei novamente o espelho... Ai, enxerguei com exatidão que os meus cabelos brancos começavam a querer predominar sobre os pretos.

Fiquei triste!... Pensei em tingi-los, depois refleti bem e vi que é besteira o homem querer lutar contra a mãe-natureza.

No que virei de banda: Olha o diacho da empregada de novo, com a cara mais lerdada do mundo. E sem me dar um pingão de satisfação foi se aboletando no banheiro, com um pano de chão enrolado num rodo e uma caixa de sabão Omo, na outra mão, para fazer a faxina do mictório. Fui ao outro mundo e voltei... Ainda tive para perder por inteiro a paciência e agarrá-la pelo pescoço, estrangulando-a por completo. Mas me contive pensando: Eu brigo, ela vai s'imbora. A gente fica sem empregada. E depois eu ainda tenho de me explicar para a minha esposa. Repensei: Sabe, vou nisso o quê!... Deixa pra lá!... Quem sai perdendo é a gente. Deus é grande!

Bem! Como vinha dizendo há pouco, escrever para mim foi e sempre será rebuscar algo cheio de saudades e antigas lembranças, algumas tão vivas e ardentes como se estivessem acontecendo indagorinha... E carregá-las para dentro da obra literária.

E baseado nisto! Descalafetando o meu pensamento... vamos dar um rápido giro pelo meu descampado mundo de memórias - Rancho Alegre, Dueré, Ceres e Goiânia, de tão saudosas e controvertidas reminiscências, mas que revestiu de ternura toda a minha infância.

Pois vamos desfiar memórias, capengando pelos sertões, povoados e cidades.

49

Sandra de Castro



CAPÍTULO II

Estripulia de fod... o mundo

Destarte, meio mocrongando, dei um mergulho profundo nos cafundós do meu passado, fui ao encontro da solidão. Fechei os olhos e enxerguei à minha frente, tal como era, a fazenda Rancho Alegre, que papai chamava de Capa-Cachorro ou simplesmente fazenda da Porta, onde vivi quando criança.

Procurei tatear na lembrança e me veio direitinho o carro-de-boi gemendo, cantando, rangendo e soluçando pachorrentamente num ruído lento e monótono, descendo o espigão da Chapada da Ema, carregado de lenha. E eu de gongó, nu da cintura pra cima e com o chapéu de couro à mão, já gasto e encardido pelos dias, sentado à janela da varanda, em frente ao cajueiro, admirava à tarde com o poente lindo: o sol morrendo vagamente no céu. E a boca da noite, por certo, não tardaria a chegar.

O pôr-do-sol era belo, encantador, com as nuvens navegando preguiçosamente lá no horizonte.

53

Rancho Alegre

Era indescritível ver, do pátio da fazenda, o sol paulatinamente se esquivando, deitando lentamente detrás dos galhos das árvores no final do pátio!... Lá no infinito!... Mas, tudo como se fosse ali mesmo, bem pertinho da Rancho Alegre. Recordo bem!... Via com grande admiração, o terreiro da fazenda coalhado de gado gordo, alegre, emagotado. Vinha do Lambedor, da Serra, do Mussum, da Taboca, do Najá e da Capoeira Velha do Sr. Raimundo Pescador para dormir, no terreiro enxuto, beirando os portais da casa.

As reses eram mansas de coçar. Muitas tinham nome: Moeda, Branca, Roxinha, Cara Preta, Doralice, Rajadinha, Mocha, Cambraia, Carreira, e por aí afora... Lembro-me também da imponência dos reprodutores: Campeão e Assombração. Da mansidão e lerdeza da junta de bois carreiros: Barroso e Pintado! Ficavam todos sonolentos, talvez pelo sol causticante enfrentado no decorrer do dia e se punham a mascar capim verde, nativo do cerrado. Mugiam... Ruminavam... Berravam... Comiam buchas de laranjas... Lambiam os portais... Mexiam nos baixeiros pendurados nos cachorros-da-casa procurando sal... Sopravam as ventas... E, mimosos, suspiavam os rabos para serem coçados, acariçados.

Os marruás aqui, ali, acolá se estranhavam de derrubar cupim, cercã de arame farpado e até o diabo se aparecesse pela frente, cada um queria ter pleno domínio sobre os demais. Marruá que entrasse no magote de vacas do outro, se não tivesse força e não fosse bom de briga, se lascava em bandas!... Ficava de rabo baixo na frente das fêmeas!... E era por isso mesmo que as brigas de touros eram bonitas,

54

Scanned by CamScanner

Rancho Alegre

quase sempre no João de D. Isabel, Pedro do João Carpina, Zé do Sr. Raimundo Pescador, Severino, Zé Almeida, Pongó, meus dois irmãos - Zé e Walter, e eu. Desciamos felizes para banhar escondidos, lá na grotinha do Sucuri, amarrando malvas pelo caminho pros detrás - os retardatários - caírem. E iamog vadiando pelo caminho, sentindo o perfume das flores silvestres da paisagem colorida; procurando ninho de canário-da-terra; catando frutas do mato; saltando cupins e murundus; esfarelado canela-d'ema; tocando borá e vendo as copas dos arvoredos encartuchadas de periquitos em algazaras. Às vezes, a grotinha estava transbordando de cheia com as águas se engolfando nos arbustos, nas ramagens, e banhando a imensidão dos varjões com tromba-d'água, de enchente temporã.

Então, mal acabávamos de chegar à ribanceira da "Grotta Funda", um pegava uma pedra e gritava bem alto:

- Galinha cheia!...
- Cheia!... - O restante da molecada é quem respondia.

- Só é homem quem pegar 'sta pedra no fundo da grotta!...

- ...!!!...

Em seguida jogava a pedra dentro d'água. Ai, descambávamos de cabeça pra baixo sujeito a nos engancharmos numa raiz qualquer e ficar preso lá no fundo do corguinho para o resto da vida. Com pouco sobe um com a pedra na mão. E a brincadeira rolava por eitos de hora, com uns mergulhando no riacho, após dar uma de-ponta ou uma pirueta no ar.

Brincávamos de pegar parecia para ver quem era o mais rápido no nado-de-grotta. E ainda de esconder

animadas e prestigiadas pelos vaqueiros e peões, no pátio da Rancho Alegre. Reprodutores, curraleiros, mestiços ou zebus não andavam atrelados feito boi-de-canga, não!... Que se fosse tudo!... Que se lascasse até mesmo o chiqueiro dos bodes, pois eles botavam pra quebrar, o que estava em jogo era o cheiro gostoso do sexo lambido quentinho, no rabo da vaca. Era a urina pingada e palpitante indicando sinal verde, de fertilidade, pro marruá.

Lembranças maiores do que estas, no pátio da Rancho Alegre, só mesmo as corridas de jegues, nos finais de semanas, pois eram constantes. Eta coisa animada!... Igual nunca vil... Cada um querendo ser melhor do que os outros. Queda era uma atrás das outras. Aquilo é bicho cheio de artimanhas. Amuadorzinho que só ele mesmo. Mas servidor pra peste!...

Outra coisa que eu não esqueço, lá no pátio, era aquele poste de aroeira fincado ao chão, onde os vaqueiros e a peãozada amarravam os animais. É papai, na flor dos anos, selando burro sestroso, amarrado naquele tronco de pau, suspensia a cabeça do animal, chega as mãos levantavam do chão. E peava um dos pés na mão dianteira que já estava suspensa mais de palmo do chão. Burro é trem nojentol!... Quando cisma para não deixar ser arreado, se o cabra for mole, tipo mané-vai-cum-as-outras, é melhor largar logo de início, senão pode o sujeito receber um coice bem dado. E pode o coice, ser acertado em lugar inconveniente!... Doido!... Ficando o cabra castrado para o resto da vida. Magoadol!... Infeliz!...

Sim, outra coisa boa era fazer peraltices às escondidas. E sempre foi o meu fraco quando criança. Às vezes, reuníamos a turminha que se resumia

55

Rancho Alegre

os gongós dos banhistas para ver moleque chorar... outrora, passávamos para o mais difícil, o mais arriscado e perigoso, como se fôssemos um grupo de trapezistas ou ginastas olímpicos, desafiando os próprios limites: Enfileirados um atrás dos outros que nem índios no mato, passávamos pras de-ponta de cima de um pé de sambaíba desganhado ou da copa de uma merindibeira alta e robusta que margeava o córrego.

Num desses dias de vadiagem em grotta, eu recordo bem, pequei um graveto de araçá e furei um buraco na ribanceira da grotinha. Em seguida dei três socos no ar e junto com os socos gritei para a companheirada:

- Vou fod... o mundo!... Vou fod... o mundo!... Vou fod... o mundo!...

- ...!!!...

E incontinenti macaqueei pro rumo do buraco como se ele fosse uma "priquita de rapariga". Foi nada não!... Quando senti foi o cipó-de-fedegoso nas minhas costas. Ah, eu não sabia que papai estava ali aboletado, bem escondido, por detrás de uma touceira de palhas de piaçava, escutando o rumorejar do córrego e vigiando-nos de rabo-de-olho!

Se eu contar quantas lapadas eu levei, você não acredita!

Estripulia de fod... o mundo!... Nunca mais!!!...

57

Scanned by CamScanner

CAPÍTULO VII

A decadência do garimpo



C oisa que não me surpreendeu tanto foi a minha mudança da fazenda Rancho Alegre pra Dueré. Isso porque Dueré, naquela época, nada mais era do que uma fazenda onde o gado, impreterivelmente, ia dormir dentro da cidade. Era como se fosse um grande amalhador. Estercos de reses e de jericos se viam aos montes pelas ruas.

Transitava por lá livremente uma jumentaiada que ninguém sabia ao certo quem eram os seus verdadeiros donos. Cansei de vê mãe gritar para as suas filhas:

- Ponha as mãos nos óios, minha fia, pro mode num vê i-mo-ra-li-da-de!...

- ...!!!...

Elas colocavam as mãos nos olhos, mas ficavam com os dedos abertos. E viam tudo!... Inclusive as minhas irmãs. Portanto, não tinha jeito para se evitar aquilo ali, no meio do povo. Só mesmo se matasse

99

Rancho Alegre

tudo quanto era jumento da cidade. Porque jegue não escolhe lugar para fazer as coisas!... Para enxodozar-se!... É onde está mesmo!... Ai, ele previamente abre a caixa do peito e relincha, com toda a força que Deus lhe deu, o seu característico: Ypsilon!... Ypsilon!... Ypsilon!...

Cachorro não ficava atrás não. Era do mesmo jeito ou pior. E saía aquela molecada atrás com gozação... Apontando o dedo... Chamando a atenção dos transcutes... E lascando pedaço de pau e pedra nos cachorros ou atravessando-os em cerca de arame farpado. Assim: deixando o cachorro de um dos lados da cerca e a cachorra do outro, dependurados. Quanta judiação!... Quanta malvadeza!... Mas eram coisas nossas!... De menino de corrutela que não tinha muito que fazer, senão vadiar!...

O povo andava mesmo era topando em criação miúda, pelas ruas de Dueré: porco, bode, carneiro, pato, peru, angolista e galinha choca ciscando o chão da rua. E gente com cabresto de sedenho ou de couro de catingueiro curtido pelas mãos procurando animal de sela, estimação ou serviço. Outros tocando vaca parida pras chácaras a pé, animados com tiração de leite para vender aos fregueses a preço de banana, por quase nada! E ainda uma leva de peões colocando cavalos para esquipar, no largo da cidade e nas ruas; ou para upar, em portas de botecos para fazer bonito pra mulherada, que achava bom ver peão montado num cavalo esquipador e todo enfeitado com trajes típicos. Lá em Dueré e nos seus arredores, esses caboclos tinham valor, pois eles eram uma espécie de ídolos sertanejos, de caubóis.

Encabulavam as pessoas que visitavam Dueré naquela época. Como aquilo tinha sido elevado à

100

categoria de cidade. Se juntassem todas as palhoças de garimpeiros da redondeza da Rancho Alegre, era capaz que fosse bem mais numerosa que todas as casas de Dueré, somadas. Parecia ter sido algo arrumado na política. Só sendo!... Pois era comum visitante atravessar a cidade ao meio e ir bater na porta da Rancho Alegre, perguntando quantas léguas ainda faltavam pra chegar a Dueré. Estradas? - Deus nos livre!... Escola era só mesmo pra inglês ver, passar raiva na gente: ganhar bolo de palmatória de aroeira com oito furos ao meio, em sabatina de Tabuada. Ficar de joelho sobre grãos de milho com os braços abertos e, ainda, por cima, com um tijolo sobre a cabeça, feito malabarista; isso só porque deixou de copiar a matéria do quadro-negro ou outra besteirinha-de-nada como esconder a pedra-da-licença.

Mas nós, os alunos, também tinha dia que aprontávamos o diabo de cabeça pra baixo naquele grupinho. Professora sofria pra peste conosco. Às vezes, corria com medo da turma que só o cão da cruz. Pois botávamos era com gosto de gás!...

Vasculhando a memória, recorro com precisão que automóvel era difícil em Dueré. Quase ninguém se atrevia a meter carro num lugar ordinário daqueles, encravado ali ao pé da serra onde o progresso, por certo, tardaria a chegar, e parecia ter mesmo cabeça de burro enterrada, condenando evolução, progresso. Só sendo!...

Os meios de transportes maiorzinhos, que se viam por lá, eram mesmo os carros-de-boi no transporte de madeira, cereais e mantimentos. E carga-de-surrões ou jacás erguidos no lombo de burros de tropa ou na costa de jegues de carga,

101

que sempre vinham resfolegando e com as rédeas bamboleando de frouxas ao pescoço e, regra geral, também, conduziam cereal e mantimento para serem vendidos na cidade, principalmente as quartas de farinha de puba e de tapioca, mandioca, fava, feijão-de-corda, balaios cheios de gergelim, rapadura, moça-branca, melado de cana-caiana, mel de abelha, puba pra grolado, banha de porco e massas socadas em pilão pra cuscuz-de-milho e cuscuz-de-arroz.

O garimpo ia aos poucos se arruinando, morrendo, acabando! Viam-se lágrimas de comoção! Era duro e plangente assistir aquela decadência acentuada. Um infortúnio horrível... Com os dias murchando na declinação triste das tardes!... Com os xodós dos cabarês desaparecendo exclusivamente por falta de freguês, da teia de homem que escarafunchava o chão, nas escavações. Ver o povo se despedindo, tangido pela pobreza, e se mudando pra outras plagas distantes, com uma mão atrás outra adiante, quase esmolambado; um bocado de forasteiros procurando outras bibocas como cachorro escorraçado, jurado de morte. Avolumava-se o número de casas de pau-a-pique virando tapera e fogo destruindo-as, queimando tudo! Vi o Dueré se definhando!... Retrocedendo!... E as poucas pessoas que iam ficando no lugar, de indole menos aventureira, não mais possuíam o mesmo estímulo de outrora, pois o preço do cristal de rocha no mercado era cada vez pior. Uma lástima!... Uma pasmaceira de calcanhar-de-Judas!...

Portanto, era comum, já nessa época, a gente ver garimpeiro preguiçosamente com a cara pra cima, com palestra fiada; discutindo sexo de anjo; sem ter o que fazer a não ser jogar dama, palito, dominó, sinuca, passando giz na cabeça do taco! E a jogatina apostada

102

e tiros; de bebedeira e mulherada, afinal.

Era agonizante ver tudo aquilo chegando ao fim!... Com muitos garimpeiros amolengados, desfiando os dias longos e vazios a garimpar no sistema de meia-praça, ou seja, dividindo todo o cristal de rocha arrancado do monchão com o patrão, isso para pagar a bôia do rancho fornecida por ele. Foi triste ver aquela cena que se assemelha a uma rês mansinha de coçar, da fazenda da gente, com nome próprio, que caminha pavorosamente para o matadouro, cujo fim é a sua morte, o seu próprio sacrifício. Pois para o garimpeiro não existia mais nem uma réstia de luz de esperança, que viesse dar vida ou pelo menos bruxulear sua alma garimpeira. Como é tristonho!... Melancólico!... E infinitamente plangente como o canto da rolinha sangue-de-boi no dobrar tristonho da tarde!...

Volto a dizer, a quietude do garimpo era grande, enorme, um vazio desagradável. Era homem o dia inteiro apalpando hêrnia; esfregando as hemorróidas; coçando as frieiras; aparando e limpando as unhas com ponta de faca; esgravatando o nariz; penteando os bigodes com pente de plástico, na soleira da porta; escutando o cricri dos grilos; escanchado em rede axadrezada, nos alpendres das casas, entre baforadas de cigarro porronca de fumo-de-corda, picado no canivete e aparado na concha-da-mão, depois enrolado na palha de milho curtida, ou no papel abade. E pra acendê-lo era só passar o dedo na roseta do bingo.

Neste instante, fecho o olho esquerdo para mirar com o direito no passado... E revejo muitos garimpeiros cheirando rapé e de longe a gente espiando os seus atichins gostosos de ouvir!... Outros

104

-Joaquim Moreira Filho

de cartas de baralho, nos "reservados" dos fundos de bares, onde costumemente ficavam penduradas as gaiolas dos curiosos cantadores. E ali era onde sumia pelo ralo da ambição e da desesperança o último trocadinho apurado com a venda das derradeiras pedrinhas de cristal de rocha: o grolado extraído nos rapas, o cacho-de-coco, a pirâmide e as lasquinhas, exalavam-se, sobretudo na poeira do truco, da bisca, do carteadado! E no fedor do litro de cachaça que corria de mão em mão. Um aperitivo!...

Na jogatina permaneciam eitos de hora, varando o negrume da noite, mergulhados nos deleites da preguiça, e indo até alta madrugada, no cantar do galo. O assunto predileto era a mangação das fêmeas do cabaré, com pilhérias de mau gosto e gargalhadas desenfreadas. E assim ficavam no baralho, nessa lengalenga, mastigando uma manteiga caipira, enquanto frita com uma pitada de surubim apimentada. E na hora de ir embora, um dos jogadores dizia pro caixeiro:

- Dívida a conta por quatro e pendure no prego da prateleira!...

- Sinsinhó!...

E nesses afogadilhos de débitos o garimpo ia lentamente morrendo!... Fraquejando!... Se acabando aos poucos!... Com as borocas de couro cada vez mais vazias!... Aqui, ali, acolá, ainda, se escutava histórias de riqueza fácil encontrada na abundância do cristal de rocha; de fortuna conseguida de um dia pro outro; de bambúrrio milionário; de dinheiro jogado fora, gastado à toa; de opulência, esnobismo e esbanjamento de briga em medição de esquadrejamento de barranco de cata com facadas

103

-Joaquim Moreira Filho

se alheando ao mundo, deixando o tempo correr pavorosamente, olhando distraído o vôo rasante de um beija-flor, dentro de um tempo que soleniza a chegada das chuvas.

Agora, com a flor do bulgarim pulverizando o seu cheiro incandescente e, com os raios do sol desvirginando a madrugada, silencioso e compungido fecho a porta da memória para não lembrar mais dessas estarrecidas passagens nos garimpos da Rancho Alegre, de Dueré, de toda a redondeza, onde vivi a minha meninice.

Gente, como dói esta saudade!...

Pois bem! Vou concluir falando que Dueré nunca me revelou novas surpresas. Era na essência o mesmo sertão bruto, descampado, primitivo, autêntico, de sol causticante, quente, tinindo, e das noites enluaradas; dos causos, das anedotas, das adivinhações, dos versos, das cantigas de rodas e das estórias de Trancoso; dos carros-de-boi a gemerem, das boiadas com seus berrantes chorosos invadindo os alpendres e os fundos das casas, pois eram pouquíssimos os quintais cercados; e das minhas eternas estripulias que eu vivia na fazenda Rancho Alegre. Tudo igual!... Igualzinho!...

E juro por Deus que esta quadrinha de versos de Mário Quintana, hoje, me faz lembrar nitidamente do Dueré de minha saudosa infância:

"Cidadezinha cheia de graça...
Tão pequenina que até causa dó!
Com seus burricos a pastar na

Praça...

Sua igrejinha de uma torre só..."

ANEXO 2 - ENTREVISTA COM O SENHOR JUSTO SOARES – 72 anos

Professora: Estamos aqui com o senhor Justo Soares para realizarmos uma entrevista que será a base para a produção das memórias literárias. Seu Justo, desde já agradecemos a presença do senhor aqui, sabemos que o senhor reside na fazenda, mas mesmo assim se propôs a participar dessa entrevista e nos ajudar a desenvolver este projeto.

Entrevistador: Como foi sua infância aqui no povoado?

Entrevistado: Foi muito boa, naquela época as coisas era tudo diferente, mas foi muito boa, me recordo muito bem da minha infância aqui, tinha muitos colegas, muitos amigos.

Entrevistador: E como eram as brincadeiras?

Entrevistado: As brincadeiras naquele tempo era muito diferente de hoje, num tinha carrinho, num tinha esses brinquedos, a gente é que tinha que fazer, criar as ideias de brincadeiras, mas era muito bom porque a gente brincava mais na fazenda, era tudo brincadeira mesmo de roça.

Entrevistador: O senhor disse que os brinquedos eram criados, como assim?

Entrevistado: A gente fazia os carrinhos de madeira, de lata velha, de caixas, não sobrava dinheiro pra comprar e também a cidade onde vendia era bem longe.

Entrevistador: Seu Justo, na vida a gente passa por muitas situações de medo. Gostaríamos que o senhor contasse pra nós uma situação em que sentiu medo.

Entrevistado: Na minha infância, os mais velhos contavam muitos casos de bichos, coisas que apareciam nas matas, tinha o paroen e a gente morria de medo de andar sozinho.

Entrevistador: E o senhor estudava, teve oportunidade de frequentar a escola naquela época?

Entrevistado: Estudei muito pouco, naquela época não tinha escolas. Os pais é que se juntaram e construíram duas salas com palha de buriti e pagaram um professor articular pra ensinar, aprendi o mínimo e já saí da escola. Depois quando construíram o colégio e voltei, mas só terminei o ensino médio depois de velho.

Entrevistador: Então o senhor estudou aqui quando esse colégio foi construído e como era essa construção no início?

Entrevistado: No início foram construídas só duas salas e dois banheiros

Entrevistador: E como funcionava a escola? Como eram as aulas?

Entrevistado: Naquele tempo num tinha o estudo de hoje, a gente estudava tudo na cartilha, o professor ensinava e no fim de semana tinha o agrumento, era um teste pra ver o que cada um tinha aprendido. Tinha que saber ler, escrever e fazer as contas.

Entrevistador: Ha quanto tempo o senhor mora nessa cidade?

Entrevistado: Sessenta e seis anos

Entrevistador: Conta um pouco pra nós sobre a trajetória de vida do senhor

Entrevistado: Quando cheguei aqui era um menino e tudo isso aqui era um deserto, poucos moradores. Fui criado aqui, com 36 anos saí pra outra cidade, mas logo voltei. Já fui vereador e hoje sou funcionário público

Entrevistador: Qual o fato que marcou a vida do senhor nesse lugar?

Entrevistado: Vou falar um bom e um ruim. O ruim é que quando eu tinha 15 anos minha irmã faleceu inesperadamente e deixou os filhos pequenos, isso eu nunca esqueço, porque todos sofreram muito. E de bom foi a minha infância na fazenda com meus pais e meus seis irmãos, a gente tinha uma vida humilde mais muito boa.

Entrevistador: Naquela época, quais as lendas que o povo contava. Hoje tem o saci, tem a mula sem cabeça e várias outras e na sua infância também eram estas?

Entrevistado: Aqui a história mais famosa era do Paroen, um bicho que vivia nas matas, parecia gente, mas tinha os pés de garrafa, aparecia gritando e assombrava as pessoas a noite.

Entrevistador: Seu Justo, hoje o povo comemora muito as festas juninas, aqui por exemplo tem a tradicional festa de São Joao Batista e naquela época quais eram as estas que tinham aqui no povoado?

Entrevistado: Festa de São Joao desde que criou o povoado que tem. Minha mãe era devota desse santo. Hoje é só um dia de festa, mas antigamente a festa de São João Batista durava três dias. Naquele tempo a gente vivia esperando o dia de um santo pra poder fazer festa. Cada família tinha se santo devoto e fazia as missas acompanhadas de festa e muita comida.

Entrevistador: E como eram essas festas?

Entrevistado: As festas eram forró tocados numa sanfona pé de bode e os tocadores eram seu Pedro Campos, seu Selvino (falecido) e seu Martiliano Campos (falecido), era só falar com eles e estavam prontos pra tocar e tocavam a noite toda.

Entrevistador: Hoje, o povo fala muito sobre questão de namoro. Como era o namoro de antigamente?

Entrevistado: Muito diferente de hoje. A moça ficava na casa do pai e só encontravam nas festas sobre os olhos dos pais. O namoro era pra casar e tinha que casar logo

Entrevistador: E sobre o trabalho seu Justo, como era? Onde as pessoas trabalhavam, como faziam pra se sustentar?

Entrevistado: Naquela época, o trabalho era o braçal. Não tinha máquinas, não tinha motosserra, não tinha trator. Era no machado, facão, enxada e assim a gente derrubava as matas, tocava fogo, preparava a terra, plantava e dali que tirava o nosso sustento.

Entrevistador: E como era a condição financeira dos habitantes do povoado?

Entrevistado: Antes de ter o mercadinho a gente nem preocupava muito com dinheiro porque vivíamos do que produzíamos, aqui não tinha medico, não tinha enfermeira, quase tudo era tratado com remédios caseiros. A gente juntava um dinheirinho pra ir fazer uma compra uma vez por ano na cidade. Comprava só o que não dava na roça.

Entrevistador: E as casas, como eram as casas?

Entrevistado: As casas eram todas de palha, palha de piaçava e de buriti. A primeira casa de bloco e telha construída aqui foi a casa onde funcionou o mercadinho, era de um senhor chamado Renato que era parente do senhor Dorival , homem que teve a ideia de criar o povoado. Na época também teve a ideia de fazer uma estrada para ligar o povoado até a cidade de Araguaçu. A estrada foi construída por vários homens que derrubaram tudo com enxada, machado e foice. Foram muitos dias de serviço. Logo o Povoado foi crescendo, as famílias iam chegando e construindo casinhas de palha e o povo das fazendas vinham pra se divertir no fim de semana

Entrevistador: E quem foram os primeiros a chegar nessas terras?

Entrevistado: Nas fazendas foram o senhor Nestor e Silvério e toda a família Passarinho. Logo vieram outros fazendeiros na década de 1940 e com eles o senhor Dorival Roriz que comprou a fazenda Lago Bonito e decidiram criar o povoado que recebeu o nome de Dorilândia em sua homenagem.

Entrevistador: E o comercio, como era o comercio por aqui?

Entrevistado: O comercio era mito escasso, a gente tinha que comprar o que precisava em Araguaçu, que na época se chamava Matinha, se lá não tivesse tinha que ir pra Porangatu. A gente só ia uma vez no ano e tinha que comprar todo porque no inverno ninguém conseguia sair daqui, enchia tudo de água. Tinha coisas que a gente tinha que ter, por exemplo, o sal. Não tínhamos geladeira, então a carne era salgada e seca.

Naquele tempo, Formoso do Araguaia era um garimpo de cristal de rocha. Depois foi crescendo também.

Entrevistador E o transporte como era?

Entrevistado: A gente ia pra todo lugar de tropa, não tinha carro, nem moto, nem mesmo bicicleta. Quando a gente ia pra Araguaçu, a viagem durava uns oito dias, isso no verão, no inverno era quase impossível. Uma vez eu e minha mãe passamos 22 dias na estrada. Pra ir pra Formoso era uma viagem de uns 3 dias no lombo do animal.

Entrevistador: E a comunicação como era feita?

Entrevistado: Naquele tempo era muito difícil a comunicação. Era através de cartas que demoravam meses pra serem respondidas. Não tinha rádio, não tinha televisão. Não tinha nada.

Entrevistador: O que o senhor sente saudades e gostaria que continuasse?

Entrevistado: A minha infância foi muito difícil, não tinha roupas, calçados, brinquedos, mas a gente tinha muito amor, muita união e isso era muito bom.

Entrevistador: No livro do escritor tocantinense Juarez Moreira Filho, ele fala de temas como: plantio da mandioca, farinhada, engenho de cana de açúcar, plantio de melancia, enchentes. O senhor tem lembranças dessas coisas na sua infância?

Entrevistado: Lembro muito, o dia a dia na fazenda era assim. A gente plantava mandioca pra fazer farinha e reunia todos na hora da farinhada e da moagem da cana pra fazer rapadura. Até hoje eu faço isso na minha terrinha.

Professor: Seu Justo, estamos chegando ao final da entrevista e gostaríamos de agradecer-lo por nos ceder um pouco do seu tempo e nos fornecer essas informações tão preciosas. O senhor gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Entrevistado: Só gostaria de dizer que fico feliz de terem me escolhido porque gosto muito de falar da minha cidade e das pessoas que fazem parte da nossa história nesse lugar.

ANEXO 3- FOTOS DO DIA DA ENTREVISTA E EXPOSIÇÃO DE OBJETOS E FOTOS ANTIGAS





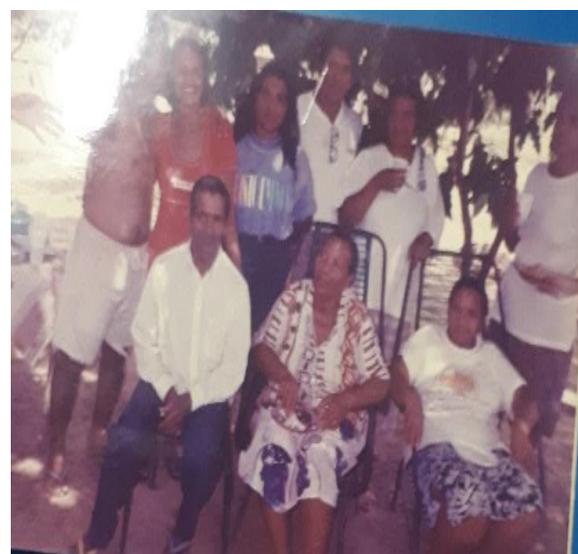
Silvério e familiares.



Estrada que ligava o povoado à Araguaçu



Primeira casa de bloco e telha da região e local do mercadinho



Nestor e filhos